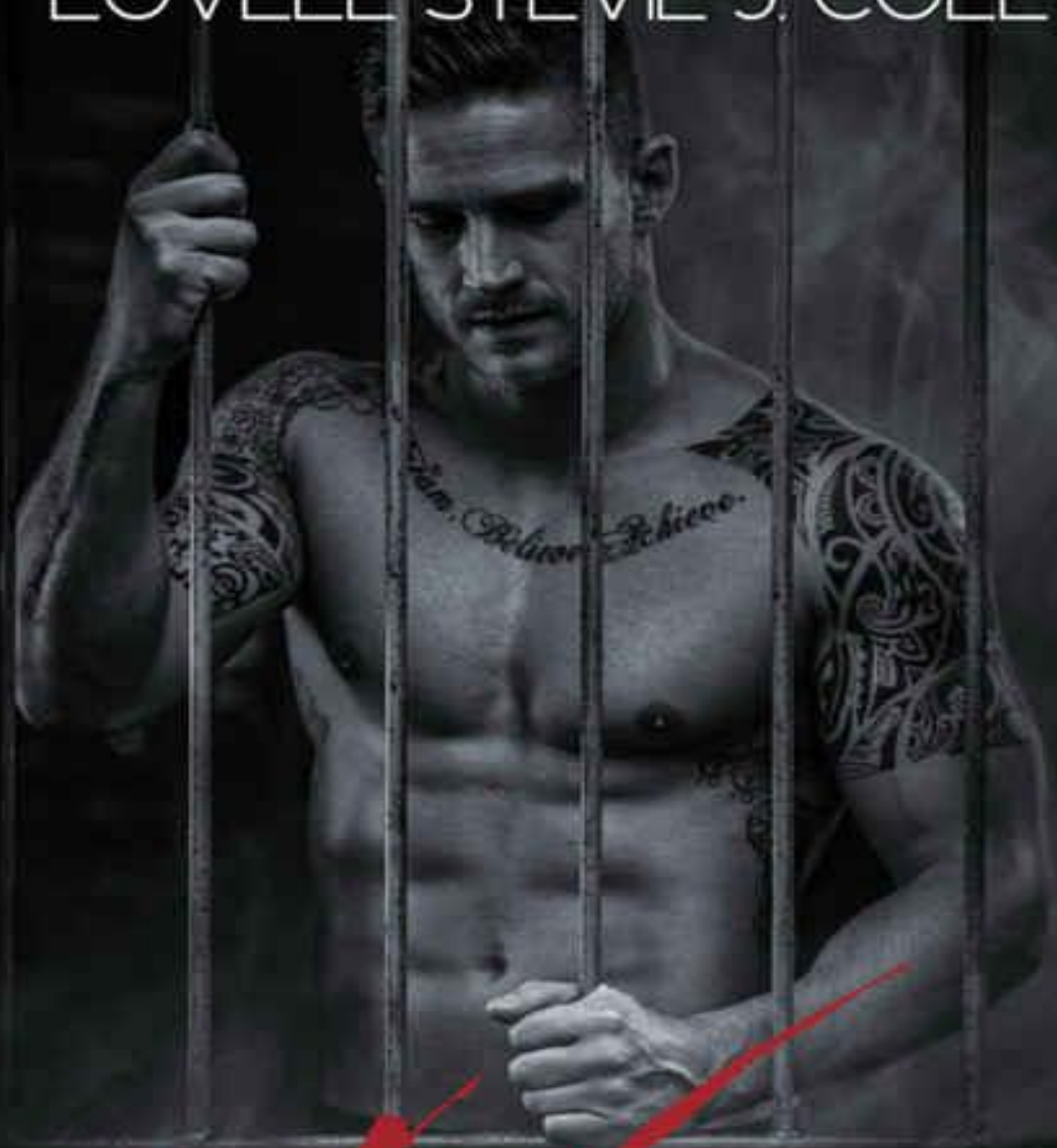


LP LOVELL STEVIE J. COLE



Wire



Disponibilização: Eva

Tradução: Drika

Revisão: Nora

Leitura Final: Eva

Formatação: Niquevenen

Ton

Jude e eu conseguimos salvar algo bonito dos destroços devastados pela guerra em nossas vidas, uma felicidade que pagamos com sangue. Lutamos para chegar até aqui, deixando partes de nós mesmos ao longo do caminho. Pensei que este era o felizes para sempre em nosso conto de fadas distorcido, mas eu estava errada.

Jude

Eu posso estar livre por definição. Essa liberdade custou caro e minha família está prestes a pagar seu preço. A qualquer momento, essa fachada vai desabar. Difícil. A vida que eu vivi - aquele tipo de mundo - macula as pessoas e não importa o quanto você tente, nunca será capaz de escapar da sua ira. Nem mesmo da morte.

Amor. Medo. Perda.

Estamos andando sobre um fio e tudo o que está abaixo de nós é destruição.



JUDE

Eu fico de pé na beirada da varanda, olhando para o corpo do homem esparramado no chão. Uma estaca de metal da cerca atravessada no meio do peito e sangue está derramando sobre a areia branca. Tudo o que posso fazer é balançar a porra da minha cabeça. "Que porra é essa, Gabriel?" Eu olho para ele. Há sangue respingado em seu rosto bronzeado e sua camisa branca está encharcada dele.

Ele dá de ombros. "O que você queria que eu fizesse, gringo? Ficasse ali em pé e deixasse ele me matar?" Ele revira os olhos e deixa escapar um suspiro exasperado.

Eu puxo um cigarro do bolso e acendo. "Porra. Não traga suas merdas para a minha ilha, que tal?" Solto fumaça dos meus lábios ainda olhando para o pobre coitado sangrando na areia.

"Eu não *trouxe*. Ele veio sozinho. Você acha que quero ele aqui? Eu tenho certeza que distendi um músculo derrubando o filho da puta." Ele levanta o braço, trabalhando-o em círculos.

Ando mais adiante e pego a estaca, arrancando-a fora da caixa torácica do cara e jogando-a no matagal. "Arrume a porra da minha cerca." Eu aponto para ele. "Vou descontar na sua próxima fatura, Gabe. A Tor gosta daquela maldita cerca," murmuro.

"Você queria que eu o matasse com minhas próprias mãos, como um selvagem?" Ele pergunta, cruzando os braços sobre a camisa manchada de sangue.

"Você é um chefe de cartel, Gabriel, não aja como se fosse todo refinado ou algo assim." Balanço a cabeça antes de jogar meu cigarro meio fumado no chão.

Ele olha para o punho da camisa. "Putá Merda. Esta camisa era nova." Ele balança a cabeça.

"Ajude-me a tirar esta merda daqui antes que Tor veja. Jesus Cristo fodido, você não viu merda até que tenha visto aquela mulher brava ..."

Ele sorri. "Tor gosta de mim."

"Sim, claro que ela gosta, até ver o fodido morto -" olho para ele, "o que ele é? A porra de um membro do cartel?"

"Sim, ele é um dos caras do Lopez."

"A porra de um membro do cartel *Sinaloa*? Droga, Gabriel." Passo minhas mãos pelo cabelo, meio tentado a socar seus dentes em sua maldita garganta. Minha mandíbula aperta conforme olho para ele.

Gabriel tem sido meu parceiro de negócios desde que me mudei para a ilha. E mesmo que ele tenha de alguma forma acabado sendo meu amigo, juro por Deus, se ele não fosse o líder do cartel Juárez, eu cortava sua garganta por algumas das acrobacias estúpidas que ele faz.

Gabriel revira os olhos. "Eu já fiz uma ligação. Ele vai estar morto amanhã. Você se preocupa demais."

"Quem será morto? O porra do Lopez?" Eu gemo. "Por favor, podemos deixar meu nome fora desta merda? Não é suficiente que você estragou a merda da cerca através do coração dele." Eu ando mais para frente e seguro os braços do homem morto. "Traga sua bunda da Columbia aqui e me ajude."

Ele me dá um tapa no ombro. "Você precisa de uma bebida, mi amigo." Ele pega os tornozelos do cara e um olhar de desgosto cruza seu rosto.

Ouçõ a porta dos fundos abrir e fechar, e meus olhos arregalam. "Porra, Gabriel," sussurro. "Viu... seu filho da puta -"

"Jude?" Tor grita do terraço de trás.

"Ajude-me," sussurro em pânico. Gabriel me ajuda a levantar o cara, mas posso ouvir Tor descendo os degraus. *Merda*. Olho para Gabriel e concordo com a cabeça. "Pronto?" digo. "Um." Nós balançamos seu corpo mole. "Dois... três." Nós soltamos e ele cai nos arbustos a alguns metros de distância, a ponta do sapato social brilhante aparecendo fora das folhas de hortênsia.

Tor vira, os olhos mudando de mim para Gabriel, em seguida, estreitando.

"Tor," diz Gabriel. "Linda como sempre." Ele lhe dá um sorriso ofuscante e ela olha acusadoramente para mim.

"O que está acontecendo?" Ela pergunta. "Por que você está se escondendo no jardim com Gabriel?"

"Só conversando."

"*Mesmo?*" Diz ela, levantando uma sobrancelha.

"Sim, sobre pôneis," digo, e Gabriel abafa uma risada.

O olhar dela lentamente vai para ele e sua camisa ensanguentada. "Pôneis assassinos?"

"Uh ..." começo.

Ela coloca as mãos na cintura. "Você tem sangue no corpo inteiro!" Ela diz, olhando para Gabriel. "Ambos! O que vocês fizeram?" Ela olha em volta. "E onde está a estaca da minha cerca?"

Eu olho para Gabriel com o canto do olho. Aquele desgraçado vai pagar por essa merda. Ela dá um passo para onde a estaca está faltando, ao lado do maldito arbusto. Seus ombros ficam tensos e ela engasga.

"Merda," murmuro, passando a mão sobre meu rosto.

"Jude," diz ela com calma antes de virar para me encarar. "Por que há um homem morto nos meus arbustos?"

"É só ... porra é, Tor."

"Jesus ..." ela suspira. "Você!" Ela aponta para Gabriel, e juro que ele recua. "Não traga sua merda para a minha casa."

Ele suspira. "Eu não *trouxe*." Balanço a cabeça para ele, porque ela vai perder a cabeça.

"Bem, então quem foi? O maldito Papai Noel?" *Droga, eu amo essa mulher.* "Eu juro que vou matar você, Gabriel. Minha filha está naquela casa!" Ela dá um passo em direção a ele e ele dá um passo para trás, olhando para a estrutura pequena dela. "Você me deve uma estaca da cerca." Ela se vira e caminha de volta para a casa. "E livre-se dessa porra de corpo, Jude! Você tem trinta minutos antes do jantar estar pronto."

Gabriel se vira para mim, um sorriso em seu rosto quando se arruma. Eu olho para ele. "Não posso evitar," ele dá de ombros. "Essa é uma mulher."

"Uma mulher da porra."

2 TOR

"Aqui estão as batatas," Marney diz, colocando a tigela no meio da mesa antes de sentar. Cayla mexe no meu quadril conforme eu solto a bandeja do seu cadeirão.

"Obrigada, Marney."

Ele pisca e segura o pé da Cayla, acariciando-o conforme eu a coloco no lugar. Ela pula quando a porta de trás abre. Jude e Gabriel entram valsando como ladrões. Eu olho para eles e balanço a cabeça. "Nada de roupa sangrenta na mesa." Eu aponto para eles o corredor. É assim estar com Jude, amá-lo. Contanto que ele limpe sua bagunça e não traga-a para dentro de casa, não me importo. Eu não posso.

Marney ri para si mesmo enquanto pega um guardanapo e coloca-o sobre seu colo. Alguns momentos depois, os rapazes voltam para a sala de jantar em camisas limpas e sentam.

"Tem um cheiro delicioso," Gabriel diz, sorrindo. Sempre encantador, esse cara.

Gabriel é colombiano, com o bronzeado, o cabelo escuro e olhos exóticos verde-jade. E com seus ternos caros e o ar de autoridade que ele usa tão bem... ele grita dinheiro. Dinheiro sujo, é verdade, mas eu conheço melhor do que a maioria a atração de um bad boy. Ele tem uma casa na ilha e vem visitar - ou escapar de Juárez City - uma vez a cada dois meses. Sei que ele tem alguma merda desonesta com o cartel, e Jude lava o dinheiro dele, com o que eu não estou muito satisfeita, mas esta é a primeira vez que o *trabalho* do Gabriel o seguiu para a ilha. Independentemente disso, é difícil não gostar de Gabe - quando não está matando homens aleatórios no meu jardim.

Sento-me ao lado de Cayla e corto seu bife. "Então, você se livrou do seu *amiguinho*?" Pergunto.

Jude pega um pão do meio da mesa e sorri conforme dá uma mordida. "Sim."

"Só cortei e joguei no mar para os peixes," diz Gabriel. "Não era a minha escolha, mas Jude estava com pressa."

"Adorável." Pigarreio, colocando o bife e batatas na bandeja de Cayla. Ela pega um punhado e joga em seu rosto, fazendo uma bagunça completa. "Quanto tempo você vai ficar na ilha dessa vez, Gabe?"

"Ah," ele encolhe os ombros, "Eu não sei."

"E mais algum dos seus *amigos* vão fazer uma visita ao meu jardim da frente? Você sabe, apenas no caso de eu precisar estocar umas estacas de cerca."

Rindo, ele desdobra o guardanapo. "Espero que não." Ele fecha os olhos e estica as mãos, tentando pegar a mão de Jude. Jude olha pra ele e Gabriel dá de ombros, pegando a mão de Cayla no lugar. *Aqui vamos nós ...* "Vamos rezar."

Eu olho para ele. "Não me faça jogar alguma coisa em você, Gabriel," digo.

"Eu não como alimentos que não tenham sido abençoados," diz ele e levanta uma sobrancelha para mim.

"Porra," Jude resmunga, passando a mão sobre o rosto para limpar antes de olhar para mim.

Inclinado para a frente, estreito meus olhos para o Gabriel. "Então, você não pode comer alimentos sem orar, mas pode matar um cara e está tudo bem? Acho que você e o Big Man podem precisar conversar."

Ele dá de ombros. "Eu não faço as regras."

"Claramente," Jude diz, levando uma garrafa de cerveja aos lábios.

Todos nós sentamos, observando Gabriel dizer uma oração em espanhol. Quando ele abre os olhos, balança a cabeça. "Sua alma não é minha preocupação," diz ele, em seguida, colcoa uma garfada de carne na boca, seus olhos rolando para trás enquanto mastiga. "Tão bom. A sua irmã ainda está casada?" Ele pisca.

Gabriel maldito.

"Eu vou consertar sua cerca, boneca," Jude diz, me dando um pequeno sorriso que faz meu coração vacilar. *Droga, estes dois.*

Eu viro os olhos. "Merda assim só acontece quando você está por perto, Gabriel," digo.

Ele sorri. "Eu deixo sua vida emocionante, não é?"

"Sua ideia de emoção e a minha, são muito diferentes." Viro para Cayla, limpando suas mãos e rosto com uma toalha de papel. Ela faz uma tentativa lamentável de lutar comigo, resmungando e se agitando. "Você é uma porquinha," digo a ela, limpando pedaços de batata do seu cabelo.

"Ouvi dizer que é seu aniversário amanhã, pequena señorita," Gabriel diz a Cayla e ela sorri para ele. Deus, ela está encantada por ele. "Eu tenho uma surpresa para você."

"Eu não quero nem saber," suspiro.

pausa

Beijo a testa de Cayla, sorrindo para o seu rostinho tranquilo enquanto dorme. Seu cabelo loiro quase branco está espalhado por todo lugar e ela está esparramada como uma estrela do mar. A porta da frente bate e eu me encolho com o som repentino. Cayla se mexe na cama, mas não acorda.

Saio do seu quarto, fechando a porta assim que Jude chega ao topo da escada. Tropeçando um pouco, ele segura a parte de baixo da camiseta e puxa o tecido sobre a cabeça enquanto se aproxima de mim. Meus olhos não podem evitar, e vão para baixo para aquelas linhas em V sexy dele que sedutoramente mergulham para baixo da cintura da calça jeans.

"Você se divertiu?" Pergunto, mantendo minha voz baixa.

Seus dedos correm ao longo da minha cintura enquanto ele se inclina e pressiona um beijo na minha garganta. "Não foi tão divertido quanto o que estou prestes a fazer." Seus dentes passam pela minha pele e ele inala no meu pescoço. "Porra, você cheira tão bem," ele murmura.

"E você cheira uísque," digo. *Uísque e cigarros com um ligeiro toque metálico de sangue.* Em outra vida, teria me incomodado, mas aquela menina desapareceu há muito tempo.

"Hmm," ele respira contra a minha pele e eu inclino a cabeça para o lado, permitindo-lhe mais acesso. "Você fica sexy pra caralho quando está brava."

"Onde está Gabriel?" pergunto.

A mão de Jude corre pela frente da minha camisa, afundando lentamente entre as minhas coxas. Ele pega entre as minhas pernas e geme antes de me bater contra a parede.

"Gabe foi para a casa de alguma mosca do bar," diz ele antes de me beijar brutalmente.

Mais de dois anos com ele e seus beijos ainda me deixam fraca. Ele agarra minha camiseta, arrastando o meu short pelas minhas pernas enquanto me leva em direção ao nosso quarto. "Você acha que pode simplesmente encantar o seu caminho até minha calcinha depois da merda que você arrastou mais cedo?" Pergunto entre seus beijos duros.

Sua mão vai ao redor da minha garganta, os dedos vacilando entre um aviso e uma promessa. "Você me fode em qualquer lugar. De qualquer forma. Qualquer porra de hora, boneca."

Ele puxa meu pescoço, puxando-me para ele antes de me empurrar para o nosso quarto e soltar a minha garganta. Seus braços maciços me envolvem, me puxando contra seu corpo. Sua pele quente pressiona contra a minha quando ele agarra minhas coxas e me levanta. Eu envolvo minhas pernas na sua cintura e ele anda pelo quarto, fazendo-me sentir pequena e delicada contra seu corpo maciço conforme seus beijos queimam uma trilha na lateral do meu pescoço.

Ele me joga na cama, ficando em cima de mim enquanto tira a roupa. Eu nunca supero quão bonito ele é. Quão escuro e perigoso. Tatuagens correm sobre a pele bronzeada, cada músculo flexionando debaixo da tinta escura conforme ele se move. Jude é a minha versão distorcida do felizes para sempre, meu príncipe manchado de sangue em um mar de violência e vingança.

Meu corpo se aquece quando seus olhos famintos correm sobre mim, travando seu olhar entre minhas pernas antes de agarrar meu quadril e me virar de bruços. Ele levanta a minha bunda, pressionando para baixo a parte inferior

das minhas costas enquanto se inclina sobre mim e bate dentro de mim, forçando um gemido dos meus lábios.

"Porra, a sua buceta é sempre tão boa," diz ele com um gemido. Sua mão desliza ao longo da minha espinha criando um arco perfeito antes dele segurar meu cabelo e puxar minha cabeça para o lado para esmagar seus lábios sobre os meus em um beijo com raiva. "Você sabe o quão boa você é?" Ele respira contra a minha boca.

Eu enrolo a mão em volta do seu pescoço e empurro para trás contra ele. "Foda-me com mais força," imploro, puxando seu lábio entre os dentes. Rosnando, seu ritmo acelera, seus dedos cavando no meu quadril enquanto ele violentamente empurra para dentro de mim uma e outra vez. Com cada impulso, ele solta uma ligeira pontada de dor e eu adoro isso, apertando em volta dele. Ele se move como se estivesse fisicamente tentando foder-se dentro de mim.

Minha cabeça cai para a frente, uma série de gemidos escapando da minha garganta conforme ele coloca beijos quentes ao longo da lateral do meu pescoço. Ele me fode até que estou tremendo e gemendo, implorando-lhe por alguma coisa, qualquer coisa. Uma mão serpenteia pelo meu corpo e ele aperta meu clitóris entre os dedos grossos, calejados. Em seguida, os dentes afundam na pele macia entre meu pescoço e o ombro.

"Jude," suspiro com uma respiração estrangulada, o prazer rasgando pelo meu corpo como um tsunami. Meus pontos de visão, minha respiração me deixando com pressa.

"Porra, Tor," ele solta, suas estocadas se tornando duras e irregulares. Ele exala um longo gemido antes de acalmar, envolvendo os braços em volta de mim enquanto descansa a testa contra a parte de trás do meu pescoço. Respirações quentes sopram sobre a minha pele e eu solto a minha cabeça, tentando recuperar o fôlego. Seus lábios pressionam suavemente contra as minhas costas e eu sorrio antes dele sair de dentro de mim, caindo de costas e me puxando para cima dele.

"Deus, eu amo foder você, boneca," ele diz, enquanto corre seus dedos ao longo das minhas costas.

Eu rolo meus olhos. "Que sedutor."

"Você ficaria entediada com qualquer outra pessoa." Um pequeno sorriso aparece em seus lábios.

"E ninguém mais iria suportar sua bunda. O corpo de um homem no meu quintal ..." resmungo.

Jude passa a mão pelo meu cabelo. "Você gosta disso." Ele pega meu rosto, beijando-me com força.

"Do que? Você e seu amigo mexicano sanguinário arruinando a minha cerca?"

"Ele é colombiano." Ele sorri.

Eu rolo meus olhos. "Melhor ainda."

"Vamos, boneca. Você sabe que nós tivemos nossas melhores fodas cobertos de sangue. Lembre-se de boa ole' Mussa ..." Ele beija minha garganta, seus dentes me beliscando. "Então teve a foda que nós nos amontoamos no portamalas do meu carro aquela vez ..."

"Não me arraste para baixo no seu nível." Empurro-o brincando e ele circunda os dedos no meu pulso, prendendo-me a ele.

"Você desceu até o meu nível desde a primeira vez que me *implorou* para te foder." Ele tira o rosto do meu pescoço e ri. Eu não posso evitar mas quero dar um tapa nele.

"Uma hora você é uma mulher respeitável," digo, "na próxima você está apaixonada por um criminoso. Em seguida, antes que você perceba, está fodendo no sangue. Você é uma influência terrível."

Ele ri. "Você não é melhor, você me fez amaciar."

"Diga isso para o homem morto com a estaca da minha cerca no peito." Ouço um som leve do fundo do corredor e inclino a cabeça para o lado para ouvir. *Cayla*. Com um suspiro, afasto-me de Jude, rastejando até a beira da cama. Ele dá um tapa na minha bunda e eu grito.

"Eu vou," diz ele.

Empurro seu peito e ele cai de volta no colchão. "Não, eu vou." Fico de pé e me inclino sobre ele, beijando-o rapidamente. "Ela vai ficar bêbada só com a sua respiração." Sorrio e vou para a porta, puxando um roupão de trás dela.

Cayla com certeza sabe como escolher seus momentos.

3

JUDE

As ondas batem contra a madeira apodecida do cais. E eu espero. Puxo um cigarro do meu bolso, acendo-o, e dou uma tragada profunda, deixando a fumaça rolar dos meus lábios enquanto olho sobre as águas azul-turquesa. O som da lancha se aproximando crepita no ar. Dou outra tragada, observando o velho cubano limpar o suor da testa enquanto dirige o barco. A lancha bate na lateral do cais e ele fica de pé, jogando uma corda para mim. Eu seguro o cigarro entre os dentes enquanto pego a corda e a amarro em volta de um dos postes de madeira.

"Hola, mi amigo. Tienes un paquete para tu."

Estreito meu olhar nele. "Hablo Inglés porra."

"Pacote, eu tenho um pacote para você," diz ele. Ele se inclina, a bunda pesada sentada na beira do barco conforme puxa para fora uma sacola de couro, de banco, e entrega para mim. Eu abro, contando o dinheiro antes de dar outra tragada e atirar o cigarro na água. Concordando com a cabeça para ele, desamarro a corda e jogo-a dentro do barco antes de caminhar de volta pelo cais.

Atravesso a areia quente e subo a colina em direção ao meu bar. As músicas de Bob Marley soam pelas portas abertas, e eu seguro o corrimão de madeira conforme chego na varanda. A brisa agradável me alcança quando vou para dentro.

O baixinho, careca, idiota do Pepe está de pé atrás do bar, limpando o balcão enquanto canta junto com a música. Puxando a sacola do banco da minha cintura, eu ando direto para o bar e coloco-a no balcão. Pepe olha para cima e sorri enquanto desliza-a através do bar. "Buena tardes, señor," diz ele enquanto

se inclina para baixo para destrancar o cofre debaixo do bar. "Gabriel está lá fora."

"Obrigado, Pepe."

Ando entre as poucas mesas e empurro para abrir as portas que levam para o terraço. Gabriel está na mesa à direita fora da saída, bebendo uma cerveja e olhando para a água azul. Ele mal se parece com um chefe de cartel agora. Ele combina tão bem com os turistas, os habitantes locais. E não é tudo parte disso? Misturar-se. Eu puxo uma cadeira e sento na mesa de metal de bistrô em frente a ele. "Eu gosto do que você fez com esse lugar, amigo," diz ele, sorrindo.

"Funciona bem o suficiente para bêbados," sorrio. "E é uma fachada boa o suficiente para lavar dinheiro." Ele balança a cabeça e toma outro gole de cerveja.

Nós sentamos em silêncio por um momento, ambos absorvendo o ambiente sereno, mas minha mente continua indo para ontem à noite. Para o cara de Jesus. Eu não queria entrar nisso com Gabe na noite passada. E não há nenhuma maneira no inferno que eu teria feito isso na frente de Tor no jantar... "Gabe," digo, recostando-me na cadeira e puxando um cigarro do meu bolso. "Você descobriu mais alguma coisa sobre por que diabos aquele cara estava no meu jardim?" Eu acendo o cigarro e olho para ele.

"Bem, não é preciso muito para Lopez tentar me matar." Ele cruza as mãos atrás da cabeça e encolhe um ombro. "Você sabe disso."

"Sim, sim, eu entendo, mas por que diabos ele estava na minha casa?" Sopro fumaça através dos meus lábios. "Você disse que ele já estava lá quando chegou. O que diabos ele estava fazendo lá, Gabe?" Um momento de pânico rasga através de mim. E se o cartel realmente quer a mim depois de todo esse tempo? Jude Pearson está morto para todas as intenções e propósitos. Eu uso um nome falso com qualquer merda de negócios que eu lide – qualquer um com quem eu converso com exceção de Gabe - mas não sou estúpido. Sei que o alcance deles é longo.

"Domingo?" Pergunto.

Ele inclina a cabeça para o lado. "Eles teriam enviado muito mais do que um cara se soubessem sobre Domingo."

Eu tamborilo os dedos sobre a mesa, meus nervos disparando como fogos de artifício. "Então por que?"

"Boa pergunta, mi amigo. Você sabe como essas coisas funcionam. Matar-me serve a um propósito temporário. Eu morro e alguém vai entrar no meu lugar, mas o dinheiro... corte o dinheiro e faça um dano real." Ele pega sua cerveja.

"Então, eles me querem morto só porque eu limpo a porra do seu dinheiro?" Passo a mão pelo meu cabelo. "Você deve estar brincando comigo."

"Ah," um ligeiro sorriso aparece em seus lábios, "ninguém faz o que você faz."

"Há muitos responsáveis pela lavagem de dinheiro fodas."

Ele ri. "Não como você. Você é indetectável, como um fantasma."

"Bem, estou morto, porra."

"Exatamente," diz ele com um sorriso. "Você não existe e portanto, o meu dinheiro não existe. Os federais devem estar se cagando tentando encontrá-lo." Ele sorri. "Agora, eu não tenho muito problema com os federais, mas Lopez... está em Juárez. Eles estão muito perto dele; ele sente-os cada vez que pega uma merda."

"Olha," gemo, "a única razão que me ofereci para lavar seu dinheiro imundo foi a proteção, já que os federais simplesmente me penduraram para secar..."

"E olhe para nós agora, compadres, amigos." Ele ri e levanta sua cerveja no ar para um brinde.

Eu olho para ele, descontente. "Mas se essa merda for me matar, Gabe ..."

"Acho que ele estava apenas olhando." Ele acena uma mão no ar. "Agora ele está morto, então não vai informar nenhuma merda para Lopez. Vou resolver isso."

"É melhor você matá-lo," digo.

"Eu tenho uma cara." Gabriel pega um cigarro do maço sobre a mesa, coloca-o entre os lábios, e acende. "Ele é bom. Ele vai deixar tudo confuso para enviar uma mensagem clara."

"Não posso lidar com essa merda."

"Você se preocupa demais, cara." Ele sorri, soprando uma longa corrente de fumaça.

"Você envolve minha cerca com alguma porra de cartel e eu não devo me preocupar?"

Ele revira os malditos olhos para mim. "Um ninguém. É irrelevante. Lopez é o problema e vou cuidar disso."

"Irrelevante..." balanço a cabeça. "Jesus, Gabe!"

Uma mulher em um vestido curto caminha para o terraço com uma bebida na mão. Seu olhar desvia de mim para Gabriel e ela sorri, mordendo o lábio. Eu olho para o relógio e levanto da cadeira, apontando para Gabe. "Eu juro por Deus; gosto de você mas tem que manter o seu negócio de merda do cartel fora da minha casa."

Ele balança a mão para mim, seus olhos agora fixos na bunda da mulher. "Eu te vejo esta tarde," diz ele conforme sigo para os degraus na lateral do terraço. "Eh, cholita." Ouço-o assobiar para a mulher e simplesmente balanço a cabeça.

Tenho uma sensação de merda sobre tudo isso, como se a pequena cerca após o incidente tenha acabado de desencadear uma reação em cadeia de merda total. Talvez eu esteja apenas ficando velho. Muito longe de toda matança e derramamento de sangue que uma vez dominou minha vida. Eu não sei, mas simplesmente não consigo me livrar dessa nuvem que paira ameaçadoramente sobre a minha cabeça.

TOR

Hoje é o aniversário de Cayla.

Juro que Jude está mais animado do que ela porque minha filha de dois anos de idade está sentada em seu cadeirão comendo bolo de chocolate de café da manhã - a pedido de Jude.

Jude está colocando uma fatia em sua boca enquanto se senta ao lado dela, lendo o jornal da manhã. Cayla já tem glacê em seu cabelo e um olhar possuído no rosto de toda a animação.

"Você pode lidar com o açúcar elevado disso," digo para Jude conforme limpo glacê do rosto dela.

Marney entra na cozinha vestindo calças de pijama e uma camiseta que vai por cima da sua barriga sempre em expansão. Ele pega seu café, olha para Cayla, e se joga na mesa da cozinha.

"A mamãe é malvada, não é, Cayla?" Jude diz, fazendo cócegas embaixo do pé dela. "Não quer que a nossa princesinha coma bolo no seu aniversário." Cayla grita, olha para mim, e coloca a língua para fora. Jude ri. "Viu, Tor," diz ele apontando para Cayla, "ela sabe que você está de mau humor no seu dia especial."

Meu queixo cai. "Sua..." digo a ela. "Não vá pro lado do seu pai. E você..." aponto para Jude, "poderá dizer a ela por que tem dentes horríveis quando for mais velha. Além disso, estilo de vida sedentário e bolo no café da manhã..." levo meus olhos para baixo em sua barriga. "Cuidado aí, papai Bod." Eu sorrio.

Jude ri conforme coloca outro pedaço de bolo em sua boca e levanta sua camisa para revelar seu abdômen ridículo. "Isto não está indo a lugar nenhum,

boneca. E, quanto aos dentes," ele dá mais uma grande mordida, cobertura sujando seu nariz "é para isso que os dentistas servem." Ele limpa a mão em um guardanapo e levanta-se de sua cadeira, curvando-se ao lado do cadeirão de Cayla. "Eu acho que a mamãe precisa de um pouco de bolo, não é, boneca?" Seu olhar vai para mim.

Ela bate palmas e sorri, concordando com a cabeça com Jude. "Mamãe precisa de bolo," diz ela.

"Sou civilizada. Eu não como bolo no café da manhã, baby," digo para Cayla, enquanto olho para Jude.

"Ah," Jude bufa, "realmente civilizada." Ele dá um passo em minha direção, bolo na mão enquanto se inclina no meu ouvido. "'Foda-me como se pagasse por mim, Jude,'" ele sussurra com uma risada. Eu suspiro. "Tão civilizada, boneca." Ele circula em torno de mim, traçando seu dedo sobre o meu pescoço.

"Você não..." sibilo.

"Você dizendo essa pequena frase ficou para sempre gravado na minha mente. Quente pra caralho." Ele me encara de modo que Cayla não possa vê-lo se ajustar. "Deixa meu pau duro só de pensar nisso", ele sussurra. "Mas, sobre o bolo ..."

Eu posso sentir meu rosto esquentar conforme meu pulso acelera. Leva-me um momento para responder para ele. "O que tem o bolo?"

Antes de eu perceber o que está acontecendo Jude tem um de seus braços em volta de mim, meus braços presos ao meu lado. Não posso me mover. "Jude..." digo com um rosnado.

Cayla bate palmas, rindo. "Mamãe é boba", ela diz e Jude concorda.

"Sim, mamãe é *realmente* boba." Ele se inclina perto do meu pescoço, seu hálito quente sobre a minha pele. "Quer um pouco de bolo, *boneca*?" Ele segura um pedaço de bolo pingando cobertura no meu rosto.

Eu levanto uma sobrancelha. "Se você me atacar com um pedaço de bolo, Jude..."

"Agora, por que diabos você acha que eu faria isso?"

"Porque você é um bundão", digo baixinho, sorrindo tão doce quanto posso.

"Bem, isso não é legal." A próxima coisa que eu sei, é que o bolo está em todo o meu rosto. Ele o lambuza na minha bochecha e até no meu cabelo e Cayla tem um ataque de riso.

Eu passo os dedos sobre meu rosto e meus dedos estão cheios de cobertura de chocolate. "Ah, seu..." consigo limpar a cobertura sobre o rosto de Jude antes que ele se afaste. Ele corre até a ilha, agarrando um punhado de bolo com as mãos, como um Neandertal e jogando em mim. Eu saio do caminho e ouço Marney gemer.

"Merda, garoto!"

Eu olho por cima e rio da mancha enorme de bolo preso na lateral do pescoço grosso do Marney. Ele suspira, levantando-se da mesa. Cayla está rindo tanto que seu pequeno rosto está vermelho.

"Eu quero descer, papai. Descer", ela geme, levantando as mãos.

Jude se aproxima e a tira do seu cadeirão. Ela imediatamente recolhe um punhado de bolo do chão e corre direto para Jude, batendo a mão na perna da calça jeans amassando a cobertura rica no tecido.

Rindo, eu me curvo e coloco as mãos sobre os joelhos. Cayla caminha cambaleando para mim, segurando os braços para cima cobertos de bolo. "Ah, você está defendendo a minha honra, bebê?" Eu a levanto e ela concorda.

"Jesus, estou em minoria aqui", Jude diz, limpando o chocolate do seus jeans. "Gabe estará aqui em poucas horas. Disse que tem uma surpresa para Cayla." Jude sorri enquanto se dirige para fora da cozinha, dando aquele sorriso sexy dele. "Eu vou tomar um banho. Você deveria *definitivamente* lavar esse chocolate da sua cara, boneca."

Eu rolo os olhos. "Pervertido."

Uma nuvem branca fofa passa através do sol, bloqueando o calor implacável. Jude entra para a varanda e Cayla corre pelo jardim em direção aos degraus com uma margarida na mão. Ela grita excitada enquanto Jude a pega, segurando-a

em seus braços fortemente tatuados. Acho que ele é, provavelmente, a pessoa favorita dela no mundo. Ela olha por cima do ombro dele, um sorriso largo no rosto enquanto seus olhos castanhos encontram os meus.

“Você está pronta para o seu presente, bonequinha?” Jude pergunta a ela.

Ele dá um passo para a praia e vira na lateral da casa. Eu os sigo. Quando chego no jardim da frente vejo Gabriel em pé, com um pequeno pônei branco, a crina trançada com fitas cor de rosa.

“Que diabos ele está fazendo aqui e por que ele tem um pônei?” pergunto secamente.

Gabriel dá aquele seu sorriso encantador e olho para ele. Tenho certeza que ele derrete as calcinhas da maioria das mulheres com sua aparência de modelo e sua lábia boa, mas eu não sou a maioria das mulheres. “Um presente, de mim para Cayla”, ele ronrona.

Cayla grita e chega até a pequena coisa. Sorrindo, Jude a pega pela cintura, colocando-a em suas costas. “Todas as meninas querem um pônei, Tor.”

E agora estamos aceitando gado de Gabriel, de todas as pessoas. *Brilhante*. Eu me preocupo que possa haver um saco de cocaína enfiado na bunda do pônei. “Um-hmm, e onde é que ele vai viver?” Eu cruzo meus braços sobre o peito.

“No Jardim. Eu comprei uma casa para ele.” Jude aponta o outro lado do jardim, e com certeza, um pequeno abrigo está aninhado contra a lateral da casa.

“Eu não vou catar a merda dele”, digo.

Marney caminha lentamente até o pônei. “Ahh, inferno. Ela não parece uma pequena princesa naquele cavalo nanico?”

“Marney vai fazer isso, não vai, Marney?” Jude pisca para mim.

“Fazer o que?”

“Pegar a merda dele”, diz Jude.

Marney cobre rapidamente os ouvidos de Cayla com suas mãos enrugadas. “O inferno que não, eu não vou.”

“Oh, vamos lá, seu velho da porra.” Jude ri. “Nem mesmo por Cayla?”

Marney estreita os olhos e balança a cabeça, resmungando sobre catar merda. O pobre cara é doido por Cayla, mais do que Jude. Marney assume o

comando em segurar Cayla no pônei e Jude anda para o meu lado, colocando os braços em volta de mim. Ele cheira tão bem, aquele aroma limpo de linho misturado com seus cigarros.

Eu rolo os olhos. “A maioria dos caras compram um bicho de pelúcia, talvez um filhote de cachorro em um impulso.”

"E quando eu já me encaixei na categoria de 'a maioria dos caras'?" ele fala contra o meu pescoço, arrastando seus lábios ao longo do meu maxilar.

"Boa tentativa", digo, saindo do seu domínio intoxicante. "Não deixe ela cair!" Falo sobre meu ombro conforme caminho de volta para casa.

“Quem tem um pônei, huh?” Eu ouço Marney cantando. “A pequena Cayla tem um pônei e o tio Marney vai catar sua merda, porque ele te ama. Sim ele ama...”

Querido Deus, ela vai ser tão mimada com estes homens por perto.

5

JUDE

Os grilos gorjeiam nos arbustos conforme a lua cheia desaparece atrás das nuvens. Sento no degrau com os pés na areia, observando a fumaça rodopiando em cima do meu cigarro. E então, eu sinto o ar mudar. Os grilos silenciam e meus sentidos ficam em alerta porque sei que não estou sozinho. Olho ao redor no escuro, assim que uma silhueta sai da lateral da casa. Lentamente, alcanço a arma enfiada na minha cintura, o metal frio sob minha palma quando solto a segurança. *Clique.*

Há uma risada baixa e em seguida, o estalar de uma pedra aparece antes de uma pequena chama dançar na escuridão. Eu tento ver um rosto, mas a chama apaga e é rapidamente substituída pelo brilho vermelho-cereja de um charuto. "Jude Pearson", diz ele em um sotaque russo. O homem sai dos arbustos para o brilho fraco da luz da varanda. Uma linha fina de fumaça sai de seus lábios antes de um sorriso de lobo aparecer através do seu rosto.

Fumando meu cigarro, eu olho para ele em seu terno sob medida. *Quem diabos usa um terno quando está perto de trinta e oito graus lá fora?* Eu coloco a minha arma no colo enquanto sopro um fluxo de fumaça dos meus lábios. "E quem diabos é você?" Levanto a arma e aponto assim que quatro homens saem das sombras com rifles apontados para a porra da minha cabeça.

O homem não pisca. "Ouvi dizer que você não tem respeito. Eu gosto disso em você." Seu charuto brilha vermelho enquanto puxa outro sopro lento, estreitando os olhos através das mechas brancas flutuando na frente do seu rosto.

"Não existe tal coisa como respeito neste mundo. É matar ou ser morto." Digo, olhando para ele pelo cano da minha arma.

Ele joga o cigarro no chão, passando a mão na frente do seu paletó ajustado. "Medo e respeito, estão juntos", diz ele em um sorriso. "Eu, por exemplo, alimento-me do medo dos meus inimigos. E o medo é poderoso. Impérios são construídos sobre ele, alianças forjadas no sangue. E, claro, há sempre aqueles que procuram me derrubar." Ele dá de ombros.

"Você vai me dizer quem caralho você é?"

Ele balança a mão no ar conforme ele curva a cabeça. "Ronan Cole."

Porra. Seguro a arma firme, apesar do meu coração bater contra o meu peito. Ouvi Gabe falar sobre esse filho da puta louco. Chefe da máfia russa, um político contaminado - algo com esse efeito. A questão é, por que diabos ele está na *minha* casa? "Você poderia dizer aos seus homens para tirarem suas armas de cima de mim?" Digo.

Ele abre os braços e olha por cima do ombro para o cara mais próximo. "Eles são um pouco protetores. Não gostam quando as pessoas apontam armas para mim."

"Sim, bem, é compreensível que eu não gosto quando russos sorraterios da porra aparecem na minha casa no meio da noite."

Ele sorri e pressiona a mão no peito. "Você me fere."

Aperto minha mandíbula, os dentes juntos conforme meu dedo coça sobre a porra do gatilho.

"Você pode soltar sua arma." Rindo, Ronan joga a cabeça para trás. "Não estou aqui para te matar. Se quisesse você morto, não iria me preocupar em testemunhar isso, hein?"

Eu não me movo. Ronan revira os olhos, amaldiçoa em voz baixa, e solta uma ordem em russo. Todos os quatro rapazes abaixam suas armas e ele levanta uma sobrançelha para mim, acenando com a mão no ar com um floreio. Eu olho para os homens que me rodeiam, todos pálidos e sem expressão, e, lentamente, coloco a arma no meu colo.

"Agora, preciso falar com o seu amigo, Gabriel." Ele olha por cima do ombro e seus homens sem falar desaparecem nas sombras.

"Eu não sei sobre quem diabos você está falando." Dou de ombros.

Ele inala uma respiração profunda, exalando lentamente. "Sugiro que você não minta para mim, *apostador*. Ou pode acabar como o xxxsicario de Lopez, hein?" Ele levanta uma sobrancelha.

Passo a mão sobre meu rosto e gemo. "Vou matar a porra do Gabriel..."

"Tsk, tsk." Ele balança a cabeça e puxa uma pequena lata de metal do bolso. Ele abre e aparece outro charuto entre os lábios. "Eu gostaria de falar com ele primeiro. Se ele não for útil, então você pode fazer o que quiser com ele." Ele faz uma onda com sua mão no ar. *Que semana. A porra de cartel, agora o filho da puta russo chefe de cartel.* "Eu só gostaria de apresentar a ele uma oportunidade de negócio", diz Ronan.

Quero dizer a ele para ir se foder, mas não vou me crucificar por Gabriel. Gemendo, balanço a cabeça e puxo o meu celular do bolso, olhando para os fodidos pálidos nas sombras. Digito o número de Gabriel e espero.

"Si, amigo?" ele responde.

"Ronan porra Cole está no meu quintal." Eu olho para cima e Ronan sorri.

"Isso é lamentável."

"Ele está aqui procurando você, seu babaca."

Uma série de palavrões espanhóis voam sobre a linha antes de Gabriel limpar a garganta. "Diga ao puto russo para chupar meu pau."

Um sorriso corre através dos meus lábios conforme vejo Ronan que está escovando um fiapo invisível do seu terno. "Você tem certeza disso, Gabe?"

"Que porra ele quer? Ele está suando suas bolas naquele terno dele?" Ele ri.

"Então você o conhece?" Eu suspiro. "Deus, você é um idiota. Onde você está para que eu possa enviar a porra do diabo russo para você e tirá-lo da porra do meu quintal?"

"Tudo bem. Tudo bem. Mande-o para o bar."

"A porra do *meu* bar?" Eu ouço as pessoas gritando em espanhol no fundo.

"Si."

"Quem diabos é isso? São aqueles seus rapazes? Juro por Deus, se você -"

Ronan estala os dedos e minha pressão arterial dispara. "Diga a ele para se livrar de seus homens", diz Ronan, "ou eu mato todos."

"Ele acabou de estalar os dedos para mim, Gabriel..." puxo uma respiração. "Tire seus malditos homens daí." Olho para Ronan e pontuo. "E juro por Deus, se vocês dois tiverem a máfia ou cartel atirando no meu bar..." balanço a cabeça.

Ronan coloca as mãos para cima, sorrindo. "Nunca." Ele faz uma cruz em si mesmo. "Eu juro."

"Bem, boa sorte com essa merda", digo antes de desligar e olhar para Ronan. "Ele está no meu bar. E deixe-me adivinhar, você já sabe onde é?"

"Claro." Ele sorri. "E sei que Gabriel tem uma casa na ilha, mas queria conhecer você já que apresentações são *tão* importantes." Eu estreito meu olhar para ele, imaginando como seria colocar uma bala direto através da porra do seu crânio. "Vou deixá-lo para a sua noite com Victoria e Cayla", diz ele conforme um sorriso perigoso aparece em seus lábios, fazendo com que o meu coração pare.

Ronan anda de volta para as sombras. Momentos depois, ouço portas de carro fecharem perto e faróis saltarem sobre a estrada de cascalho. Como diabos eu consigo ser arrastado para merdas como essa? Eu puxo um cigarro do bolso e acendo, observando, esperando.

Meu telefone toca. Eu nem sequer verificar o número antes de puxá-lo para o meu ouvido. "Sim?"

"Meu amigo", Ronan diz: "que rude da minha parte, esqueci de lhe agradecer por sua ajuda. Eu gosto de você americano. Eu gosto..." E então a linha cai.

Como diabos ele conseguiu meu número? Fico em pé no fim da escada, minha mente girando até a porra de nada. Suor na minha mão e no meu pescoço, escorrendo pela gola da minha camisa. Isso é ruim pra caralho e eu não vou colocar minha família em perigo. Foda-se. Gabe pode lidar com sua merda sozinho.

6 TOR

A porta do quarto abre, batendo contra a parede. Espio pela entrada do banheiro conforme Jude cambaleia para o quarto, seus olhos pousando em mim. "Empacote sua merda, agora."

Eu franzo a testa e entro no quarto. "O que? Por que?"

Ele para no meio do caminho, a mandíbula apertando. "Porque eu estou dizendo, porra."

Coloco as mãos na cintura. "*Por que?*" Repito com os dentes cerrados. "O que você fez agora? Quem era aquele cara morto?"

"Eu não fiz nenhuma merda e aquele cara morto não tem nada a ver com isso." Ele geme. "Agora, embale suas coisas, mulher."

"Jude, são quase onze da noite. Cayla está dormindo. Por que tudo tem que ser tão misterioso com você?"

Ele dá um passo em minha direção. "Eu sei a porra de horas que é, e não tenho paciência para esta merda." Ele abre uma gaveta e pega algumas das minhas roupas, jogando-as no chão.

"Você é impossível." Eu conheço Jude bem o suficiente para saber que se ele está assustado é por uma boa razão, mas merda, a última vez que fugimos foi por causa de Joe. Meu estômago dá um nó só de pensar sobre o que seria necessário para fazer Jude nos mudar novamente.

Ele explode para fora do quarto e eu ouço-o abrir a porta do quarto de Cayla. Suspirando, agacho-me no chão, arrastando uma mala de debaixo da cama. Coloco roupas nela antes de ir para a cômoda e pegar roupas para Jude.

Jude volta no quarto com Cayla chorando e agarrando-se a ele. "Shhh", ele sussurra tirando o cabelo do rosto dela. "Está tudo bem. Está tudo bem." Ele entrega Cayla para mim e caminha de volta para fora do quarto gritando por

Marney. Cayla agarra minha camisa em sua pequena mão e eu enxugo as lágrimas de seus olhos. Parte de mim quer matá-lo por nos colocar em qualquer que seja a situação que ele tenha nos colocado.

"Qual é a merda, Jude?" Ouço Marney gritando do corredor. "A máfia russa?"

Meus pulmões vacilam por um segundo. Aperto Cayla ao meu peito, pressionando minha mão sobre sua orelha conforme explodo para fora do quarto. "Você acabou de dizer máfia *russa*?" Eu grito.

Jude e Marney ambos olham para mim. "Não é o caralho do momento, Tor," Jude diz, olhando para mim.

Vou até Marney, meu humor a ponto de explodir conforme entrego Cayla a ele. Eu me viro para encarar Jude. "Quarto. Agora!" Estalo.

"Jesus, *o que*?" Ele rosna enquanto se dirige para o quarto. Sigo-o e fecho a porta, e ele imediatamente se vira para mim. "Sim, Tor, eu disse a porra da máfia russa, porque é quem acabou de aparecer na nossa casa procurando a porra do Gabriel." Ele corre as mãos pelo rosto. "Então, nós estamos indo embora."

Cruzo os braços sobre o peito. "Isso foi tão difícil? Jesus. Palavras, Jude. Use suas palavras."

"Não fale comigo como se eu fosse uma criança de dois anos de idade."

"Não insulte Cayla. Ela não faz metade do grunhido que você faz", digo calmamente.

Ele não diz uma palavra para mim, só abre outra gaveta xingando entre dentes. Eu saio do quarto e vou para o quarto de Cayla. Jude tentou fazer metade da mala, mas está tudo errado. Eu esvazio e começo de novo. Poucos minutos depois, uma garganta limpa e olho por cima do ombro para encontrar Jude em pé na porta. "É apenas uma precaução", diz ele.

Eu viro para enfrentá-lo, uma risada sem humor nos meus lábios. "Claro que é. Eu não posso nem ficar brava, no entanto, posso? Isso tudo é parte do percurso com você." Volto a enfiar coisas na mala. "Quero dizer, tive dois anos pacíficos. Eu deveria ser grata, certo?"

Ele exala um sopro duro antes de andar na minha direção e pegar ambos os meus braços em suas mãos grandes. "Não fique puta." Ele passa um dedo sobre

a minha bochecha. "É apenas para me certificar de que estamos seguros. Eu juro, isso não teve nada a ver comigo."

Suspirando pesadamente, encontro o seu olhar. "Jura?"

Ele concorda. "Juro."

"Você tem sorte que eu te amo", resmungo.

Ele segura meu rosto e inclina a cabeça para trás. "Eu não me importo se você me odiar, boneca. Contanto que vocês duas estejam seguras." Ele me beija suavemente, os polegares passando por cima do meu maxilar.

Parte de mim odeia essa vida, porque houve um tempo em que eu era uma médica, quando eu tinha um futuro. Estava disposta a sacrificar o amor e paixão para uma boa carreira, uma vida estável. E então fui empurrada para o mundo de Jude e acabei perdendo tudo para ganhar um amor que queima tão brilhante que me cega. Jude me dá uma paixão que eu nunca sequer imaginei, e ele me deu Cayla. Eu estava errada. Amor é tudo que existe neste mundo, a única coisa que importa. Se eu deixar este mundo sem nunca ter feito nada mais do que amá-lo e nossa filha, vou morrer feliz. Essa é a minha realidade, mas o amor dele - *este* amor - vem com um preço. Há sempre um custo por amar um homem como Jude Pearson.

Encontro seu olhar e lentamente concordo com a cabeça. Ele vai nos proteger, não importa o quê. Devo confiar nisso.

"Eu te amo", ele respira contra os meus lábios. Eu atinjo sua mandíbula, minhas unhas arranhando em sua barba por fazer. Ele verifica o relógio. "Dez minutos e então vamos embora."

****pausa****

Jude está segurando o volante com tanta força que seus músculos esticam com o esforço. A luz fraca do painel em seu rosto que está definido com uma máscara dura. Eu olho para trás, para Cayla dormindo em sua cadeirinha de carro, seus lábios separados enquanto ela respira pesadamente. Suspirando, viro o meu olhar de volta para Jude, que está ansiosamente olhando para os

espelhos, as sobrancelhas unidas em um cenho franzido. Não é a primeira vez que fugimos, não é a primeira vez que temos uma potencial ameaça que paira sobre nós, mas é a primeira vez que corremos com Cayla. E isso torna tudo completamente diferente.

A tensão rola por Jude em ondas assim que coloco minha mão sobre sua coxa, esfregando o polegar em círculos sobre o tecido do seu jeans. Eu olho para fora da janela, observando a escuridão lá fora correndo pela janela. A mão de Jude desliza sobre a minha, nossos dedos trançando juntos antes dele levantar a minha mão e passar os lábios sobre meus dedos. Nós sentamos em silêncio enquanto voamos sobre a pista esburacada, Marney seguindo atrás de nós no meu Range Rover.

Após cerca de uma hora, as barras de um grande portão de metal cortam através dos feixes dos faróis. Os portões deslizam abertos e Jude dirige o carro ao longo de um caminho que serpenteia até um declive íngreme. Nós seguimos a curva do caminho e uma casa branca aparece na vista. As duas luzes de cada lado da porta de madeira estão acesas, mas o resto da casa está na escuridão. Jude desliga o motor e sai sem dizer uma palavra. Ele abre a porta de trás e solta o cinto de Cayla, enquanto Marney estaciona ao nosso lado.

"Onde estamos?" Eu pergunto conforme saio. Cascalho esmaga sob meus pés enquanto dou a volta na frente do carro.

"Uma casa", Jude diz, já na metade do caminho da varanda com Cayla dormindo em seus braços.

"Posso ver isso Jude. De quem é a casa?" Eu rolo meus olhos e suspiro, seguindo Jude para a porta da frente. Vai ser uma daquelas noites.

"Nossa casa." Ele puxa uma chave do bolso e empurra-a na fechadura.

"Que porra é essa?" Eu assobio, tentando não acordar Cayla. Ele olha para mim e eu balanço a cabeça. "Arrume-a e então nós falaremos sobre isso."

A porta se abre para um hall de entrada e Jude imediatamente caminha até a escada. Marney entra, largando malas no chão antes de caminhar para outra parte da casa.

Eu sigo Jude através de uma casa já decorada e totalmente mobiliada - é claro. Ele desaparece dentro de um quarto que tem uma pequena cama e penteadeira brancas, assim como a da nossa *outra* casa. Ele dá a Cayla um beijo rápido, corre a mão sobre a cabeça, depois se vira e passa por mim para o corredor.

Eu saio do quarto de Cayla. "Jude, volte aqui!" Ele continua andando. "Eu juro por Deus..." resmungo.

Ele desaparece em outro cômodo e eu sigo, pronta para sangrá-lo neste momento. É um quarto, e novamente, a cama, a mobília - tudo corresponde a nossa casa. Ele cai pesadamente na cama, colocando uma mão atrás da cabeça enquanto liga a enorme tela plana pendurada na parede, passando pelos canais. "Jude!"

"Tor!" Ele diz e continua mudando os canais.

"Por que temos uma casa inteira simplesmente pronta e esperando sobre a qual eu não tinha ideia do caralho?" Ele olha para mim. "E não diga; 'nós apenas temos porra'."

"Você nunca sabe quando pode precisar de uma." Ele sorri.

É uma simples declaração. Uma que deveria esperar. Uma que sei que é verdade, mas me incomoda. Talvez dois anos de felicidade me deixou mole, ou talvez seja apenas fácil esquecer o mundo de onde Jude veio antes de tudo isso... até agora. Se Jude se sente ameaçado, isso significa que eu estou ameaçada. Cayla está ameaçada. Sempre aceitei as transgressões de Jude, mas esta é a primeira vez que qualquer tipo de perigo chega perto da minha filha. E esta é uma sensação horrível. Este medo muito real continua a se envolver em torno de mim, crescendo mais e mais até que sinto que não posso respirar.

"Você vem para a cama?" Ele pergunta.

Viro e saio como uma bala do quarto em linha reta para o de Cayla. Meu olhar percorre o quarto, aterrissando na penteadeira perto da janela. Eu deslizo minha mão ao longo da lateral embaixo, e assim como em casa, meus dedos encontram uma arma presa à madeira. Eu arranco-a e guardo na parte de trás da minha calça jeans antes de ir para a cama de Cayla e correr meus dedos sobre sua

bochecha macia. Engulo o caroço na minha garganta e sento na cadeira no canto, descansando a arma no meu colo enquanto observo Cayla dormir.

Eu gostaria de poder protegê-la de todos os inimigos que gostariam de feri-la. Estes inimigos, porém, eles não são dela ou meus, são de Jude. Dois anos. Tivemos dois anos de suspensão. A calma depois da tempestade. E corrupto e ilegal como Jude é, isso parece diferente. É perigoso o suficiente para que Jude mude para uma casa que eu nem sabia que existia. Eu mordo o interior da minha bochecha enquanto pensamentos giram na minha mente tão rapidamente que eu mal posso agarrá-los. Eu amo Jude, mas que tipo de mãe isso me torna?

Uma sombra na parede fora da porta de Cayla me chama a atenção. "Tor", Jude geme antes de entrar no quarto. Seus olhos vão para a arma no meu colo. "O que você está fazendo?"

Eu concentro minha atenção de volta para Cayla. "Estou pensando."

Ele passa a mão pelo rosto antes de caminhar na minha direção e estender a palma da mão. "Dê-me a arma."

Olhando para ele, eu tiro a trava de segurança, envolvo meus dedos ao redor do punho, e permito que o meu dedo escorregue para o gatilho. "Não."

"Estamos bem." Ele balança a cabeça, "Você nem sequer sabia sobre a porra dessa casa, Tor. Ronan Cole com a porra da certeza não sabe."

Eu não sabia sobre esta casa, porque Jude não me disse. Meu palpite é que um chefe da máfia pode encontrar qualquer coisa que ele queira, se procurar. Eu não estava procurando. Ou talvez eu seja apenas uma mulher estúpida e nunca teria descoberto independentemente. Balanço a cabeça, olhando para Cayla novamente. Ela é tão inocente, inocente demais para esta merda, assim como fui uma vez. Eu quis Jude, no entanto. Quis sua marca de corrupção. Ela é apenas um bebê. "Apenas vá para a cama, Jude", sussurro.

"Tor ..." posso ouvir a agitação em sua voz.

Eu passo minha mão livre pelo cabelo, inclinando a cabeça contra o encosto da cadeira conforme suspiro. A exaustão está fazendo minha cabeça bater e fecho meus olhos por um momento. Eu não quero falar com ele sobre isso agora. Não quero ouvir sua besteira sobre como ele está me protegendo. Posso lidar com

a maioria das coisas, e vou lidar com a merda como ela vem ... se ele me disser. Mas no segundo que ele para de falar para mim é o momento em que começo a duvidar dele. Jude e eu fomos ao inferno e voltamos juntos e saímos do outro lado. Se ele não está me dizendo coisas, então eu tenho que esperar o pior.

"Vou para a porra da cama", diz ele. E com isso ele caminha até a cama de Cayla, inclina-se para baixo, beija sua cabeça e sai do quarto.

Dois dias. Vou dar-lhe dois dias para me fazer sentir segura, para me fazer sentir que minha filha está segura. E se isso não acontecer, então vou embora. Não posso colocar Cayla em perigo. Eu não vou.

7 JUDE

Tor olha para mim conforme entra no banheiro e bate a porta. Ela não vai dizer nada para mim. Ela está brava a manhã toda. Abro a porta do banheiro, avistando suas longas pernas e a bunda conforme ela entra no chuveiro e fecha a porta de vidro. Sem dizer uma palavra, tiro minha camisa e abaixo minha calça, saindo da minha cueca boxer e segurando meu pau enquanto seguro a porta e abro-a.

"Jude..." ela começa. Eu entro no jato de água quente, agarrando seu quadril e girando-a para me encarar. "Você pode guardar essa porra", diz ela, olhando para o meu pau.

Eu acaricio seu pescoço e divertidamente belisco ela. "Oh, eu vou *guardá-lo*." Pressiono-a contra a parede de azulejo, minhas mãos passando sobre seu corpo.

"Você não precisa foder para sair dessa, Jude Pearson!" Ela empurra contra o meu peito.

"E você não precisa me dizer o que posso fazer." Eu afundo minha mão entre suas pernas e sorrio, porque, é claro, ela está molhada pra caralho.

Sua mão desliza sobre o meu peito. Seus dedos envolvem minha garganta e as unhas cavam na minha pele. Eu aperto o queixo com um gemido e pressiono meu corpo mais duro contra o dela, a sensação perfeita de seus peitos deslizando contra a minha pele lisa conforme seus dedos apertam na minha garganta. "Tem certeza que você quer tentar isso?" Levanto uma sobrancelha, enterrando meus dedos profunda e rapidamente dentro dela.

"Eu te odeio", ela geme.

"Aposto que sim." Eu bato meus lábios nos dela, agarrando seu cabelo, puxando-o. Suas unhas arranham meu pescoço, a dor fazendo meu pau inchar. Eu solto um suspiro e mordo o lábio inferior.

"Tanto", ela respira. Suas costas arqueiam e ela revira o quadril, esfregando a buceta nos meus dedos.

"Você ama isso," sussurro contra sua orelha antes de tirar meus dedos e deslizá-los entre meus lábios. O gosto dessa mulher...*porra*. Eu pego sua perna, prendo-a por cima do meu braço, e empurro meu pau dentro da sua buceta molhada esperando.

Seus olhos fecham e ela joga a cabeça para trás contra o azulejo, meu nome saindo dos seus lábios como a *porra* de uma oração. Seus dedos cavam meu bíceps. Suas unhas arranham a minha pele conforme ela geme e implora a cada estocada.

Eu a seguro pelo pescoço e puxo seu rosto para mim, pressionando seu corpo duro contra o meu enquanto brutalmente empurro dentro dela. Ela geme. Eu pressiono meu polegar por sua mandíbula observando enquanto ela engasga e ofega, enquanto a testa franze a cada gemido, cada impulso. Eu me inclino para baixo, suavemente beijando seu pescoço antes de afundar meus dentes em sua carne.

"Merda", ela respira, lutando contra mim.

"Eu não sei por que *porra* você luta contra isso, Tor", digo com um gemido conforme empurro nela.

Um gemido longo sai dos seus lábios, o som ecoando pelo chuveiro e quase me levando ao êxtase. Sua buceta aperta em volta do meu pau, apertando cada vez mais. Seus dedos puxam meu cabelo e cada um dos meus músculos fica mais tenso.

"Jude..." Ela ofega, desesperada e impotente. Eu amo vê-la desmoronar por mim e ela faz isso. Toda vez. Ela está tentando se afastar de mim, mas eu a seguro para mim, enterrando-me mais profundo dentro dela. Toda a tensão que estava crescendo dentro de mim se desenrola e se solta em um calor explosivo, e quando eu gozo, pressiono-a contra a parede do chuveiro, nós dois respirando pesadamente sob o jato quente do chuveiro.

Tor coloca sua mão no meu peito, numa tentativa de me empurrar para longe. "Eu ainda estou brava com você", diz ela. "Só para você saber, o fato de que me encurralou no chuveiro não muda nada."

Sorrio conforme entro embaixo da água e passo a mão pelo cabelo. "Como se você tentasse lutar contra isso?"

"Você é um idiota." Ela me empurra, abre a porta do chuveiro, e sai.

"Não vai nem lavar meu gozo?" Sorrio.

"Foda-se, Jude!" Ela fala conforme sai do banheiro.

"Você acabou de fazer isso."

Eu termino o meu banho e me visto. Quando desço, Tor está na cozinha fazendo o café da manhã para Cayla. Ela se vira e olha para mim enquanto coloca o prato de Cayla na frente dela, e não posso deixar de rir. Eu me aproximo, inclino-me para baixo, e dou um beijo rápido na cabeça de Cayla. "Seja boazinha com a mamãe. Ela está tendo um dia difícil." Viro-me para Tor e pisco.

Marney ri baixinho no balcão do café da manhã. Tor senta ao lado de Cayla e apoia os cotovelos sobre a mesa, segurando uma caneca de café. "Todo dia é um dia difícil quando temos que aturar o papai", ela diz entre os dentes.

Cayla grita, sorrindo enquanto bate as mãos para baixo sobre a bandeja e derruba seu suco. "Papai. Papai."

"Papai vai estar de volta mais tarde", digo. "Eu te amo."

Ela sorri e eu lhe sopro um beijo. Tor apenas olha para mim. "Também te amo, boneca", digo antes de sair para o carro.

Levo uma hora a mais para chegar no bar da casa nova. Estaciono em frente ao bar, desligando o motor e olhando em volta do estacionamento vazio. O único carro aqui é o Toyota acabado de Pepe, mas algo não parece certo.

Eu ando com a mão na minha arma. Sem a trava de segurança. Eu odeio essa porra de sensação. Aqui nesta ilha, eu tinha quase esquecido como era me preocupar com merda. Ser um homem morto figurativamente, teve suas vantagens - até agora. Pepe olha para cima por trás do bar. Quando ele sorri seu dente de ouro da frente brilha à luz do sol.

"Hola, chefe." Ele se abaixa sob o balcão e o meu aperto sobre a arma aumenta. Eu não confio em nenhuma porra de alma agora, porque tudo que sei é que todo mundo trabalha para o cartel. Pepe coloca uma sacola no balcão e acaricia-a. "Todo o dinheiro está aqui." Alcançando atrás dele, pega uma garrafa de uísque e serve uma dose, deslizando-a sobre o bar para mim.

"Obrigado, Pepe." Engulo o uísque, assim que a porta bate aberta e o porra do Gabriel entra perambulando. "Pepe, me dá outra", digo. Ele concorda, serve uma dose, e entrega para mim.

"Desculpe sobre a outra noite", Gabriel diz, caminhando até o bar, "o russo é louco."

Eu levanto uma sobrancelha. "Não me diga?"

"Ele é russo, são todos loucos."

"Vai me dizer que diabos ele queria e por que diabos eu tive que me envolver nessa merda?"

Gabriel dá de ombros enquanto senta no banco do bar.

"Cerveja?" Pepe pergunta e Gabriel concorda.

"Alguma besteira sobre querer a minha cocaína. Eu lhe disse não." Ele bufa. "Todo mundo quer a minha cocaína. É, afinal de contas, a melhor."

"Certo", digo sobre meu copo. "Por alguma razão, eu não vejo isso indo bem."

Gabriel dá de ombros enquanto toma a cerveja de Pepe. "Que porra ele vai fazer, xxxese? Russos não são bem-vindos no México. Se o senhor pálido de Narnia colocar o pé em solo mexicano", Gabriel usa seu dedo para cortar seu pescoço, "sua garganta será cortada e nós vamos enforcá-lo pelos intestinos." Ele toma um gole de cerveja.

A coisa é, que Gabriel não está exagerando. Ele vai fazer isso, mas ainda assim, ouvi o suficiente sobre Ronan para saber que você não diz não a ele. "O senhor pálido de Narnia..." levanto uma sobrancelha e Gabriel olha para mim.

"O quê? Narnia...não é aquele lugar na porra da Rússia com neve e essa merda?" Ele levanta a cerveja, engolindo-a.

Tamborilo meus dedos sobre o balcão. Não posso fazer isso. Não com Cayla. Não com Tor. Não posso correr riscos. "Estou fora", digo e coloco o copo no bar.

"Pepe", eu grito, "a porra do bar é todo seu, mi amigo." Um olhar vazio cai sobre o rosto de Pepe.

"Você simplesmente vai fugir?" Gabriel revira os olhos, murmurando em espanhol sob a respiração. "Tão dramático. Você avista o russo e está pronto para abandonar o paraíso? O russo não é nada. Eu cago para ele."

"Você não entende essa porra. Isto não é sobre mim, Gabe. É sobre Cayla e Tor." Suspiro. "Não preciso desta merda na minha vida, eu tive o suficiente disso para durar uma vida inteira."

"Esta é a sua vida, apostador." Seus lábios se curvam em um sorriso irônico. "Você não pode fugir dela mais do que eu posso."

Virando, aponto o dedo na cara dele. "Não me chame assim!"

Ele dá de ombros. "Por que não? Tor sabe o que você é. Eu sei o que você é. É você quem se esqueceu, esexxx."

"Eu não sou mais nada." Viro em direção à porta. "Sou a porra de um fantasma, lembra?"

"Não para o russo", diz ele em tom zombeteiro.

"Gabe", empurro a porta abrindo, "olha, tem sido incrível. Cuide de si mesmo e esqueça que já me conheceu." E com isso, eu viro e saio. Não sou estúpido o suficiente para pensar que estou livre desta merda. As possibilidades são, que não estou. Mas pelo menos eu posso dizer a Tor que tentei...

pausa

Ainda não consigo dormir.

Há uma sombra escura caindo sobre mim. Eu posso sentir que a merda está prestes a bater no ventilador. Fico deitado acordado, ouvindo as ondas quebrarem fora das portas abertas da varanda. A luz quente do sol ao amanhecer que se arrasta pela porta. Gemendo, eu rolo e envolvo meu braço na cintura minúscula de Tor. Corro a mão sobre seu quadril enquanto beijo até embaixo de suas costas nuas e penso sobre o quão forte estou prestes a foder com ela. Assim que deslizo minha mão sob a cintura de seu short, o telefone vibra sobre o criado

mudo de madeira. Eu o deixo tocar. Tenho coisas melhores para cuidar. Tor rola de costas, ainda meio dormindo quando segura meu rosto.

"Eu quero você", sussurro contra seu pescoço. O telefone vibra de novo e de novo. "Foda-se", murmuro conforme viro de lado e procuro com a mão na mesa até que ela alcança o telefone. Minha testa enrugando enquanto o levo para o meu ouvido e rapidamente escorrego para fora da cama. "Sim?" Digo e saio para a varanda, deixando a porta ligeiramente aberta. Silêncio. "Alô?"

"Alô, American", a voz distinta de Ronan vem pela linha. Esfrego a mão embaixo do meu queixo antes de me inclinar contra a grade. "Seu amigo não quis jogar direito. Pena para você." Ele ri.

"A merda do Gabriel é merda do Gabriel."

"Mas eu estou tornando a sua merda. Você vai encontrar meu amigo, Boris Chavekvez, no Albatross Café hoje ao meio-dia."

"Vá se foder." Vou desligar, mas ouço-o gritar e levo o telefone de volta ao meu ouvido.

"Pearson, você não quer se meter comigo. Odeio matar uma mulher e seu filho sem uma boa razão." Eu congelo, meu pulso batendo nos meus ouvidos. "Ao meio-dia", diz ele. "Tudo que você tem que fazer é encontrar-se com Boris, depois disso, eu te deixo sozinho. Você tem a minha palavra."

Meu aperto no telefone aumenta, sinto minhas narinas dilatadas conforme minha pressão arterial sobe nas alturas. Que porra eu vou fazer? Cerro os dentes assim que a porta da varanda abre inteira. "Papai." Cayla esfrega os olhos, sorrindo enquanto vem cambaleando para fora.

"Ah, eu ouço a pequena..." Ronan diz e há uma longa pausa. "Boris vai vê-lo ao meio-dia, certo?"

"Certo, porra."

"Obrigado", ele ri com um ar de arrogância antes de desligar.

Raiva incandescente corre através das minhas veias. Meu queixo endurece, e tanto quanto eu quero gritar e socar alguma coisa, não posso. Devo controlar essa raiva porque Cayla está bem aqui. Eu aperto meu punho no telefone com

tanta força que a tela racha na minha mão. Cayla puxa a parte de baixo da minha camisa antes de levantar as mãos. "Pega eu. Pega eu."

Eu me abaixo e a levanto e ela deita a cabeça no meu peito, a mão pequena procurando meu rosto. "E, quem te convidou para o nosso quarto?" Sorrio.

Ela suspira. "Eu amo você."

"Eu também te amo, bonequinha. Também te amo."

Passo a mão sobre sua cabeça minúscula, olhando para o reflexo na janela. Ela está toda enrolada em mim, tão pequena em meus braços. Ela me ama com um amor tão honesto que me deixa fraco. E eu daria a porra da vida – a vida de dez mil homens – para mantê-la segura. Eu a levo de volta para o nosso quarto e deito-a entre mim e Tor, gentilmente passando minha mão pelo seu cabelo suave. Dentro de minutos, Cayla apaga como uma luz no meu peito e a minha mente está rolando porque sei que isso não é nada bom. Não preciso me envolver nessa merda, mas que escolha eu tenho? Como me tornei o intermediário entre a porra de um cartel mexicano e a máfia russa? E então o cara xxxde Jesus aparecendo na minha casa – isso não pode ser coincidência, pode? *Porra!* Cayla se mexe em seu sono e coloco minha mão sobre suas costas pequenas, acalmando-a. Vamos deixar a ilha. Essa noite... mas e se houver mais sobre isso do que estou ciente? Meu coração dispara, meus músculos ficam tensos e tanto quanto odeio isso, acho que pode ser melhor ver o que diabos está acontecendo antes de apenas me levantar e sair. Preciso parar um minuto e pesar minhas opções. Mesmo sendo uma merda – não posso me dar ao luxo de tomar decisões precipitadas.

Meu telefone vibra no meu lado, o número de Gabriel pisca na tela rachada. Nos últimos dois anos, minha vida tem sido perfeita. Sem problemas. Mas monstros raramente têm um conto de fadas... e eu sei disso.

8 TOR

O som do telefone de Jude tocando me acorda.

"Que porra é essa?" Ele sussurra. "Que droga." Ele se mexe na cama antes de sair. Mantenho meus olhos fechados, ouvindo-o. "Vou cortar a porra da sua jugular..." Sua voz flutua pelo corredor e eu me sento encontrando Cayla enrolada no lado de Jude da cama, seu carneirinho enfiado embaixo do braço. "Merda do caralho", Jude grita, sua voz profunda ecoando pelo corredor. "E você vai foder comigo!"

O que diabos está acontecendo? Ele nos faz cruzar toda a ilha, tem a máfia russa atrás dele e agora essa merda. Eu pulo para fora da cama e caminho pelo corredor até o topo da escada.

"...e o que diabos eu deveria dizer a Tor?" Ele faz uma pausa e ouço um gemido agitado flutuar até a escada. "Apenas - porra, deixe-me ver qual é o plano." Há outra pausa. "Nós temos que encontrá-lo ao meio-dia."

Jude, juro por tudo que é sagrado. Desço voando a escada, minhas mãos apertadas em punhos.

Jude está sentado no chão vestindo cuecas boxer, com as costas contra a parede e o telefone pressionado na orelha. O sol da manhã passa através das janelas, lançando uma névoa dourada sobre seu peito largo. Ele olha para mim. "Boris Porra Chachvaka ou algo assim." Outra breve pausa. "Eu não sei, porra. Você mesmo resolve essa merda." E ele desliga. Observo seu queixo cair no peito e ele lentamente inalar.

Dou a volta no fim da escada. "O que foi isso?" Pergunto, colocando minhas mãos na cintura.

"Não se preocupe com essa porra."

"Não me venha com essa merda, Jude!"

Ele fica em pé, olhando para mim com seus olhos verde-escuros. Eu não tenho medo dele, mas de vez em quando ele ainda me dá um olhar que joga adrenalina por todo meu corpo. "Vou tomar um banho", diz ele.

"Eu lhe fiz uma pergunta."

Ele acena com a mão me dispensando. *Ah, ele não vai simplesmente me rejeitar como se eu fosse uma mulher-troféu com a qual ele não precisa se preocupar com a sua pequena cabeça bonita.* Pego o objeto mais próximo disponível - que acontece de ser o bebê xxxcarneito Beanie - e arremesso-o na parte atrás da cabeça dele.

Ele para no degrau, girando lentamente para me encarar. Seus olhos vão para o bicho de pelúcia perto do seu pé descalço antes de subir lentamente para encontrar o meu olhar. "Que porra, Tor?"

Eu aponto para ele. "*Não* me ignore", sussurro alto, tentando manter minha voz baixa para não acordar Cayla.

"Eu não fiz isso." Há um ligeiro brilho em seus olhos, conforme um canto de sua boca curva em um sorriso perigoso. "Eu disse que ia tomar um banho", diz ele enquanto desce de volta a escada na minha direção. "E não lance merda em mim."

"Não se preocupe com isso não é uma resposta, seu idiota."

"Oh, desculpe." Ele sorri. "Que tal: não é da porra da sua conta..." ele faz uma pausa e aquele sorriso se aprofunda, "*mulher.*"

Ele acha que isso é engraçado? Eu pego o próximo objeto disponível, uma Barbie de bunda nua e arremesso nele. Ele pega a boneca no ar. "Seu fodido xxxobsкуро!" Digo. "Se você acha que vou suportar sua merda, esqueceu-se com quem está lidando. Vou cortar sua garganta durante seu sono."

Com um sorriso, ele joga a boneca no chão, em seguida vem pisando firme por todo o hall na minha direção, todo duro, macho dominante.

"Caralho", diz ele com um gemido quando para na minha frente. Ele pega um punhado do meu cabelo e puxa minha cabeça para trás enquanto sua boca vai a centímetros na direção da minha garganta. Meu coração martela contra

minhas costelas. "Fala que você vai cortar a porra da minha garganta novamente." Ele puxa meu cabelo e sorri enquanto sua mão grande faz seu caminho sem pressa para a minha garganta. Seus dedos lentamente vão ao redor do meu pescoço e ele segura a lateral do meu queixo com os dedos esticados. "Gosto quando você me ameaça, boneca. Você sabe que me dá um tesão." Seus lábios roçam os meus.

A adrenalina me bate com tanta força que a minha visão embaça por um segundo e eu me sinto tonta. "Diga-me no que você está nos metendo, Jude", respiro contra seus lábios.

Meus dedos se contorcem, desesperados para tocá-lo, mas eu não o faço. Este homem pode me possuir com um olhar, e não vou ajudar a sua causa, mesmo que seja tentador. É assim que Jude funciona: eu fico brava e ele me seduz até que nem me lembro com o que estava irritada. E eu caio nessa o tempo todo. Não é nem uma escolha, não posso resistir a ele.

"Confie em mim quando eu digo, não é nada para se preocupar. Vou resolver isso." Seus lábios roçam sobre os meus conforme seu aperto na minha garganta relaxa. A mão dele desce pela minha barriga, deslizando com uma facilidade experiente sob a minha calcinha. "Às vezes", ele diz, "eu não lhe digo coisas para protegê-la." Seu dedo desliza sobre mim e meus joelhos ameaçam ceder. Eu afasto a minha mão, descansando a palma contra a pele quente do seu peito.

Maldito. "Eu não preciso de proteção", sussurro. "Não sou uma criança."

"Oh, acredite em mim. Sei disso." Seus dedos afundam mais para dentro de mim e seguro um gemido enquanto aperto os dedos em seu pulso, parando-o. Nossos olhos travam em um impasse silencioso. Ele levanta a sobrancelha e enfia os dedos mais fundo dentro de mim. "Porra, gosto de você com raiva." Ele me beija, descendo pela minha garganta, mordendo a cada poucos centímetros.

"Pare", engasgo.

"Não faça isso comigo, boneca", ele implora contra o meu pescoço.

Minha determinação oscila por um momento. "Você não pode simplesmente me foder por silêncio", sussurro.

"Quer apostar?" Seus dedos flexionam e eu choramingo. Ele bate a boca sobre a minha, mordendo meu lábio inferior. Isso é tudo o que preciso para minha decisão se dissolver em nada. Sou sempre tão fraca para ele. Ele tira os dedos de mim, as mãos indo para a minha cintura e ele me levanta. A parede bate nas minhas costas, seu peito enorme me prendendo. Antes que eu possa protestar, sua cueca é empurrada para baixo sobre as coxas e ele empurra seu pau dentro de mim. Não posso lutar contra isso. Ele é minha casa. Ele me faz sentir inteira. Gemendo, fecho meus olhos e deito minha cabeça contra a parede. "Deus, sua buceta do caralho", ele geme enquanto se dirige em mim.

"Jude", respiro. Seus dentes beliscam meu queixo e viro a cabeça para o lado, permitindo-lhe mais acesso.

"Receba-o, Tor."

Sempre vou aceitar tudo o que ele tem para dar. Seguro seu cabelo e puxo sua cabeça para trás, arrancando um grunhido gutural dele conforme pressiono meus lábios nos dele. Raiva e desejo se misturam até que estou presa em algum lugar entre a vontade de transar com ele e de feri-lo. "Eu odeio que você faça isso", digo com um suspiro e ele empurra mais forte dentro de mim. Eu arranho minhas unhas pelo seu peito e ele sibila conforme linhas finas de sangue nascem na sua pele.

"Sei disso."

"Foda-se, Jude", choro, apertando em volta dele enquanto prazer corre através de mim.

Sem aviso, ele segura minha garganta e um por um seus dedos grossos fecham em torno dela enquanto ele me pressiona contra a parede. Esta sensação - a maneira como ele completamente me domina, me leva, me possui - nada se compara a isso. É primitivo e bruto e muito Jude. Tão errado.

"Porra, Tor." Seus dedos se contraem sobre a minha garganta e eu me vejo chegando ao limite, o calor correndo através de mim. Eu gemo, agarro seu braço, contorço-me e sacudo enquanto prazer cai sobre mim como uma onda gigantesca e então ele está bem ali, caindo comigo. Abro os olhos a tempo de vê-lo jogar a cabeça para trás com um gemido profundo, sua testa enrugando, os músculos

flexionando. Outro gemido profundo sai dos seus lábios e ele para dentro de mim conforme olha para cima, seus olhos verdes travados nos meus.

Ele deixa meus pés irem para o chão e ficamos olhando um para o outro, nossos peitos arfando. Um leve brilho de suor está em sua pele. As marcas de garras no peito destacam um vermelho brilhante contra sua pele bronzeada. Um homem nunca fez sexo parecer tanto com uma guerra.

Ele ainda não me disse nada e percebo que ele não vai. Entrei nisso porque ele quis que eu o fizesse. Com um suspiro pesado, viro e subo as escadas. Cayla ainda está dormindo no meio da nossa cama enorme. A visão dela explode minha bolha de sexo induzida. Eu amo Jude. Ele me faz pegar fogo, ele me ama, ele me entende ... ele é minha alma gêmea e Cayla é minha dose fria da realidade. Jude pode ser parte da minha alma, mas Cayla é o meu coração. Meu tudo. Eu não adoraria nada mais do que ficar, ser amada por Jude pelo resto da minha vida, mas agora sei que não posso. Ele nunca vai me dizer o que está acontecendo e se eu não sei, então não vou colocar minha filha em risco. Ele sempre vai acreditar que estamos mais seguras com ele, mas e se não estivermos? Afinal, a máfia russa não está atrás de mim ou Cayla, apenas de Jude.

Eu subo na cama e me enrolo de lado, envolvendo o meu braço no pequeno corpo dela. Ela pisca e abre os olhos, a sombra de seus longos cílios abanando sobre suas bochechas rechonchudas. Ela segura uma mecha do meu cabelo e eu beijo sua bochecha, inalando o doce cheiro de loção de bebê.

"Oi baby", digo, sorrindo.

Ela estende seus pequenos braços e pernas e se vira para mim. "Papai?" Uma palavra que traz lágrimas aos meus olhos. Eu luto com elas e coloco um sorriso no meu rosto por ela.

"Papai está lá embaixo", sussurro rouca.

"Estou bem aqui, boneca."

Eu olho por cima do ombro e encontro Jude atravessando o quarto. Ele se inclina sobre mim, pressionando um beijo no meu ombro enquanto tira Cayla do colchão. Ela sorri, gritando conforme ele a levanta no ar. Seus olhos encontram os meus e ele a puxa apertada contra o peito. Eu afasto o olhar antes que ele

veja as lágrimas nos meus olhos. Ele é um pai tão bom. Ele a ama e ela o adora. Posso realmente tirá-la disso?

Eu rolo para o meu lado, de costas para ele. Tenho que ter certeza. Sei que o que está acontecendo é ruim e perigoso. Sei disso sem sombra de dúvida. Mas preciso de mais do que apenas seus telefonemas enigmáticos e seu comportamento sombrio. Preciso saber se ele pode nos tirar isso.

Tenho que saber o que está acontecendo antes de despedaçar minha família.

9

JUDE

O cascalho tritura sob os pneus enquanto paro no estacionamento do Albatross Café. Estaciono sob a sombra de uma palmeira, desligo o motor e abro a porta. O calor caribenho pegajoso entra, junto com o som clichê dos cilindros de aço ao longe. Isso é foda. Muito foda.

Eu escorrego minhas chaves no bolso conforme desvio de um grupo de galinhas lancando-se através da estrada de terra. A frente do café está repleta de mesas de bistrô enferrujadas. Palmeiras brotam em todos os lugares. Mosquitos zumbem no ar úmido. Paraíso. Um paraíso do caralho...

"Jude", Gabriel sai, um cigarro na mão. "Os malditos russos." Ele segura suas bolas. "Eles podem chupar isto aqui."

Curvo minhas sobrancelhas e expiro, irritado pra caralho com isso. "Às vezes, Gabe, você precisa aprender quando calar a boca. Não se trata de Lopez. Ele é inteligente e determinado e esses são os que você precisa se preocupar. Ele de alguma forma tem merda de mim e está ameaçando minha família. Juro por Deus, se pudesse me safar disso, eu te machucaria."

Sigo o meu caminho para o terraço do café à beira-mar. Meu olhar vagueia sobre as mesas cheias de moradores e para no único homem de terno. Sua pele pálida brilha ao sol, fazendo-o se destacar como um polegar machucado.

Gabriel se inclina para perto de mim. "Olhe para ele, ese, com a porra do terno. Quero cortar a garganta dele."

Aperto meu maxilar enquanto observo o cabelo loiro fino do Boris' flutuar com a brisa. Ele puxa-o de volta para baixo. "Eu juro por Deus", digo, olhando para Gabriel, "você vai me tirar dessa merda, está me ouvindo?"

"Não esquentar. Tenho certeza que os malditos russos são razoáveis." Ele ri.

Tenho certeza que ele acha tudo isso divertido, inferno, ele amarra os fodidos pelas suas entranhas em uma base diária, mas isso é demais para mim. "Guerras de cartel não são o meu forte, ok? Isso é a sua merda. Você lida com isso."

"Merda, ese, você precisa de uma bebida." Ele franze a testa. "Você está sempre tão irritado."

"Vamos acabar com isso para que eu possa voltar para Tor antes que ela perca a cabeça."

Gabriel concorda antes de subir a escada frágil. A cada passo que dou, meus dedos fecham em punhos, as unhas curtas cortam a minha pele. Nós paramos na mesa e Boris olha para cima, os olhos azuis de aço travados em Gabriel. "Boris?" Eu pergunto e ele simplesmente concorda.

"Sentem-se, meus amigos."

Balanço a cabeça e puxo uma das cadeiras de metal. Gabriel se senta ao meu lado, a perna balançando agitada. "Que porra você quer, russo?" Ele diz.

"Meu nome é Boris. Não russo." Ele olha para Gabriel e Gabriel ri.

"O que o Ronan quer?" Pergunto.

"Uma aliança", Boris diz conforme cruza as mãos sobre a mesa.

"Eu não trabalho com malditos *russo*s," Gabriel basicamente cospe a palavra.

Boris olha para mim. "Ele quer que você lave o dinheiro dele." Ele olha para Gabriel. "E você, seu latino sujo, que abasteça a cocaína dele."

"Sou colombiano." Gabriel revira os olhos.

Eu ralaxo na cadeira. "Não vou me envolver ainda mais nessa merda do que já estou."

Boris aponta para mim. "Você limpa o dinheiro. E até o seu amigo", ele olha para Gabe, "ser aliado do meu amigo, você é considerado um inimigo." Ele sorri. "Não é bom ser inimigos de Ronan Cole."

Gabriel tamborila seus longos dedos sobre a mesa. "Eu não vou trabalhar com ele." Ele cospe no chão. "Deixa ele pisar no México, eu vou ter seus testículos pendurados na minha porta como uma bugiganga de boas vindas."

Boris estica o pescoço.

"Tudo bem", digo. "Eu lavo o dinheiro. Fico com vinte e cinco por cento, no entanto."

Uma buzina toca e uma porta de carro bate. "Ah merda, ese." Gabriel está com os olhos arregalados no estacionamento. "Sua mulher está aqui e ela parece irritada."

"Porra." Eu fico de pé e coloco as mãos no bolso conforme vou para descer as escadas e caminho direto para a porra da Tor. Meus músculos estão tensos. Eu fecho os olhos com um gemido frustrado.

Ela dá um sorriso espertinho. "Importa-se de me dizer o que é isso?" Ela aponta para Gabriel e Boris e a cadeira vazia que eu estava ocupando.

Segurando seu braço, eu o viro e a levo de volta para o carro. "O que você está fazendo aqui?" Digo com um resmungo baixo.

"*Está tudo bem Tor...*" Ela bufa. "Claro, parece que sim."

"Jesus Cristo da porra, mulher. Estou em um café. Não tenho o direito de comer fora da porra da minha casa?"

Ela espia brava por cima do meu ombro enquanto a empurro para o Range Rover. "Quem é aquele homem com o Gabriel?"

"Um cara."

Ela olha para mim. Abro a porta do carro e empurro-a para o banco do motorista e fecho a porta antes de dar a volta no capô e entrar no lado do passageiro.

"Você está aprontando alguma coisa", diz ela, seus dedos segurando forte no volante.

"Não." Fecho a porta com tanta força que o carro inteiro balança. "Eu não estou. Agora, por que diabos você está me seguindo?"

"Por que diabos você acha?"

"Bem, vamos ver, Tor. Eu *não* sei, porra, daí o motivo de perguntar a você!"

"Estou te seguindo porque você é um fodido obscuro, que mata membros do cartel no meu jardim ... a máfia russa..." Ela olha para mim.

Passando as mãos pelo meu rosto, eu gemo. Esta mulher é inacreditável. "Não faça essa merda. Esta é uma merda em que você não precisa se envolver. Eu te disse isso!"

Ela se inclina para a frente, pressiona a testa contra o volante e respira fundo. "Não faça isso, Jude. Não andei pelo inferno com você só para você começar a mentir para mim agora."

Eu balanço a cabeça, porque que diabos mais posso fazer? "Eu não *menti* para você", digo com os dentes cerrados. "Agora, vá para casa, Tor." Eu estico a mão, ligo o carro, em seguida, vou abrir a porta.

"Eu não sou sua puta, Jude. Agora saia da porra do carro."

Estou com uma perna para fora do carro já, mas congelo. Viro lentamente para encará-la. "Dois anos e meio e você ainda não aprendeu que me dizer para fazer algo é um gatilho?" Olho para ela, mordendo meu lábio inferior. "Eu lhe disse para ir para casa. Agora," coloco o outro pé no chão, "vá para casa." Fecho a porta e dou a volta pela frente do carro ainda olhando para ela através do pára-brisa. Ela encara de volta, em seguida, o motor ruge, o V8 rosnando para mim como um gato bravo. *Ah, porra, ela não fez isso.* Eu paro, colocando minhas mãos espalmadas contra a pintura lisa do capô. Levantando uma única sobrancelha, levanto uma mão e aponto o dedo para ela. "Não me teste, caralho", falo sem sair som.

O motor acelera novamente, o carro avançando para a frente chutando cascalho em toda parte conforme as rodas giram. Há uma vibração atrás do carro conforme um par de galinhas foge. As pessoas no terraço do café estão girando em suas cadeiras, olhando para a mulher louca no Range Rover barulhento tentando me atropelar. Encontro o seu olhar pelo pára-brisa e um sorriso curva em seus lábios. Ela delicadamente coloca o pulso no topo do volante, os lábios alargando-se em um daqueles sorrisos espertinhos, que é sua especialidade, enquanto ela lentamente levanta o dedo médio.

Eu não vou lidar com essa merda. Balançando a cabeça, eu viro e sigo de volta para a mesa onde Gabriel e Boris estão sentados. O motor ronca de novo, ouço o cascalho espalhar por todos os lugares, algumas galinhas chiando. Há

um grande estrondo. Metal contra metal. Eu paro duro no caminho, calor voando sobre mim. Lentamente viro e vejo a parte traseira do carro de Tor colidir com o lado do motorista da minha BMW.

"Que porra!" Eu grito.

Tor abaixa a janela, sorrindo de orelha a orelha. "Opa, desculpe, querido."

O cascalho esmaga sob as rodas enquanto ela vai para a frente. Estou olhando para o amassado enorme no meu carro quando vejo suas luzes de ré brilhando contra a tinta preta. "Você não, a porra -" Mas é tarde demais, porque ela bate novamente.

"Oh, desculpe novamente. Sabe, sou apenas uma mulher indefesa que precisa ficar em casa e cuidar dos filhos. Idiota do caralho!" Ela me mostra o dedo novamente e sopra um beijo antes de se afastar.

"Merda", digo, virando-me.

Todo mundo está olhando para mim e eu dou de ombros, limpando a poeira da minha camisa. Ignoro-os conforme volto para a mesa e sento. Boris olha para mim. "Seu amigo não quer chegar a um acordo." Eu olho para Gabriel. "Vou dizer a Ronan que você é razoável, americano, mas quanto ao seu amigo. Não prometo nada." Ele pega sua água, tomando um gole enquanto dá a Gabriel um último olhar. E, em seguida, vai embora.

Eu olho para Gabriel. "É isso mesmo?"

"Eu te disse. Não trabalho com russos. Não éxxx nenhum Bueno."

"Só não me arraste em mais nenhuma das suas merdas." Eu puxo minhas chaves do bolso enquanto volto e desço as escadas. Meu sangue pulsa nas minhas têmporas, batendo nos meus ouvidos quando olho para o meu carro todo fodido, amassado. "Deus sabe o que ela vai fazer quando descobrir que fiz um acordo com Ronan."

10 TOR

Assim que estou em casa, jogo as roupas de Cayla em uma mochila, xingando baixinho. Fui tola de pensar que poderia viver nesta ignorância feliz, que eu podia confiar nele em não se envolver em qualquer coisa séria. Ele estava se encontrando com Gabe e um cara que parecia nitidamente um maldito russo. Ele não está saindo. Ele está entrando.

"Onde você vai?" Marney pergunta.

Viro do guarda-roupa e encontro-o na porta com Cayla em seus braços. Ela brinca com os botões da camisa dele. "Eu não sei."

Marney abaixa seu queixo até o peito e caminha para atrás de mim, colocando a mão livre no meu ombro. "É uma vida dura, isso é certo. Minha velha não conseguiu lidar com isso. Pegou meus filhos..." um sorriso triste se espalha sobre seus lábios. "Eu odeio isso por você e Cayla e Jude." Jogo o pequeno carneiro de pelúcia de Cayla dentro da mochila e fecho, virando e estendendo a mão para ela. "Eu sei que você está chateada", ele diz, "mas talvez você deva apenas dar uma pensada. Ter uma conversa com ele sobre isso antes de apenas levantar e correr para fora daqui?" Ele entrega Cayla para mim.

"Eu dei a Jude todas as oportunidades para falar comigo, Marney." Respiro fundo. "Ele não fez isso. Você pode proteger o rabo dele o quanto quiser, mas nós dois sabemos que isso é alguma merda profunda." Levanto a mochila por cima do ombro. "Eu não posso arriscar Cayla."

"Ah, agora. Acalme-se por um segundo e espere ele voltar", diz ele, esfregando a mão sobre a parte de trás da cabeça.

O som de cascalho sob os pneus passa através da janela aberta. Marney espreita para fora e ri. "Que diabos aconteceu com o carro dele?"

Arrumo Cayla no meu quadril. "Eu dirigi para cima dele."

"Pra que caralho você fez isso? É um bom carro."

Levanto uma sobrancelha para ele. "Ele é um pé no saco, é por isso. Pegue aquela mala, sim?" Eu aponto com a cabeça em direção à mala no chão. Minhas mãos estão tremendo conforme pego Cayla e desço as escadas. Na verdade, esta pode ser a coisa mais difícil que já fiz. Meu coração está partindo a cada passo que dou em direção à porta da frente. Chego no hall assim que a porta da frente abre escancarada e Jude entra. Marney para ao meu lado, colocando a mala ao lado da parede.

"Bom trabalho, Tor. Arruinou o meu maldito carro." Ele balança a cabeça. "Estou com raiva pra caralho."

"Ei, ei, ei agora", diz Marney. "pequenas orelhas." Ele aponta para Cayla com um olhar severo e Jude olha para ele.

"Você pode levá-la por um minuto?" Pergunto silenciosamente conforme me volto para Marney.

Marney sorri e pega Cayla de mim, cantando para ela enquanto caminha pelo corredor.

"Você é a porra de uma psicopata. Sabe disso?" Diz Jude. "Tentando me atropelar porque eu não disse o que estava fazendo. Porra, não é tão grave. Você precisa ir ver alguém sobre seu temperamento, mulher."

Eu não digo nada conforme pressiono minha mão no meu estômago em uma tentativa de acalmar meus nervos. Ele para e eu sinto a atmosfera mudar. Levanto o olhar para ele e seus olhos estreitam antes de ir para o chão ao meu lado.

Ele aponta para as malas. "O que diabos é isso?"

Eu inalo bruscamente. Juro que meu corpo todo doi. "Estou indo embora, Jude e estou levando Cayla."

Um rosnado baixo ronca no seu peito e ele pega as malas do chão. "O inferno que você vai."

Eu sabia que seria uma guerra, mas ele precisava ver isso. Ele tem que nos *deixar* ir. Não quero fugir dele, porque ele vai me caçar até os confins da terra. Eu sei disso. "Jude, você está fora de si."

Ele sobe as escadas correndo com minhas malas e eu suspiro, seguindo atrás dele. Ele as joga no chão. Cruzando os braços sobre o peito, ele olha para mim e tudo que eu lembro é a primeira vez que o encontrei, naquele momento fui jogada na frente dele, amarrada e amordaçada. Ele parecia tão duro, tão brutalmente inquebrável.

"Você não vai me deixar, Tor. Você me ouviu?" Raiva atada com dor derrama em sua voz. "Eu te amo, porra!"

Deus, isso dói. "Eu te amo mais do que você sabe. Mas, Jude, você tem a máfia russa atrás de você"

"A porra da máfia russa não está atrás de mim." Ele joga a cabeça para trás e passa as mãos pelo cabelo grosso. "Merda."

"Eu não me sinto segura. Não me peça para ficar quando sinto que Cayla está em perigo."

Ele corre na minha direção, agarrando-me em ambos os braços e olhando para mim, suas narinas dilatadas. "Vocês não estão mais seguras longe de mim do que comigo."

"Não estamos?" Minha voz é quase um sussurro.

"Se fosse esse o caso, eu diria a você para ir." Ele respira fundo e posso ver a dor em seus olhos. "Olha, sei que isso é assustador, mas eu juro a você, tenho tudo sob controle. Eles não estão atrás de mim, eles só querem que eu trabalhe com eles."

Acho que Jude realmente acredita que tem tudo sob controle, mas no espaço de duas semanas eu tive um homem mexicano morto no meu jardim da frente e agora russos. Isso está prestes a explodir em seu rosto. "Eu não quero que você trabalhe com eles!" Exclamo. "A máfia, Jude. Sério?"

"E como diabos isso é diferente do que o que eu faço para Gabe?"

Levanto minhas mãos. "Simplesmente é. É Gabriel. Não é a mesma coisa."

"Não é nada diferente, porra!" Ele grita com o rosto ficando vermelho antes de suavizar e andar na minha direção. "Você sempre soube o que sou, boneca."

"Eu sabia que você era um apostador", digo. "E vamos ser honestos, Jude, não é como se nós tivéssemos namorado. Não é como se eu tivesse tomado uma decisão, não é?" Eu balanço a cabeça.

Agora, seu rosto fica vermelho de novo, sua mandíbula apertando. "Você voltou. Não aja como se eu não tivesse deixado você ir. E você voltou."

Voltei porque não tinha nada e ninguém e o amava. Eu o amo... Isso foi antes de Cayla, no entanto. Minhas razões para ficar, naquela época, não são boas o suficiente agora.

Seu telefone toca, o som estridente rompe a tensão. "Porra." Ele pega-o do bolso e desliga. "Tor..." Ele dá um passo para a frente e seu telefone toca novamente e novamente ele desliga. Os olhos de Jude ficam suplicantes e ele afasta o meu cabelo do rosto. "Por favor...", ele sussurra. Seu telefone toca e toca e, finalmente, ele o coloca no ouvido. "Que porra é agora?" Ele grita ao telefone. "O que?"

Eu descanso a cabeça no ombro de Jude assim espero que possa ouvir. "Nós temos um problema, mi amigo." Eu mal sou capaz de ouvir Gabriel falando.

"Agora não é um bom momento, Gabe," Jude diz entre dentes.

"Alguém colocou a cabeça do Pepe em uma vara fora do seu bar ..."

O corpo de Jude fica tenso. "O que?"

"A cabeça dele. Seu homem. Seu bar. Eu diria que essa mensagem foi para você, ese."

Eu me afasto de Jude, balançando a cabeça, meu membros tremendo. Os olhos de Jude levantam para os meus, uma carranca profunda estraga seu rosto quando ele desliga o telefone. "Tor ..."

"Não, Jude. Apenas deixe-nos ir" imploro.

Ele me apoia contra a parede do jeito que ele faz quando está tentando me intimidar e dominar. Ele toca sua testa na minha e o perfume que eu associo com amor e segurança me envolve. Jude sempre foi um refúgio seguro para mim, até agora. E agora eu preciso me afastar dele. Meu coração dói com a perspectiva.

"Por favor", ele implora, seus dedos roçando minha bochecha. Há um desespero se estendendo entre nós. "Eu tenho que ir resolver isso. *Por favor*

apenas espere até eu voltar. Você me deve isso, Tor. Eu te amo", ele sussurra e pressiona seus lábios nos meus. O beijo é curto e doce e tão cheio de amor. "Você e Cayla são a porra do meu mundo. Não tire isso de mim." Eu posso sentir meu coração quebrando sob seus toques suaves, seus beijos quentes.

"Vou esperar", digo-lhe, segurando as lágrimas ameaçando cair. Ele me beija mais uma vez e depois se afasta, caminhando para fora da casa sem olhar para trás.

Vou para a cozinha e encontro Cayla sentada na bancada, Marney segurando-a com um largo sorriso no rosto. Parte de mim quer ir embora agora, enquanto Jude saiu, mas ele está certo, eu devo-lhe o suficiente para explicar isso adequadamente, para fazê-lo entender. Embora, honestamente, como você pode entender que irá perder seu filho? Quero acreditar que Jude pudesse apenas parar de fazer isso, seguir em frente e viver uma vida normal. Deus sabe, nós temos dinheiro suficiente para isso. Mas ele nasceu neste estilo de vida, ele é bom no que faz, e é tudo o que sabe. Dia-a-dia normal... Jude não saberia o que fazer com isso. Tenho certeza que ele me diria tudo o que quero ouvir. Inferno, ele pode até mesmo fazer isso por um tempo, mas Jude é um homem que vive no limite. Ele precisa disso. Ele prospera nisso.

Olho através das portas francesas que se abrem para o jardim. O sol acabou de mergulhar no horizonte, pintando o céu com raios de laranja e rosa. Eu ando para fora, inalando o ar salgado. Vou sentir falta da ilha.

"Ele não é perfeito", Marney diz, vindo para ficar ao meu lado. "Mas ele te ama, minha querida." Cayla se inclina longe dos braços dele, estendendo a mão para mim. Eu a pego e coloco no meu quadril, acariciando a minha mão na sua bochecha. Ela sempre teve os olhos do seu tio Caleb, mas às vezes ela tem este brilho malicioso que é todo de Jude.

"Sei que ele ama", sussurro. Isso é o que torna isso tão difícil. Cayla boceja, esfregando os olhos com os pequenos punhos. 'Vou colocá-la para deitar.'

Marney concorda. Eu ando de volta para a casa e subo as escadas. Dou banho em Cayla e visto-a em seus pijamas antes de deitá-la e ler uma história sobre princesas e unicórnios. Isto é o que a vida dela deve ser sempre: princesas e

unicórnios. Pelo menos até que tenha idade suficiente para lidar com toda a feiúra que esta vida nos reserva. Vou abrigá-la deste grande mundo mau por tanto tempo quanto puder. Quando termino o livro, ela está dormindo. Eu sorrio para o seu rosto pacífico e a cubro, beijando a cabeça dela antes de sair do quarto, dizendo a mim mesma que estou fazendo a coisa certa esperando Jude voltar.

11

TOR

Eu não dormi nada na noite passada, e isso agora está me pegando, então deito por um momento. Estou quase dormindo quando ouço alguma coisa. Sento-me, ouvindo atentamente para ver se Cayla está chorando. Silêncio. O quarto está completamente escuro e eu pisco, tentando encontrar a lâmpada de cabeceira.

Ouçó um rangido no piso do corredor e congelo. No silêncio da casa parece impossivelmente alto. Os cabelos na parte de trás do meu pescoço ficam em pé e meu coração acelera. Quando você leva a vida que tenho, aprende a ouvir os seus instintos e os meus estão gritando para mim que algo está errado.

Meu olhar permanece fixo na porta, minha respiração instável conforme alcanço a mesa de cabeceira e silenciosamente abro a gaveta. Fecho meus dedos em torno do metal frio de uma 9 milímetros, em seguida, pego a Colt 45 de Jude na outra mão e tiro as travas de seguranças. Jogando o edredom para trás, saio da cama, agachando-me ao lado dela, e aponto para a porta. Eu inspiro e expiro. Esperando. E, em então *bang* - a porta do quarto é chutada. Eu não penso, só disparo bala depois de bala até que tudo que eu posso ouvir é um toque estridente nos meus ouvidos. Um par de tiros são disparados na parede atrás de mim, a bala faísca no escuro quando sai do cano da arma. Outro tiro é disparado e uma dor rasga meu ombro conforme a bala me rasga. Rangendo os dentes contra a dor, me abaixo novamente e uso a cama como abrigo enquanto recarrego um novo clipe na Colt do Jude. Ouço tiros no corredor. *Cayla*. Eu tenho que chegar até ela. Descarto a arma vazia e seguro a restante no meu peito. E então ouço passos atravessarem o quarto.

“Sal, sal,xxx donde quiera que estés,” alguém diz, rindo enquanto andam pelo quarto.

Eu vejo a sombra se esconder no final da cama. Seguro minha respiração antes de ficar em pé com a minha arma apontada. Eu puxo o gatilho e seu corpo balança. Ele geme. Sua arma cai no chão e, em seguida, ele se abaixa. Eu nem sequer paro para verificar se ele está morto antes de me mover, pisando sobre os cadáveres espalhados no corredor. Há quatro deles no total e estão vestidos com roupas militares pretas. Quem quer que seja, estão falando sério.

Eu tenho que chegar até Cayla. Segurando meu ombro ferido, vou cambaleando pelo corredor até o quarto dela e empurro a porta com o pé. Há luz da lua o suficiente entrando pela janela para que eu possa ver a figura pairando acima de sua cama. Ele se inclina sobre ela e eu puxo o gatilho. Cayla grita e chora, e ele cai no chão com um baque. Meu coração ameaça a bater fora do meu peito enquanto corro até ela. Respingos de sangue cobrem seu cobertor e pânico corre através de mim antes de eu perceber que não é seu sangue. Eu a pego em seu cobertor manchado de sangue e atravesso na ponta dos pés o quarto. A porta do quarto abre e fecha, e eu balanço minha arma nessa direção.

"Inferno, não atire", Marney diz, segurando as mãos para cima.

Dou um suspiro de alívio. "Temos que ir", sussurro.

Ele se aproxima. "Leve a menina e corra. Desça a praia por cerca de um quilômetro e meio, você vai encontrar um galpão de barcos. Dentro tem um carro, a chave está no escapamento. Vá até o hangar do Billy. Eu vou ligar para ele e dizer-lhe para deixar o avião pronto. Ele saberá onde levá-la." Concordo com a cabeça freneticamente.

"E você?" Pergunto.

"Vou segurá-los." Ele empurra a porta da varanda para abrir. "Vá!"

Vou para fora e a porta fecha atrás de mim. A brisa quente da noite uiva no canto da casa, as ondas batem suavemente na praia além do jardim. Meu pulso martela em meus ouvidos e adrenalina corre através do meu corpo. Cayla choraminga e eu a balanço no meu quadril enquanto tento pensar no que preciso fazer. Eu nem sei quantos homens podem ter na casa, buscando, esperando lá fora ... eu não sei de nada. Tudo o que sei é que fui baleada e tenho que levar minha filha para a segurança.

Localizo as parreiras enterradas entre as vinhas de Jasmine ao lado da varanda, e aperto Cayla no meu peito, correndo os dedos pelos seus cabelos

"Cayla. Ouça. Eu preciso que você abrace a mamãe muito apertado. Você pode fazer isso?" Lágrimas escorrem pelo seu pequeno rosto e posso sentir as gotas caindo sobre meu peito. "Cayla, isso é importante. Abrace a mamãe muito apertado." Ela concorda com a cabeça e coloca os braços em volta do meu pescoço. Eu envolvo o cobertor na minha cintura, fazendo o meu melhor para amarrá-la para mim. E então jogo a minha perna sobre o balcão e piso no primeiro degrau da escada. Entro em pânico quando ouço tiros do quarto de Cayla. Os degraus estreitos fisgam meus pés descalços conforme acelero a descida. Não é fácil, meu ombro está latejando e estou com medo de deixar a Cayla cair, mas fico perto da escada, usando os degraus para sustentar seu peso. Assim que atinjo o chão corro pela grama. Sigo até à praia e corro em direção ao aglomerado de palmeiras que encontram a areia. Uma vez que chego à fileira de árvore atrás da praia, faço uma pausa para recuperar o fôlego, colocando Cayla no chão. Ela agarra o cobertor manchado de sangue.

"Baby, a mamãe precisa um pouco do seu cobertor, ok?" Agarro o cobertor, arrancando uma tira limpa. Eu amarro-o sob minha axila e sobre meu ombro, colocando pressão sobre a ferida da bala. "Merda", sibilo. Luto contra as lágrimas que ameaçam e pego Cayla, abraçando-a ao meu peito. "Está tudo bem." É tudo que eu posso pensar em dizer porque estamos bem, ela vai ficar bem mesmo se eu tiver que morrer para garantir isso. Eu sigo a praia, ficando dentro da linha das árvores.

A cerca de um quilômetro e meio da casa encontro um punhado de pequenos celeiros. Tento as portas até encontrar um com um cadeado codificado. Eu giro os números do aniversário de Cayla. Ele não se move. Tento o meu aniversário e ele abre. Abro as portas e, como prometido, dentro há um velho Jeep Wrangler completo com enormes pneus off-road e um snorkel. Pego a chave no cano de escapamento e abro a porta. Há um assento de carro na parte de trás onde coloco Cayla, prendendo o cinto de segurança sobre ela.

"Boa menina. Vamos para uma pequena viagem."

"Papai", diz ela, com a voz trêmula.

"Papai... o papai está bem."

No banco do passageiro há uma mochila com uma muda de roupa para mim, Jude, e Cayla. No porta-luvas há uma arma junto com uma caixa de munição, carteiras de motorista falsas para Jude e eu, passaportes para nós três. E, por último, um envelope. Eu rasgo para abrir e dentro há um endereço, uma chave e uma pilha de notas. Eu tenho que dar o crédito a ele, ele é organizado. Olho para os itens agora esparramados no banco da frente. Isso é tudo que eu tenho.

Eu viro a chave e o motor tosse uma vez antes de ligar. Saio do galpão de barcos, cruzando os poucos noventa metros de terreno acidentado antes de chegar a uma estrada, e então afundar o pé, fazendo o carro arremessar ao longo da estrada esburacada. Quero o máximo de espaço possível entre nós e os homens que querem nos matar.

Não tenho nenhum telefone. Nenhuma maneira de entrar em contato com Jude. Eu nem sei se ele está vivo. Isso foi um ataque organizado e Jude é o alvo. Somos só eu e a Cayla agora, e tenho que fazer o que for necessário para mantê-la segura. Eu preciso sair desta ilha. Agora.

12 JUDE

Eu fico em pé ao lado de Gabriel olhando para a cabeça de Pepe. Os filhos da puta pegaram um dos postes de guarda-sol, usaram como estaca, e colocaram sua cabeça decapitada em cima como algo que você veria na porra de um episódio de *Vikings*.

"Merda, ese..." Gabriel murmura conforme anda. "Merda."

Continuo olhando. Eu me sinto mal. Pepe era um bom rapaz. Um homem de família. Gabriel caminha até o poste, inclinando-se e olhando para os olhos vidrados de Pepe. "Oh..." ele diz conforme chega e enfia os dedos na boca de Pepe.

"Que porra é essa, Gabe?"

"Ese...." Ele pega um pedaço de papel encharcado de sangue. "Porra, Jude. Estamos fodidos." Ele desenrola a nota e balança a cabeça antes de entregá-la para mim e sair andando. Eu olho para baixo no papel úmido. Em tinta preta, diz: *Apostador, sua família é a próxima. Cumprimentos, Domingo Garcia.*

Meu coração literalmente para antes de bombear com força total e mandar um calor estonteante pelo meu corpo. A porra do Domingo Garcia - está na prisão. Ele foi um dos caras de quem eu forneci informações em troca de ser libertado há quase três anos. Eu cambaleio para trás, deixando cair a nota no chão. "Porra." Eu corro como uma bala em direção ao meu carro e Gabriel está logo atrás de mim.

"Jude? Jude?"

Não digo nenhuma palavra, apenas abro a porta e ligo o motor. Gabriel abre a porta do passageiro e pula dentro. "Isso está fodido", diz ele, puxando a arma de sua calça jeans e levantando-a.

"Vou matar cada um deles se machucarem uma das minhas meninas." Engato a ré no carro e viro para fora do estacionamento, cascalho levantando na minha saída e meu coração martelando contra minhas costelas. Nunca estive tão assustado na minha vida, porque isto não é sobre mim. É sobre Tor e Cayla. E estou a quase uma hora de distância de casa.

Acelero pela estrada sinuosa que segue a encosta, pânico rasgando através de mim a cada minuto que passa. Tento ligar para Tor e Marney, mas nenhum deles está respondendo o que quase me leva ao limite. Cada porra de cenário horrível está passando pela minha cabeça enquanto o carro luta constantemente para ficar na estrada.

"Miguel", Gabriel grita no telefone. "¡Matarlos a todos!" Uma série de espanhol sai de sua boca. Eu não consigo entender o que ele está dizendo, estou muito chateado. Muito preocupado. Pressiono pé mais fundo no acelerador. Quando faço uma curva brusca, Gabriel bate contra a porta e o carro desvia para fora da estrada. Eu consigo vislumbrar a casa daqui e parece que o meu coração está prestes a pular para fora da porra do meu peito. Seguro o volante com uma mão e puxo minha arma com a outra, levantando-a. Sigo devagar na entrada e assim que passo a palmeira, os faróis iluminam o portão de metal pendurado em suas dobradiças, o meio dele está amassado e arranhado com tinta preta.

"Porra!" Grito, as engrenagens rangendo conforme paro o carro. Abro a porta e salto para fora, correndo à toda velocidade pelo portão para a frente da casa. Ouço Gabriel gritando atrás de mim, mas não dou qualquer atenção à ele. Meu foco é chegar naquela casa. Eu quase tropeço subindo os degraus. Meu coração bate violentamente no meu peito quando encontro a porta da frente aberta. Levantando minha arma, paro, o único som é da batida fraca das ondas distantes e minha respiração rápida. Eu entro e as tábuas do assoalho rangem sob o meu peso. Ando furtivamente ao longo do corredor e subo as escadas. No momento que chego nos primeiros degraus vejo sangue escorrendo pelos degraus, e no topo da escada há o corpo de um homem. Eu cerro os dentes, tentando conter o puro pânico rasgando através de mim como uma bala enquanto lentamente ando em volta dele. Eu o cutuco com minha bota. Ele não

se move. Conforme olho pelo corredor, vejo uma pilha de corpos fora da porta do nosso quarto. Eu não consigo respirar. Não consigo me concentrar em nada. Corro pelo corredor, parando quando chego ao quarto de Cayla. Há um homem esparramado no chão, a parte de trás da sua cabeça explodida em pedaços. A cama está salpicada de sangue. Raiva corre através de mim. Medo. Impotência.

"Tor!" Eu grito. "Tor, onde diabos você está?" Corro para a porta do nosso quarto, saltando sobre os homens sangrando no chão e quase puxo o gatilho quando vejo uma sombra no pé da cama.

"Isso não é uma merda?" Marney pergunta, tirando um cigarro de seus lábios e soprando fumaça.

O sangue está em toda parte. Salpicado nas paredes, na cama. Há uma poça escura no chão perto da bota de Marney. "Onde elas estão?" Pergunto.

"Elas estão bem. Elas fugiram. Mandeí-a para o carro reserva, disse a ela onde a chave e tudo estava." Ouço um gemido abafado. Os olhos de Marney vão para o chão conforme ele fuma seu cigarro. Vou para o canto e encontro um homem deitado ao lado da cama segurando o estômago, sangue vermelho entre seus dedos.

Marney acena na direção do homem gemendo. "Precisamos fazer alguma coisa com este pedaço de merda", diz ele. Levanto a minha arma e miro, mas Marney segura meu braço. "Inferno, não o mate. Podemos mantê-lo."

"Para que?" Eu grito.

Marney dá de ombros. "Eu não sei... garantia."

Há passos no corredor. "Jude?" Gabriel chama antes de aparecer na porta. Ele para, olha para um dos homens, e puxa o gatilho. Sangue respinga na camisa de Gabriel. "Estes caras são do Jesús López." Ele caminha para o quarto, seu olhar caindo para o homem no chão. "Ah, merda, ese. Esse é Andrea Garcia, ele é a porra do filho de Domingo."

Eu olho para Gabriel, sangue correndo através da minha jugular. Meu coração batendo. A cabeça girando com raiva silenciosa. Tudo ao seu redor desaparece e meu dedo contrai sobre o gatilho da minha arma. "Por que eles

estão aqui? Na porra da minha casa *de novo*, Gabe?" Digo com os dentes cerrados.

Ele lentamente se vira para olhar para mim. "Por que eles estão atrás de mim?" Eu repito.

Gabriel esfrega a mão no queixo. "Pode haver um milhão de razões. Domingo Garcia a número um."

"Não", dou um passo em direção a ele e ele permanece parado, seu olhar estreitando em mim. "Dois anos e meio, Gabriel, eu fiquei fora por dois anos e meio. Ninguém da porra sabe disso, exceto eu e você e duas pessoas na porra do FBI."

"Todos os cartéis têm ventanas... espiões."

Minhas narinas abrem. "Eu estava fora do radar deles até você..." coloco a arma no meio da testa dele, olhando para o cano dela. "Até você matar um cara do Jesus na porra do meu quintal." Tudo que está girando em volta da minha cabeça é raiva e ódio. Minha vida, pela porra de uma vez, estava perfeita. Eu aperto meu maxilar, imaginando os miolos da cabeça dele voando.

"Jude..." Gabriel diz calmamente, "Pense sobre isso. Se me matar, estará em um monte de merda. Não se esqueça de quem eu sou. Você realmente quer *dois* cartéis caçando você como um cão?" Ele coloca a mão na arma e empurra cuidadosamente minha mão para baixo.

Quero matá-lo, mas não posso ser tão estúpido. Eu vim para o Gabriel para proteção dos caras do Domingo no caso deles descobrirem que delatei sua bunda inútil. Sei o poder que ele tem. Inalando, meu queixo cai no meu peito e Gabriel coloca a mão no meu ombro.

"Estou saindo," Eu me viro e aponto para ele. "Não me siga. Esqueça que você me conhece, essa merda nunca aconteceu." Vou pegar Tor e Cayla e vamos para outro lugar. Recomeçar. Itália. Alemanha. A porra da África por tudo que me importa.

"O cara de Jesus estava fora da sua casa quando eu vim, esperando, agora se era para mim ou para você, eu não sei. Mas ele estava lá." Gabriel suspira. "É um mundo implacável onde você e eu vivemos, e não é algo que você pode fugir,

Jude. Não é. Se o cartel estiver atrás de você, eles vão caçá-lo até os confins da terra." Ele faz uma pausa e olho para cima, olhando através dele. "Eles estão profundamente enraizados em cada segmento da sociedade. Eles irão encontrá-lo. E se, a única maneira de escapar do cartel é matá-los."

"Matar o cartel?" Esbravejo. "Sim, Gabriel, deixe-me apenas," eu aceno com a arma no ar, "derrubar a porra do cartel -" aceno em direção a ele, "Algo tão fácil de fazer, que você nem chegou perto disso, não é mesmo? Porra." Balanço a cabeça.

"Talvez seja possível," Marney diz, acendendo outro cigarro. Gabriel e eu viramos e olhamos para ele. "E aquele cara russo que pegou vocês dois pelas bolas?" Ele sorri.

"Marney, que porra?"

"Fodam-se os russos", Gabriel resmunga, chutando Andrea na lateral. "E foda-se o caralho do seu pai, também!"

Marney dá de ombros.

"Eu não dou a mínima para nada agora", digo. "Tenho que chegar a Tor e Cayla."

Olho para a carnificina na minha frente e compreendo lentamente. O tipo de vida que eu vivia - você nunca consegue se limpar disso. Irá sempre assombrá-lo. Haverá sempre esqueletos escondidos no armário, sempre procurando por vingança. É matar ou ser morto, até o dia em que você morra, ou pelo menos acabe com todos os inimigos que já teve. Não é culpa de Gabe. É minha. Eu sou o criminoso. Eu sou o rato. E sempre soube, no fundo, que tudo viria à tona eventualmente. Estou puto da vida, com raiva de mim por ter ido até Tor. Eu deveria tê-la deixado seguir, deixá-la continuar pensando que eu estava morto. Por mais que isso tivesse me destruído, deveria tê-la deixado e Cayla porque, então, estariam seguras. Foi a minha necessidade egoísta de amá-las, minha fraqueza pelas duas meninas que arruinou tudo. Eu sempre disse que no momento em que você se torna fraco por qualquer coisa é o momento em que você está fodido, mas às vezes, você apenas não pode evitar. E o que eu faço agora...

"Ajude-me a tirar essa merda daqui", digo, olhando para Gabriel. "Você pode mantê-lo em algum lugar?"

Um grande sorriso se espalha sobre os lábios de Gabriel. "Claro."

"Não o mate também, Gabe. Estou falando sério." Olho para baixo para Andrea conforme me inclino e agarro seus braços. "Não foda com a minha família. Juro por Deus que vou fazer você sofrer. E estou um pouco enferrujado com a tortura hoje em dia", eu o arrasto pelo chão, "então não vai ser bonito."

Gabriel olha para o rastro de sangue seguindo Andrea. "Merda, ele pode morrer."

"Ele tem sorte que já não está morto", diz Marney. "Tor é muito boa no tiro." *A minha menina é.*

Olho para Gabriel. "Ajude-me a levá-lo para fora, sim? Merda."

Gabriel suspira conforme se inclina e segura os tornozelos de Andrea. Nós o levantamos e o carregamos sobre os corpos e descemos as escadas, sangue escorrendo de sua ferida por todo o caminho. Nós caminhamos para fora da varanda e seguimos para o meu carro. Marney corre à nossa frente, abrindo a porta para que possamos jogar Andrea dentro. Ele geme de dor quando atinge o banco traseiro. Eu fico na porta do carro, puxo um cigarro do meu bolso, e acendo. "Por que estão atrás da minha família?" Pergunto, muito certo de qual será a resposta: *Domingo*.

Andrea abre os olhos, encolhendo-se quando se move no assento. "Foda..." ele puxa uma respiração profunda, "se!"

Fumo meu cigarro e estreito meus olhos enquanto sopro a fumaça. "Deus, odeio a porra de punks como você." Eu me inclino dentro da cabine do carro e sopro fumaça na cara dele. Suas narinas abrem conforme ele segura seu estômago. Pego o meu cigarro e toco de leve em sua bochecha. Ele grita, cuspidando e xingando conforme saio do carro.

"Sabe, nós podemos usar isso a nosso favor", Gabriel diz, enquanto olha para a casa. "Todo mundo está morto. Se o deixássemos aqui, ele iria morrer..." Ele arqueia a sobrancelha. "Nós podemos cuidar dele. Então, ligamos para Jesús e dizemos *surpresa* o pedaço de merda está vivo. Realmente poderíamos foder a

bunda deles com ele.” Ele sorri. “Não há nenhuma vantagem em ter o filho de Domingo Garcia. Como eu disse, ese, você não está seguro até que estejam todos mortos.”

Olho para o Gabriel, uma sensação de mal estar torcendo no meu estômago conforme concordo. Sei que ele está certo e odeio isso. Eu olho para Andrea uma última vez e fecho a porta.

"Marney," digo, "busque alguns galões de gasolina no galpão. Temos que queimar esta casa para que eles pensem que Andrea morreu nesta porra de invasão."

Marney vai para a parte de trás da casa e depois de alguns minutos, eu o ouço gritando: "Que diabos..." ele volta para a frente com dois galões de gasolina, balançando a cabeça. "Aqueles fodidos atiraram na Princesa Buttercup."

Enrugo a testa. "Princesa quem?"

"Princesa Buttercup", ele grita, com o rosto todo vermelho. "O pônei."

"Que diabos de nome..."

"Quem diabos atira em um pônei?" Gabriel pergunta, desgosto em sua voz. "Viu só, o cartel de Jesús é doente e demente, ese." Ele anda para a frente do carro. "Atirar em um pônei." Viro a tempo de vê-lo fazer o sinal da cruz. "Vou cuidar de Andrea. Deem o fora daqui." Gabriel abre a porta, entra e liga o motor, entrando na escuridão.

"Bem, inferno", Marney geme conforme coloca os galões para baixo e tira as tampas. "Acho que vamos colocar essa merda em chamas, hein?"

"Sim." Pego um galão e sigo para os degraus da frente, deixando um rastro de gasolina atrás de mim. Esta merda nunca termina.

13 TOR

Os pneus cantam conforme entro na pista privada, freando ao lado de um pequeno avião. Crazy Billy mostra a cabeça na parte de trás do avião e caminha até mim.

"Preciso sair da ilha agora, Billy", digo, abrindo a porta do carro.

Solto Cayla do seu assento e pego o passaporte, roupas e dinheiro do banco da frente. Sem questionar, Billy nos ajuda até o pequeno avião e eu sento em um lugar, afivelo Cayla ao meu lado. Ela reclama, tentando se libertar. "Baby, você tem que ficar quietinha. Vamos voar", digo, acariciando seus cabelos.

"Vocês estão bem?" Billy pergunta, olhando para o meu ombro sangrento enquanto puxa a porta do avião para fechar.

"Sim, só nos leve para o ar." Estou nervosa, aguardando alguém vir atrás de nós com balas em punho.

Ele afivela a si mesmo e vira um interruptor, os motores rugindo. Cayla franze a testa e olha com os olhos arregalados para mim. Eu coloco meu braço em torno dela, inclinando-me e sussurrando, "Vai ser divertido." O avião vira na pista e sacolejamos ao longo dela, lentamente ganhando velocidade. Meu coração bate forte no meu peito. Eu só quero sair do chão. Nós seguimos pela pista e meu estômago torce quando as rodas saem do chão. Cayla grita quando as nuvens passam por nós. Billy e eu assistimos as luzes da ilha ficarem cada vez menores até que não vejo nada além de preto debaixo de nós, e finalmente dou um suspiro de alívio.

Uma vez que nivelamos, tiro roupas limpas da mala e me troco rapidamente, usando a blusa para envolver meu ombro ainda sangrando. Quando me sento de novo encontro Cayla adormecida no banco. Sua cabeça está caída para o lado e ela está respirando suavemente. Quanto mais longe da ilha ficamos, mais

minha adrenalina diminui. Sou capaz de pensar mais claramente sobre o que preciso fazer. Meu primeiro instinto é ir para o endereço e esperar por Jude, porque Jude conserta tudo... *certo?* Ele pode pensar que tem tudo sob controle, mas ele não tem. O simples fato é: minha filha quase foi morta essa noite por causa de Jude. O que quer que esteja acontecendo, ele é o alvo e Cayla e eu não somos nada mais do que danos colaterais, alvos que seus inimigos podem usar para chegar até ele. E como mãe, não posso permitir que minha filha seja jogada nesta tempestade.

Quando tive Cayla, nunca poderia compreender inteiramente como ela mudaria tudo. Eu amo Jude com cada fibra do meu ser, mas Cayla é meu coração batendo fora do corpo. Ela é minha filha, minha razão. Eu farei qualquer coisa para protegê-la. Qualquer coisa. Mesmo que isso signifique nós nos escondermos do homem que amo.

Quando pousamos em Miami, agradeço Billy e piso em solo americano pela primeira vez em mais de dois anos com Cayla embalada em meus braços. O calor pegajoso de Miami irradia do chão conforme caminho pela pista em direção à entrada do aeroporto. Engolindo, entro rapidamente, sendo engolida pela multidão agitada de viajantes. A sensação de desorientação me rodeia e meu pulso acelera com o pensamento do que devo fazer para proteger minha bebê. Reajustando a bolsa no meu ombro bom, ando em linha reta a um dos balcões de companhias aéreas e espero na fila atrás de um enxame de empresários enquanto Cayla brinca com o meu cabelo. Eu enrijeço, procurando a minha determinação quando me aproximo do balcão.

"Posso ajudá-la", a atendente pergunta.

Concordando com a cabeça, engulo. "Posso usar seu telefone, por favor?"

Ela me faz um gesto para o lado antes de pegar um telefone e me entregar o fone. Minha boca fica seca conforme ligo para o operador. "Operador. Posso ajudá-lo?"

"Preciso do telefone do FBI." Eu digo, meu pulso martelando em meus ouvidos.

"Aguarde, por favor." Há uma pausa. "Estou ligando-a agora."

"Federal Bureau of Investigations." Uma mulher responde.

"Meu nome é Victoria Pearson." Digo calmamente. "Preciso falar com alguém sobre entrar no programa de proteção a testemunha."

Algumas horas mais tarde, estou sentada no escritório de Miami do FBI. Olho para a tipoia branca onde meu braço está agora, balançando meu joelho ansiosamente enquanto espero. Eles trouxeram um médico para costurar meu ombro, mas a dor ainda pulsa com cada batimento cardíaco. O médico me ofereceu remédios para a dor. Eu não quero. Preciso estar alerta.

O homem atrás do balcão olha para cima e sorri conforme fala espanhol em um telefone. Encontro-me segurando Cayla um pouco mais apertado, porque, de repente, todo mundo parece um inimigo, uma ameaça potencial. Cayla joga seu corpo para trás, contorcendo-se e lamentando. Ela está cansada e irritada. Ajeito-a no meu colo, mas ela ainda está balançando, tentando descer.

"Fique aqui com a mamãe", digo, balançando-a. "Mamãe só quer te segurar."

"Papai...", ela lamenta. Isso é como um soco no peito. Eu beijo sua testa e cantarolo baixinho para ela. Quando olho para cima, o homem que estava falando no telefone está me observando. Dou um pequeno sorriso antes do meu olhar se afastar. Cayla agarra o meu colar, seus olhos fixos no pequeno pinjente de beija-flor.

Olho para cima para o relógio. Estou aqui há horas. Isso não é se esconder, isso é ficar totalmente a vista. Só quando estou pronta para levantar e sair, um homem com cabelos grisalhos vestido com um terno preto chique vem através das portas. Seu olhar varre a sala de espera antes de parar em mim, e conforme ele se aproxima, há uma leve expressão séria no seu rosto. Ele puxa o paletó para trás apenas o suficiente para que eu possa ver o emblema em seu cinto. "Victoria?" ele diz com firmeza. Eu concordo. "Siga-me por favor."

Eu lentamente levanto, levantando Cayla no meu quadril conforme o siga. Ele me leva para um escritório e fecha a porta. O som da tranca me deixa nervosa.

“Só uma precaução”, diz ele e olha para mim conforme se senta atrás de uma pequena mesa. Ele aponta para a cadeira do outro lado da mesa dele. “Por favor, sente-se.” Eu sento, abaixando Cayla. “Meu nome é Agente Tidwell. Trabalhei no caso de Jude há dois anos.” Deixo escapar uma respiração trêmula. “Eu *sei* que ele não está morto, Victoria.”

Eu ignoro essa afirmação. “Preciso de ajuda. Alguém tentou matar eu e minha filha.” Balanço a cabeça.

“Você sabe quem?”

“Eles estavam falando espanhol. Isso é tudo que eu sei.” *Mas não é os russos que deveriam estar vindo atrás de nós?* Olho para Cayla engatinhando pelo chão e estalo os dedos para ela. Ela senta e sorri.

“Onde está Jude agora?” Ele pergunta, seus olhos escuros encontrando os meus.

Eu pressiono os lábios. Preciso de ajuda, mas vou entregar Jude.

Suspirando, Tidwell se inclina para frente sobre a mesa. “Ouça-me com muito cuidado, Victoria. Vou ajudar você e sua filha.” Ele olha para baixo, para Cayla. “Eu posso proteger vocês, mas Jude Pearson não pode pisar em solo americano. Isso vai criar sérios problemas que nenhum de nós será capaz de corrigir.” Há um longo momento de silêncio antes dele limpar a garganta. “Onde ele está?”

“Eu não sei”, respondo honestamente. “A última vez que o vi ele estava no Caribe, mas pelo que sei ele está morto.” É um pouco coincidência demais que seu barman foi decapitado, forçando-o a sair de casa apenas uma hora antes de sermos atacados. Eu engulo duro com esse pensamento, meu estômago revirando. *Não, ele não pode estar.* É Jude. Não tenho certeza que ele *possa* estar morto.

“E se ele não estiver”, Tidwell diz, “então ele está, sem dúvida, vindo atrás de você e sua filha.” Ele se encosta para trás em sua cadeira e as dobradiças rangem. “Merda”, ele murmura entre dentes.

“Por favor. Eu preciso... preciso fugir dele”, imploro. Tidwell estreita os olhos para mim. “Quem quer que tentou nos matar, foi por causa de Jude.” Eu olho para Cayla estendida de bruços no chão. “Ela é apenas uma criança.”

"Vou te ajudar", diz ele.

"Obrigada." Eu olho para ele, estudando-o. Não tenho ideia se posso confiar nesse homem, mas não tenho escolha agora.

"Apenas fique bem aqui - onde você está segura -" ele se levanta da mesa "e deixe-me deixar algumas coisas em ordem antes de mover você."

Dentro de algumas horas Tidwell caminha de volta para a sala de espera com dois outros agentes atrás dele. Um deles é uma mulher bonita com cabelo escuro comprido puxado em um rabo de cavalo. Ela deve ter só vinte e poucos anos e nada sobre ela se assemelha ligeiramente a um agente típico do FBI. O outro cara é mais velho e parece ex-militar com seu corte de cabelo rente e a expressão dura.

"Esta é a agente Hart," Tidwell diz, apontando para a mulher. "E agente Nelson." O cara acena para mim.

"Oi. Obrigada pela ajuda", digo. Eles viram e saem da sala e eu pego Cayla do chão.

Tidwell coloca a mão suavemente no meu braço. "Por aqui." Ele me leva a um elevador, onde Hart e Nelson estão esperando. As portas do elevador fecham e então descemos. As portas abrem para uma garagem, e no segundo que saímos, os três têm armas na mão. Meu estômago dá um nó com a verdadeira gravidade da minha situação. Estou em xxxcustódia protetora do FBI. Eu pensei que minha vida tinha acabado quando Jude me levou. Pensei isso mais uma vez quando ele morreu. E agora estou fugindo dele. Isso realmente parece como o próprio inferno. Eles colocam eu e Cayla em uma SUV preta e somos levadas para a estrada lotada de Miami.

Nós vamos em silêncio, meus nervos no limite. Finalmente nós saímos da interestadual, para um bairro de casinhas em tons pastéis com palmeiras e azaléias pontilhando os gramados. Nós estacionamos na entrada de uma casa aparentemente normal. Persianas. Uma samambaia bonita pendurada na varanda da frente. Os agentes abrem as portas e saem, caminhando para a parte de trás do veículo para ficarem de guarda. O agente Tidwell abre a porta do passageiro e me ajuda, pegando minha mala para que eu possa pegar Cayla.

Tidwell nos leva até a calçada, pela varanda da frente, e direto para dentro da casa.

Há uma poltrona e um sofá na sala da frente. Um abajur em uma mesa. As paredes são bege e há aquela sensação de ninguém morar aqui. Mas este é um lugar para ficar, e mais importante, é seguro. Os outros dois agentes entram na casa e aqui estamos no meio da sala de estar.

"Você está bem?" A agente Hart me pergunta, sorrindo para Cayla.

"Estou bem, obrigada."

Ela concorda com a cabeça. "Estamos mandando alguém trazer suprimentos. Artigos de higiene pessoal. Tem alguma coisa que você precise?"

"Uh, barrinhas e talvez cereais para ela fazer um lanche."

"Claro." Ela passa o dedo sobre o braço de Cayla. Cayla reclama por um segundo, esfregando os olhos. "Há um quarto lá atrás. Por que você não vai e fica confortável?"

Sigo pelo corredor e abro uma porta para um quarto com uma cama de solteiro. "Você está pronta para dormir, baby?" Sussurro para Cayla conforme a deito. "Está tudo bem. Nós vamos ficar bem." Eu beijo sua cabeça e afasto as mechas de cabelo loiro do seu rosto. Ela boceja e eu fico com ela, acariciando seus cabelos até que ela adormece. "Nós vamos ficar bem", sussurro, bloqueando o profundo vazio que começou a residir no meu peito. Esfrego o local sobre o meu coração e fecho os olhos. Sinto falta dele. Estou aqui porque quero que Cayla fique segura, mas a verdade é que, mesmo no meio de sangue e guerra, Jude é a única pessoa que já me fez sentir segura. Sei que é tudo uma ilusão, mas meu coração anseia por ele independente disso. Estou tendo que escolher entre as duas pessoas que mais amo no mundo e isso parte meu coração. Mas no final das contas, não há escolha. É Cayla. Será sempre Cayla.

14 JUDE

O calor adere a mim como um filme plástico conforme paro na varanda procurando a chave. Uma linha grossa de teias de aranha cobre a porta e eu as afasto conforme empurro a chave na fechadura. A tranca estala e as dobradiças da porta rangem conforme ela abre para a entrada escura.

"Merda", murmuro baixinho enquanto entro na casa vazia. "Tor?" Minha voz ecoa na entrada. "Boneca, você está aqui?" Silêncio.

Pânico corre pelas minhas veias conforme vou de cômodo em cômodo vazio. Nada foi tocado. Elas nunca estiveram aqui. Meu pulso fica fora de controle, minha mente girando com possibilidades. Com cenários hipotéticos horríveis. *Merda, e se o cartel as encontrou depois que Billy as deixou?* Engolindo esse medo, puxo meu telefone do bolso e tento o número de Tor, mas ele vai direto para a caixa postal. Onde diabos ela terá ido, e como diabos eu devo encontrá-la em Miami? Apoio meu antebraço contra a parede e inclino minha testa contra ela conforme puxo uma respiração profunda. E é quando o medo se instala. O suor se instala sobre a minha testa, meu estômago se contorce com preocupação. Eu me afasto da parede e caminho, balançando a cabeça enquanto repasso a porra dos cenários terríveis do que pode ter acontecido com a minha família. Eu cerro os dentes. Meu peito queima. Lágrimas de raiva enchem meus olhos, finalmente escorrendo pelo meu rosto. E então a raiva se instala, lenta no início, mas depois, como um trem de carga ela vem em pleno vigor, rápida e forte. Puxo o braço para trás e bato com o punho na parede. Eu soco buraco atrás de buraco através do gesso, gritando e xingando até que meu braço doi e suor molha minha camisa. Exausto, deslizo para baixo na parede até o chão. Tinta e gesso sujam os cortes abertos em meus dedos. Que porra eu tenho se elas se foram?

Meu telefone toca e freneticamente atendo. "Sim?"

"Ela não vai estar lá", Gabriel diz em pânico. "Diego disse que ela foi para o FBI em Miami."

"O que? Quem é Diego e como ele sabe?" Grito, ficando em pé e indo em direção à porta.

"Ele é minha fonte no FBI. Ele entrou em contato comigo há pouco dizendo que deu ordem para algum agente de Washington ir aí para lidar com isso. É ruim para você, ese. Realmente ruim."

"Mas elas estão seguras?" Faço uma pausa. "Onde a levaram?"

"Você não pode ir até elas. Todo mundo sabe que você está vivo agora -"

"Como?"

"Há ouvidos em todos os lugares e Tor aparecendo, bem... dizem por aí que Jude Pearson forjou sua morte e escapou da prisão com a ajuda da porra dos russos." Gabriel puxa uma respiração profunda. "E ele tem um monte de inimigos da porra, meu amigo."

"Ah, porra", grito, andando pela sala. "Não sei o que é pior, eles acharem que trabalhei com o diabo russo para sair da prisão, ou a verdade que eu entreguei Domingo."

"É praticamente a mesma coisa, ese. Você está basicamente preso entre um merda e um idiota."

Não importa o que eu faça neste momento. Eles vão me encontrar. E vão me matar. Só preciso ver Tor e Cayla. Só preciso saber que elas estão seguras e beijá-las uma última vez. "Dê-me o endereço," digo, mas não recebo nada além de silêncio. "Gabe! Dê-me a porra do endereço de onde elas estão."

"Jude..."

"Não, eu só quero vê-las."

Ele exala. "Deixe-me falar com Diego. Eu ligo de volta."

Desligo o telefone enquanto caminho para fora da casa, descendo as escadas para o meu carro. Eu ligo o motor e saio, indo na direção para pegar Marney no hangar do Billy. Então... então eu não sei o que diabos vou fazer.

pausa

Eu odeio Miami. É quente e lotado e as pessoas não sabem dirigir. Aperto a buzina conforme desvio de um merda de Mustang dos anos 80. O motorista pisa no acelerador e corta de novo na minha frente, bloqueando minha passagem. *Juro por Deus, porra.* Eu desvio para a outra pista e piso fundo. O cara me encara conforme tenta acompanhar e me tirar do caminho. Não estou no clima para esta merda hoje. Ele fala "Foda-se" e perco a cabeça, puxo a arma da minha cintura e miro através da janela. Os olhos do rapaz se arregalam com a visão da minha arma e ele vira a direção, batendo no gradil, metal voando por toda parte.

"Pegue a saída 13 e siga em frente", instrui o GPS.

Eu deslizo por todas as três faixas de tráfego e viro na pista de saída, pneus cantando conforme viro na rampa. Dez minutos mais tarde paro na lateral da estrada. As casas são todas em tons pastel, palmeiras no jardim da frente. Desligo o motor e saio do carro, empurrando minha arma na cintura da calça e puxando a minha camisa para baixo para esconder. Meu telefone toca, eu tiro do meu bolso e franzo a testa para o número desconhecido.

"Sim?" Respondo.

"Pearson." Permaneço em silêncio. Conheço essa porra de voz. "É o agente Tidwell", diz o homem. Eu fecho os olhos e puxo uma respiração profunda. "Estou ligando para lembrá-lo sobre o trato que você fez. Especificamente, a parte onde você concordou em não por os pés em solo americano."

Eu paro ao lado de uma caixa de correio de peixe-boi. "E que diabos você vai fazer se eu fizer isso?"

"Jesus", ele suspira, parando, "isso não é apenas sobre você."

"Sei muito bem de quem se trata." Quem diabos ele pensa que está tentando ser, minha merda de bússola moral?

"Então fique morto! Você está prestes a ferrar com todos nós", diz ele com um rosnado.

Eu ando pelo quintal de alguém, e posso ver a casa daqui. Há três SUVs pretas estacionadas. Dois homens estão montando guarda na varanda. "Então, é sua bunda gorda na varanda ou você está dentro?" Pergunto.

"Droga Pearson!" O telefone corta e a porta da frente se abre, a silhueta volumosa de Tidwell aparece na moldura da porta. Os dois agentes na entrada puxam suas armas e apontam para mim. Eu rolo meus olhos e continuo caminhando em direção à casa, porque eles não vão atirar em mim, é plena luz do dia, porra, pelo menos não até que eu pise naquele gramado. "Você não pode estar aqui", Tidwell grita.

"Preciso ver Tor." Eu paro no meio-fio e olho para ele.

Ele suspira e puxa a arma do coldre, mirando em mim. "Victoria Devaux e Cayla Pearson estão sob a custódia protetora do FBI. Se você ameaçar essa proteção vou atirar em você." Estreito os olhos para ele, minha mandíbula apertando. Deus, eu adoraria quebrar a cara dele. Eu o odiava quando estava na prisão e o odeio agora. "Preciso ver Tor, porra", repito.

"Jude", ouço a voz de Tor antes de Tidwell virar para a porta. Tor se aproxima, empurrando-o para o lado. Deus, ela parece uma merda. Olheiras abaixo de seus olhos. Seu rosto torcido com preocupação e seu braço está em uma tipóia. Eu só quero abraçá-la e dizer-lhe que tudo vai ficar bem.

Vou para pisar na grama e Tidwell infla suas narinas. "Pearson..." a arma estala conforme ele engatilha. "Lembre-se do acordo que fizemos..."

O acordo que fizemos, onde vendi outros criminosos para não existir mais. Sem previdência social. Sem crédito. Sem existência.

"Esse acordo é a única razão pela qual você não tem uma bala na sua cabeça agora", diz Tidwell.

Tor segura o braço de Tidwell e puxa-o para dentro de casa. Os dois viram as costas para mim, e lentamente caminho ao longo da entrada enquanto eles falam em voz baixa. Posso ouvir Tor suplicando para me deixar entrar por um minuto. Depois de um momento, Tidwell olha por cima do ombro com os olhos estreitos. Eu posso ver sua mandíbula contraindo, a agitação evidente em seu rosto. "Dez minutos", diz ele. "E então você sai."

Isso é bom para mim. Isso é tudo que preciso.

Ele vai para o lado e eu continuo, olhando para os dois federais que ainda têm suas armas malditas apontadas conforme passo por eles. Nem sequer olho para Tidwell quando piso na varanda e caminho para dentro da casa passando pela porra da sua bunda. Tor me dá um olhar de lamento antes de virar e se mover através da sala de estar. "Onde está Cayla?" Pergunto.

"Com um dos agentes."

Nós paramos no final do corredor. Ela entra em um quarto e eu sigo, fechando a porta atrás de mim.

"O que diabos aconteceu com o seu braço?" Pergunto.

"Eu levei um tiro, Jude." Uma bala no ombro... ela tem sorte de não estar morta. Ela se senta na cama com o olhar fixo no chão. "Você não devia ter vindo aqui." Ela pressiona a palma da mão contra a testa e fecha os olhos.

"Por que você iria para o FBI sabendo muito bem que eu não deveria estar aqui?" Meu pulso martela em meus ouvidos.

"Essa era a ideia - que você não viria aqui", ela sussurra, abrindo os olhos para olhar para mim.

"O que?" Estreito meu olhar para ela "Por que você -"

"Porque eles entraram em nossa *casa*, Jude! Eles estavam atirando para matar! Eles estavam na porra do quarto da Cayla!" Ela levanta, roendo a unha enquanto caminha até a janela. "Eu te disse que não me sentia segura", diz ela enquanto se vira com uma dor na voz que me corta. "Eu implorei para você me deixar ir embora. Você sequer sabe de quem eram os homens?"

"Estou resolvendo essa porra."

"Claro que você está", ela ri. "E você quer saber por que eu vim até *eles*?" Ela aponta para a porta.

"Jesus, você poderia me dar a porra de uma chance, mulher?" Eu balanço a cabeça. "Você nem sequer me deu uma chance para consertar isso, Tor."

"Você vai me dizer quem está atrás de nós, ou simplesmente me deixar no escuro? Porque sabe, eu adoro quando minha casa se transforma em uma zona de guerra sem nenhum aviso!"

Caminho pelo quarto, esfregando a mão sobre meu peito. Se eu disser, ela vai perder a cabeça, e, se eu não disser ela vai perder a cabeça. *Foda-se*. "É o maldito cartel, certo?"

"O cartel?" Ela respira, seus olhos arregalando, seu peito subindo em ondas irregulares. "O cartel..."

"Sim, e como eu disse, estou resolvendo a porra."

"Deus, quero acreditar em você", ela sussurra, sacudindo a cabeça antes de seus olhos azuis de aço travarem com os meus. "Você me trata como se eu fosse estúpida, Jude, mas eu sabia que você estava entrando muito fundo."

"Ah, e você correr para o FBI não está me colococando mais fundo em um caminhão de merda?"

Um raio de raiva pisca através de seus olhos. Vejo sua mandíbula ficar dura. "Você quer saber por que eu vim para o FBI? Vim aqui porque não achei que você iria seguir."

"Você não achou que eu iria te seguir?" Sorrio. "Você não me conhece muito bem, então, não é?"

"Achei que você iria ver a gravidade da situação. Pensei que você pudesse ser altruísta o suficiente para nos deixar seguir em segurança!" Ela grita, com a voz embargada.

Meu peito aperta e engulo o nó na garganta. "Apenas deixar você e minha filha irem? Sem nunca descobrir o que diabos aconteceu com vocês? Sem saber se estão vivas ou mortas?" Balanço a cabeça. "Tenha piedade, Tor."

"Bem, agora você sabe. Estamos vivas." Ela hesita, seus olhos indo para o chão. "E agora você tem que ir." Mesmo que suas palavras sejam severas, ouço a fraqueza em sua voz. Ela não quer isso. Ela está apenas com medo, e não posso culpá-la.

"Você espera que eu deixe você e Cayla?"

"Nós não estamos seguras com você, Jude."

Dou um passo em direção a ela. "Você não está segura em nenhum lugar, *a não ser comigo*." Outro passo. "Você me ouviu, Tor? Você só está segura comigo." Raiva corre através de mim. Não gosto do pensamento de que ela duvida de mim,

que ela não se sente segura comigo. Que ela se sente mais segura com alguns federais da porra do que comigo. Mais um passo e a tenho apoiada contra a parede. Olho para ela, levantando a mão e roçando o dedo ao longo de sua mandíbula. Posso ver lágrimas surgindo em seus olhos, a dúvida, a preocupação. "Não faça isso comigo, boneca. Não...", sussurro, inclinando-me para baixo e pressionando suavemente meus lábios nos dela. "Porra, eu te amo". Vou para trás e encontro lágrimas escorrendo de seus olhos fechados. Seus lábios tremem e eu a beijo novamente. "Eu te *amo*."

Ela agarra minha camisa, amassando-a em seus punhos. "Eu também te amo, Jude. Tanto..." Afastando-se, ela abre os olhos, seu olhar subindo lentamente para encontrar o meu. "Mas é Cayla."

Meu coração pula algumas batidas porque porra, sei que ela está certa. Tor esconde o rosto no meu peito e eu a seguro enquanto ela chora. Quantas vezes vou quebrar essa mulher? Quantas vezes vamos quebrar um o outro? Deus, eu a amo pra caralho, e às vezes amar alguém, bem, você tem que fazer merdas que rasgam você. Tor teve razão de fugir de mim, mas isso não faz eu deixá-la ir menos doloroso. Ela se afasta e eu seguro suas bochechas, passando meus polegares abaixo de seus olhos.

"Você tinha razão em sair," sussurro, porque preciso que ela saiba disso. "Você fez o certo para Cayla." Um soluço sai de seus lábios e eu a beijo uma última vez antes de lentamente virar em direção à porta. "Vou consertar isso, no entanto. Ok? Eu vou consertar." E com isso, abro a porta e saio para o corredor, porque vou perder a cabeça se ficar mais um segundo. Eu não posso desmoronar.

Quando entro na sala de estar vejo Cayla agarrada a uma agente feminina. Ela me vê por cima do ombro e sorri. "Papai. Papai," ela grita, estendendo os braços.

"Ei, bonequinha," sorrio, apesar de tudo dentro de mim estar se quebrando. Estendo a mão para ela e a mulher a entrega para mim. Cayla grita quando eu a levanto no ar. "Eu senti sua falta", digo.

Os bracinhos de Cayla envolvem meu pescoço e ela deita a cabeça no meu ombro. Aperto-a com força, fechando os olhos conforme beijo o topo da sua cabeça. Eu poderia tê-la perdido. Poderia ter perdido Tor. Se Tor não fosse boa atiradora, elas estariam mortas agora. "Papai te ama." Beijo sua bochecha. "Eu te amo *tanto*."

Ela sorri e pega no meu rosto. "Amo você."

Viro para o lado e vejo Tor encostada na porta, o rosto enrugado enquanto ela luta para conter as lágrimas. "Papai tem que ir agora."

"Não, papai não ir", Cayla lamenta, agarrando-me forte. "Não, Papai." Um soluço de lamento rompe seus lábios. "Não!" Eu tento afastá-la de mim, mas ela segura, e merda, se isso não está quebrando meu coração. Lágrimas borram minha visão quando tento novamente entregá-la. "O papai tem que ir, Cayla," digo, "mas ele te ama. Eu te amo."

Ela grita quando a mulher a tira de mim, suas pequenas mãos abrindo e fechando enquanto ela freneticamente se estica para mim. "Sinto muito", digo conforme viro e sigo para a porta.

Ela ainda está gritando por mim quando saio e fecho a porta atrás de mim. Respiro fundo antes de olhar para cima e notar os agentes com armas em punho apontadas para mim novamente.

Eu levanto as mãos. "Estou saindo", digo e caminho passando por eles.

Eu viro a esquina e entro no meu carro, olhando para a casa onde minhas meninas estão enquanto sento atrás do volante. Acabei de me afastar de tudo da porra da minha vida. Tor e Cayla são isso. Eu me afastar... o cartel me matar - isso não importa. Eles virão atrás delas também por puro princípio, e o FBI - eles não são páreo para o cartel, ou então o cartel não existiria. Meu coração bate no meu peito. Suor encobre meu rosto e eu aperto o volante até meus dedos ficarem brancos. Seja qual for a razão pela qual fui puxado para isso - se é por causa do meu acordo com os federais ou simplesmente eu estar na porra do lugar errado na hora errada, estou nessa agora. Bem no meio da porra e posso ser apenas um homem, mas estou muito puto, e não vou descansar até que cada pessoa

que esteja entre mim e minha família morra. Seja qual for o custo. Se eu tiver que morrer para garantir que Tor e Cayla fiquem seguras, que assim seja.

15 TOR

Vamos mudar para outra casa.

Tidwell não gosta que Jude saiba onde estamos. Ele foi embora, mas eu conheço Jude. Ele vai observar e manter o controle sobre nós mesmo que seja à distância. E não sei se isso é uma coisa boa ou ruim neste momento. Eu sinto que estou à deriva, sem direção, sem âncora. Jude *era* a minha âncora e sem ele só estou lutando, tentando fazer a coisa certa.

Tidwell entra no banco da frente do carro e Hart fica na parte de trás ao lado do assento de carro de Cayla. Eu me viro e vejo quando Cayla sorri para ela. Ela gosta dela. É bom ver um sorriso em seu rostinho. Cayla chorou por horas depois que Jude saiu. Cada uma de suas lágrimas foram como um corte de lâmina em mim. Eu odeio isso. Odeio isso por mim, mas mais ainda, odeio isso por ela. Viro-me de novo e vejo as estradas suburbanas passarem por nós. Eu não tenho ideia de para onde estamos indo, mas só tenho que confiar que estamos seguras. Agora, só posso confiar a segurança da minha filha nesses estranhos e vou ser honesta, isso não me cai bem.

Nós ficamos na estrada por cerca de uma hora. Olho para fora da janela e não vejo nada além de quilômetros de pântano. Acho que pode xxxser Everglades¹ e tudo em que posso pensar são todas as cobras e jacarés que o habitam. Suspirando, inclino a cabeça para trás contra o encosto de cabeça e fecho os olhos por um segundo enquanto escuto o rádio tocar baixinho no fundo.

Devo ter adormecido porque pulo acordada quando sou jogada contra a porta. Minha mente se esforça para entender, processando o som de pneus guinchando conforme o carro sai lateralmente. Sou jogada para a frente. O cinto de segurança me corta quando a frente do carro colide com um poste de telefone e uma dor aguda, lancitante irradia através do meu ombro ferido. E então tudo se

¹ Região do estado da Flórida e nome de uma cidade no mesmo estado.

rompe. Há o som distinto de balas silvando contra metal. Tidwell grita. Meu coração bate forte contra minhas costelas quando apanho do cinto de segurança e alcanço Cayla - ela se foi. Sua cadeirinha está vazia, as tiras jogadas para o lado, seu copo de canudinho no chão.

"Cayla!" Eu grito conforme tento alcançar a porta. Tidwell agarra firmemente meu braço e me arrasta pelo assento do motorista e para fora do carro, me puxando para baixo para agachar do outro lado dele. "Onde está Cayla?" Eu grito. "Onde está a minha filha?"

"Hart está com ela", ele diz. "Ela correu para se esconder." Ele aponta com a cabeça para um pequeno celeiro a cerca de cinquenta metros de distância. "Você consegue disparar uma arma?"

Pego a arma dele, tiro a trava de segurança, e tiro meu braço da tipoia enquanto seguro a arma com as duas mãos. Balas continuam a chover como uma tempestade batendo no metal do carro. Dou uma rápida olhada no celeiro, grata que a agente Hart tenha Cayla longe disso. Minha visão vai para a traseira do carro onde ele está, esperando alguém virar ali. Há um grande estrondo atrás de mim e Tidwell geme. Eu viro e disparo a arma no cara com uma máscara preta pairando sobre Tidwell. Eu acerto bem da cabeça dele e ele cai duro e rápido.

"Merda", Tidwell geme, apertando a mão sobre sua coxa. Sangue escorre entre os dedos.

"Mantenha a pressão sobre ela," eu grito. Outra figura mascarada se arrasta em volta do carro e eu disparo contra ele, atingindo-o no peito e derrubando-o. Meu coração está acelerado, adrenalina bombeando em minhas veias. Tidwell geme ao meu lado e eu rapidamente olho para baixo em sua ferida. Sua mão está coberta de sangue, o chão está cheio dele. *Sangue demais*. Tiro minha camisa e jogo-a para ele. "Amarre isso em volta da sua coxa. Acima da ferida. Apertado."

O turbilhão e barulho das balas para, e eu paro. O único som é a minha respiração. Meu batimento cardíaco rápido... ouço portas de carro batendo e lentamente levanto, espreitando através das janelas do carro para assistir vários homens mascarados subirem em um Hummer prata. Fico um pouco mais em

pé, a arma ainda agarrada firmemente nas minhas mãos conforme alívio corre sobre mim momentaneamente. E então ele é arrancado porque a agente Hart está sentada no lado do passageiro daquele carro com Cayla no colo.

"Não não!" Grito, histeria e medo me envolvendo. Eu corro ao redor do carro, gritando conforme o motor do Hummer liga e eles saem, o carro derrapando conforme acelera para longe. "Cayla!" Pânico cego me consome enquanto assisto o carro ir embora na estrada. Sem hesitar, seguro a porta do carro destruído e pulo no lado do motorista.

"Victoria!" Ouço Tidwell gritar, mas ignoro-o. Eles têm a minha menina.

Eu viro a chave, rezando para tudo e qualquer coisa que o carro ligue. O motor crepita e engasga. Bato meu pé no acelerador e ele pega. Coloco a marcha, as engrenagens triturando conforme coloco meu pé no acelerador. O carro dá uma guinada para a frente, vapor levantando do capô esmagado conforme eu piso fundo atrás do carro. Posso ver as luzes traseiras vermelhas ainda. *Merda. O que eu faço?* Estou tremendo, lágrimas borrando minha visão enquanto o medo me atrapalha. *Jude.* Tenho que ligar para Jude. Dirijo com uma mão enquanto enfio a outra no bolso, pegando o telefone que Tidwell me deu, mas está vazio. Merda, eu devo ter perdido meu telefone no caos, mas com certeza eles têm um aqui? Abro o console central e procuro antes de abrir o porta-luvas e sentir dentro. Um pequeno pedaço de esperança floresce no meu peito quando minha mão pousa em um telefone. Eu puxo-o para fora, mantendo meu pé fundo enquanto digito o telefone de Jude.

"Sim", diz ele.

"Jude! Eles estão com a Cayla!" Estou chorando, soluçando ao telefone. Não há nada além de silêncio.

Eu jogo o telefone longe e rapidamente olho para a tela em branco. *Sem bateria. Merda!* Cerro os dentes com frustração e jogo o telefone no chão. O Hummer sai do caminho à frente, derrapando por toda a estrada e eu sigo, os pneus guinchando em protesto quando piso fundo, ao fazer a curva. Estamos agora em uma estrada aberta com nada além de pântano em ambos os lados.

Eu só tenho que segui-los e então... o que? Jude não sabe onde estou, nem o FBI. Estou sozinha. Completamente sozinha. Assim como Cayla. Eu sou tudo que ela tem agora. Então eu continuo indo, nunca recuperando o atraso porque o carro demolido não vai mais rápido.

Depois de alguns quilômetros, o motor gagueja e cospe. O carro fica mais lento, independentemente de quão fundo eu pressiono o acelerador. Eu quero gritar de frustração. "Não!" Bato minha mão sobre o volante. "Vamos. Por favor!" O vapor que vem do capô engrossa, o motor para e fumaça preta cobre o capô. "Porra!" Eu assisto o Hummer prata se afastar de mim, levando minha filha com ele. Nunca me senti tão impotente na minha vida.

Eu me jogo para fora do carro e chuto a porta, batendo as palmas das mãos contra a janela em frustração. Apoio minha testa contra o vidro frio por um segundo antes de minhas pernas falharem e eu deslizar para o chão em lágrimas. Não posso explicar esse sentimento, só... desolação total, desamparo, inutilidade, porque eu sou a mãe dela e tenho que protegê-la a qualquer custo. Eu falhei com ela. Hart - uma mulher que de bom grado entreguei Cayla - levou-a. Pensei que pudesse confiar no FBI. Nós não estamos seguras com Jude, mas Jude não teria permitido que Cayla fosse levada. Eu permiti.

16 JUDE

Eu sento encarando a TV. Nada que passa na tela é registrado, é apenas ruído de fundo. Eu não tenho ideia do que vou fazer porque não posso ir até Tor e Cayla novamente. A porra do FBI me odeia, e com certeza não vou tentar levar quaisquer espiões do cartel até eles.

Minha mente está quase paralisada de pensar, de tentar formular um plano para recuperá-las e tirar o cartel da minha bunda. A única esperança que eu tinha era Andrea, pensando que poderíamos usá-lo como troca, como uma ameaça, mas Gabriel ligou mais cedo esta manhã e me disse que a condição de Andrea é arriscada. Se aquele pedaço de merda morrer - bem, lá se vai o plano de merda. Ele também me deu o endereço do novo local onde os federais estão levando Tor e Cayla. Se é assim tão fácil para Gabe obter o endereço, o quão difícil seria para os caras do Jesús conseguirem? Eu afundo na cadeira e tento acalmar meus nervos conforme foco na TV, assistindo a um casal pulando ao longo da praia em um anúncio para alguma medicação para demência. Meu telefone vibra sobre a mesa. Um número aleatório pisca na tela conforme eu pego-o. "Sim."

"Jude", Tor grita. "Eles têm -" A linha fica muda. Eu dou um pulo, derrubando a cadeira enquanto freneticamente ligo para o número de volta. Nem sequer toca antes de entrar uma mensagem de voz. "Aqui é o agente Wilson. Não estou disponível para -" desligo, o pânico na voz de Tor toca uma e outra vez na minha cabeça. "Merda!"

Acendo um cigarro e dou a primeira tragada conforme um sentimento inquietante cresce no meu íntimo. Elas não estão seguras nem com o FBI. Sangue pulsa através da minha jugular, minha visão pula a cada batida do meu coração puto da vida. Pego a arma da mesa de café, carregando-a. Estou indo para a porta quando Marney entra na sala de estar. Ele tem uma lata de cerveja

em uma mão e um jornal na outra e olha para a arma que agora estou colocando na cintura da calça.

"Ah, merda..." Marney murmura antes de tomar um gole da cerveja. Ele pega sua arma da mesa lateral, suspirando enquanto enfia o jornal debaixo do braço e me segue até a porta. "Estou ficando velho demais para esta merda."

pausa

Estamos dirigindo há duas horas. Não tenho nenhuma ideia de como vou encontrá-las. Tudo o que eu tenho para ir é o endereço que Gabriel me deu. Viro e olho pela janela, observando os mangues verdes, pantanosos passarem. Eu não consigo pensar nesse momento. Marney muda de pistas, xingando baixinho quando passamos um caminhão.

"Quem diabos iria viver perto de Everglades?" Ele resmunga.

Eu não respondo, só sento no banco do passageiro fumegando. O carro fica mais lento e olho através do pára-brisa para uma multidão de pessoas em pé ao lado da estrada. Uma fila de SUVs pretas estão paradas no acostamento e há uma ambulância. Um oficial está no meio da estrada, tentando direcionar curiosos.

"Merda", Marney sibila, levando o carro para a lateral da estrada, o cascalho esmagando sob os pneus.

Uma fila de SUVs pretas - tem que ser os federais. Sinto-me enjoado. A caminhonete não parou totalmente ainda, mas já estou abrindo a porta e tropeçando em meus pés enquanto corro em direção às luzes piscando. Eu paro duro quando vejo os corpos. Dois homens com máscaras pretas deitados esparramados na grama molhada, sangue escorrendo sobre o chão cheio de cartuchos de munição. Dois oficiais estão isolando a cena e outro está abaixado colocando os cartões numerados de provas perto de algumas das balas. Meu coração martela no peito, meus ouvidos zunem enquanto minha cabeça gira. Isso tem que ser o motivo que ela me ligou. *Merda*. Eu olho para a ambulância e

engulo, pensando se Tor ou Cayla estão lá. Sigo na direção das portas da ambulância abertas, passando por vários policiais no meu caminho.

"Senhor", um policial grita, "você não pode ir lá." Continuo em direção a parte de trás da ambulância e entro pela porta de trás. Dois paramédicos estão sobre Tidwell. Ele está deitado na maca, a calça rasgada enquanto os paramédicos cuidam da perna ensanguentada. E no chão, ao lado da maca, está a camisa manchada de sangue amassada da Tor.

"Onde está Tor?" Pergunto, minha voz baixa e tensa.

Um dos paramédicos olha para cima, balançando a cabeça. "Senhor, você não pode..."

Olho para Tidwell. "Diga-me onde Tor está, porra!" Grito e o paramédico salta para longe de mim.

"Ela pegou o meu carro e seguiu-os", diz Tidwell.

"Seguiu quem?"

"Os caras atirando em nós." Ele engole, encolhendo-se quando um dos paramédicos enfia uma intravenosa em seu braço.

"Que... não pode nem mesmo fazer o seu trabalho, porra!" Eu passo a mão pelo meu rosto. "Esta merda aqui, é *exatamente* por isso que eu vim atrás delas." Bato meu punho na porta de ambulância conforme a raiva toma conta de mim. Eu me viro, corro de volta para o carro, e entro. Tudo que Marney faz é olhar para mim. Acho que ele está com medo de perguntar.

"Dirija", digo em voz baixa.

"Qual direção?"

Eu me concentro no assoalho porque não sei. "Apenas dirija, Marney."

Ele aperta a engrenagem e nós dirigimos. Olho para fora da janela dizendo-me que ela sabe o que está fazendo. Ela é a porra de uma sobrevivente e uma mãe incrível. Ela vai manter Cayla segura de qualquer maneira e sei que quando puder, ela vai me ligar. Ela vai, mas que porra devo fazer até lá?

17 TOR

A estrada parece se esticar para sempre. Calor irradia do asfalto. Meu corpo dói e minha garganta está seca.

Eu não sei há quanto tempo estou andando, mas parece horas. Tenho uma arma enfiada na parte de trás da minha calça jeans, e é isso. Nada mais. Continuo seguindo a estrada vazia na direção em que eles foram. Por que? Não sei. Eles estão muito longe. Preciso encontrar um posto de gasolina ou algo assim. Estou mantendo um bloqueio no pânico, tentando pensar racionalmente. Sei que Jude é o único que pode me ajudar agora. Não é isso que Jude faz? Ele faz o impossível acontecer, move céus e montanhas por aqueles que ele ama?

Estou no meio do nada com o conhecimento doloroso que não tenho ideia de onde minha filha está. Eu sinto que estou no inferno. O calor úmido da Flórida se agarra a mim até que estou suando através da minha regata, mas continuo indo, continuo em movimento pela Cayla.

Finalmente, identifico o contorno indefinido de um edifício no horizonte. Conforme chego mais perto, vejo que é uma parada de caminhões. Parto para uma corrida lenta, correndo através do estacionamento de cascalho e passando por vários carros. Bato as palmas das mãos contra o vidro e empurro, o barulho de sino de vaca toca quando a porta se abre e eu cambaleio até a lojinha suja.

Um homem acima do peso em uma camiseta manchada está atrás do balcão, vendo uma Playboy. Ele olha para cima, sua testa suada enrugando quando seus olhos param em mim.

Corro em direção ao balcão. "Eu preciso de um telefone!" Digo.

Ele franze a testa enquanto seu olhar se arrasta sobre mim. "Você está bem, senhorita?" Ele pergunta.

"Só..." respiro fundo, limpando o suor da minha testa, "Dê-me um telefone. Agora!"

Seus olhos se arregalam e ele se atrapalha no balcão antes de me passar um telefone coberto de graxa. Disco o número de Jude e coloco-o no meu ouvido, esperando enquanto ele toca.

"Alô?"

"Jude -"

"Onde você está?"

"Eu não sei." Minha voz engata. "Eles levaram Cayla, e tentei segui-los, eu tentei." Luto contra as lágrimas enquanto elas entopem minha garganta.

"Que porra? Quem? Quem a levou?" Ele grita.

"Eu não sei! Eles estavam atirando, e eu... Hart a levou. Ela entrou no carro do cara." Eu pressiono minha mão sobre a boca, sufocando os soluços tentando se libertar.

"Filha da puta..." ele exala. "Pergunte a alguém onde diabos você está. Estou indo até você." Viro-me para o cara atrás do balcão.

"Qual é o endereço?"

"Parada de Caminhões Gator, State Road 84, Ochopee", ele recita. Posso ouvir Jude praguejando na outra extremidade da linha.

"Fique aí. Estou indo até você." Ele desliga e entrego o telefone de volta para o cara.

"Ei, você precisa de uma ambulância ou algo assim... senhora?" Ele pergunta, olhando para o meu peito. Eu olho para a minha regata branca manchada de sangue.

"Não é meu", sussurro, virando-me e indo para a frente da loja, aquele maldito sino tilintando quando caminho através da porta. Eu vou para a lateral da estrada, inclinando-me contra o poste de outdoor enferrujado. O sol quente bate em cima de mim. Mosquitos fervilham em volta de mim. E eu espero, nem um único carro passando até o carro de Jude parar na minha frente, poeira voando no ar quando os freios guincham. Eu levanto a mão para proteger os olhos da nuvem de poeira.

"Tor!" Jude grita conforme escancara a porta e tropeça para fora do carro, correndo em minha direção. Alívio me enche, mas é de curta duração.

Eu corro para Jude e lanço-me em seus braços, porque não sei mais o que fazer. Eu quero desmoronar, mas não posso me dar esse luxo e ele é a única pessoa que tem uma chance de me manter junta agora. Seus braços grandes vêm em volta de mim. Sua mão segura a parte de trás da minha cabeça.

"Eu nunca deveria ter deixado você", grito contra seu peito. "Só queria mantê-la segura."

Sinto seus músculos tensos e ele puxa uma respiração pesada. "Você fez o que achava que fosse melhor", diz ele. Posso ouvir a restrição em sua voz - posso literalmente sentir a raiva ondulando através do seu corpo. Não sei o que dizer. Não há nada a dizer.

"Prometa-me que vai encontrá-la, Jude," imploro a ele.

"Eu vou encontrá-la."

Ele me ajuda a entrar no carro e entra no banco de trás ao meu lado. Marney se vira no banco da frente, colocando a mão carnuda no meu ombro em apoio silencioso. Realmente, o que você pode dizer para a mulher que acabou de falhar em proteger sua própria filha?

Marney se afasta e eu posso ver a mandíbula de Jude apertar, seu pulso latejando em seu pescoço. Sei que ele está tentando se segurar por mim. Medo e estresse me deixam completamente muda. As palavras de Jude significam pouco. São apenas promessas vazias até Cayla estar em meus braços.

"Eu não sei por que ela a levou," finalmente digo.

Jude fecha os olhos e balança a cabeça. "FBI o caralho." Ele joga a cabeça para trás e passa a mão sobre sua boca.

"Eu confiei nela." Aperto em cima do meu nariz. "Sou tão estúpida."

"Tor, Pare!" Jude exala. "É o que é, ok?"

"Jude! O cartel está dentro do FBI!" Balanço a cabeça. Nós nunca vamos superar isso. Não podemos lutar contra eles. "Nós estamos acabados", sussurro. *Cayla*. Lágrimas enchem meus olhos quando penso na minha pobre menina, sozinha com aqueles estranhos. A maioria das pessoas não faria mal a um bebê,

mas é o cartel e qualquer que seja o profundo buraco escuro em que Jude entrou, estou com medo de que ela nunca saia dele.

"O cartel está na porra de todos os lugares. Você *tinha* que confiar nela, Tor. Como você saberia?" Ele balança a cabeça. "*Eu* entreguei ela de volta para a porra dessa mulher quando saí..."

Eu levanto meus joelhos até o peito e descanso minha testa sobre eles. Não consigo respirar. Sinto-me doente.

"Eles querem alguma coisa", ele murmura. "Eles têm que querer a porra de alguma coisa, o que significa que vão mantê-la viva." Ele faz uma pausa e vejo seus dedos fechando em punhos.

Eu cerro os dentes. "Eles querem *você*, Jude!"

"Você acha que eu não sei disso?" Ele grita.

"Ligue para eles!" Grito através das lágrimas. "Faça uma troca." Minha voz falha e dou uma respiração irregular.

"Dê-me um minuto para colocar a porra da minha cabeça no lugar, Tor. Porra! Acabei de encontrar você, acabei de descobrir que a minha filha foi levada. Só...", ele bufa. "Só me dê a porra de um minuto -"

Um minuto? Ele quer um minuto? "Foda-se, Jude!" Eu soco o peito dele e ele olha para mim. Soco-o novamente e novamente. "Isto é tudo culpa sua!" Estou tão brava com ele. Eu nunca deveria ter ido até o FBI, mas se ele não estivesse envolvido nesta merda então eu nunca teria tido que ir.

"Caralho..." Ele tira a minha mão do caminho. "Pare com isso." Eu continuo batendo nele, gritando com ele.

Raiva e dor rodam juntos e dirijo tudo para ele. Cada pedaço disso. "Eu odeio você! Isso é a porra da sua culpa!"

Ele agarra ambos os meus pulsos e me empurra contra a janela quente. Vejo seus olhos brilharem com raiva e dor conforme ele aproxima seu rosto mais perto do meu. "Sei que você está brava..." ele respira, suas narinas dilatadas, "mas ela é minha filha também. Você acha que eu queria que essa porra acontecesse?"

Todo o meu corpo balança enquanto caio em soluços fortes. Eu não consigo respirar. Não tenho certeza se quero sem ela. Não consigo imaginar um

sentimento pior do que essa agonia. Sei que preciso que Jude seja racional, mas nesse momento isso me deixa muito irritada porque eu não consigo ser.

Jude olha para mim, tensão saindo dele em ondas e fico em silêncio. "Marney," Jude diz, "encontre a porra de um hotel. Preciso de um minuto. Preciso fazer algumas ligações e Tor precisa se limpar." Seus dedos apertam sobre meus pulsos enquanto seus olhos verdes escuros travam com os meu. "Eu vou soltar você", diz ele calmamente, "e nós vamos dirigir para um hotel onde eu possa me recompôr e descobrir exatamente o que diabos fazer. *Não* me bata de novo. "

Eu me puxo do seu aperto e ele olha para mim. "Saia de cima de mim", digo. Ele me solta e eu balanço o braço para trás, minha palma colidindo em seu rosto. "Não é uma porra que você não mereça", digo através de lágrimas.

Fechando os olhos, ele inala. "Você se sente melhor agora?" Diz ele com um rosnado conforme abre os olhos.

"Cayla está aqui? Não, eu não me sinto melhor!"

"Sinto muito", diz ele em voz baixa.

Apertando os olhos fechados, jogo minha cabeça para trás contra o vidro. Eu engulo forte antes de levar meu olhar para ele. Ele parece tão torturado e sei que ele sente tudo o que estou sentindo. Vejo a dor nadando em seus olhos - uma dor que combina com a minha e meu coração quebra ainda mais.

Nós dirigimos pelo que parece horas e a cada quilômetro, a dor se intensifica. Nós paramos em uma pequena cidade e compramos algumas roupas e suprimentos básicos. Então, alguns minutos mais tarde, Marney para do lado de fora de um hotel de beira de estrada. Ele mal para o carro antes de Jude sair e ir em direção à recepção. Eu abro a porta e sigo Jude para dentro, onde ele joga um maço de dinheiro em cima do balcão.

"Uma noite. Isso é tudo", diz ele.

A jovem dá uma tragada no cigarro, olhando para ele antes de seus olhos irem para mim. Uma risadinha aparece em seu rosto e ela sopra uma nuvem de fumaça para o lado. "Uma noite", diz ela enquanto alcança atrás dela uma chave no quadro ao lado do balcão.

Deixamos a recepção e Jude gesticula para Marney conforme caminhamos para o quarto. A porta se abre para um quarto velho que cheira a água sanitária e mofo. Há duas camas bambas com edredons florais marrons feios e o ar condicionado range. Marney entra e joga os suprimentos que compramos em uma das camas.

"Vá tomar uma ducha, Tor," Jude diz sem olhar para mim.

Eu quero dizer a ele para se foder, mas honestamente, a luta me deixou. Ele está acendendo um cigarro com seu telefone pressionado na orelha. "Ei, é JP, preciso de um favor", ele fala devagar no telefone antes de olhar para mim e apontar para o banheiro com uma sobrancelha arqueada.

Eu só preciso que Jude faça o que Jude faz e se isso significa fazer telefonemas enigmáticos para personagens obscuros, então que assim seja.

18

JUDE

O chuveiro liga e Marney senta em uma cadeira manchada perto janela. Ele puxa o maço de cigarros do bolso, tira um, e torce-o entre os dedos. "O que você vai fazer?"

Balanço a cabeça. *O cartel? Quem sou eu para ir contra a porra do cartel?* "Eles me querem morto..." digo, mais para mim do que para Marney.

"Muita gente quis sua bunda morta ao longo dos anos," ele ri antes de rapidamente acender seu isqueiro, segurando a chama na ponta do seu cigarro. "Você geralmente apenas lhes diz para irem para o inferno."

Esfrego a mão sobre o queixo e olho para a porta do banheiro. "É diferente agora..."

"É." Ele exala. "Então o que você vai fazer?"

"Dar-lhes o que eles querem." Dou de ombros. "Cayla é tudo que importa - ela e Tor."

Ele concorda com a cabeça em entendimento antes de deixar cair seu olhar para o chão, dando baforadas no cigarro. "Você é o seu pai completamente, filho. Você puxou a ele."

Inalando, engulo e tiro meu telefone do bolso para pesquisar na web para ter informações sobre os presos. Especificamente, Domingo Garcia, e depois ligo para o Centro de Detenção Federal de Houston. Fumo um cigarro inteiro enquanto espero ele vir na linha, esfregando-o no pequeno cinzeiro assim que um som de farfalhar vem através do telefone.

"Si..."

Raiva corre através de mim ao ouvir o som de sua voz familiar. "Domingo, velho amigo", digo.

"Ah, corredor de apuestas", uma curta risada flutua sobre a linha. "Estava pensando em quando você ia me ligar."

"Quero a minha filha."

"Claro que quer. E eu quero a minha liberdade... todos nós queremos coisas que não podemos ter."

Fechando os olhos, jogo a cabeça para trás em frustração. "Diga o que você quer."

"Costumávamos trabalhar tão bem juntos. Eu te dava meu dinheiro, você o limpava através do seu círculo de jogo. Foi a sua capacidade de limpar grandes quantidades do meu dinheiro que ajudou o meu cartel a subir a alturas tão grandes."

Lembro-me da primeira vez que recebi um telefonema de Domingo. Ele queria que eu limpasse meio milhão. E eu fiz, levando vinte por cento. O dinheiro mais fácil que já fiz. Eu não tinha ideia no momento de quem Domingo era. Nenhuma ideia da porra de que ele era o chefe da Sinaloa - e quando descobri, estava trabalhando com Domingo há anos e percebi que não havia nenhum motivo para consertar algo que não estava quebrado. "O que você quer, Domingo?"

"Eu odeio Juárez. Odeio o seu amigo estúpido." Ouço-o cuspir. "Você fez muito dinheiro para ele. E isso é um problema porque dinheiro significa vendas, armas, mais drogas. Mais poder. Você o ajudou depois de tudo que eu fiz por você? Isso não me deixa feliz, amigo." Sua voz cai para um ruído baixo. "E agora há um preço a pagar." *Merda. Ele sabe que eu o entreguei?*

"Então me mata, porra, basta deixar a minha menina ir."

"Tão fácil? Você ficou muito mole, *coño*."

Eu respiro. Uma respiração profunda. "Dê-me a minha filha."

"Vou arrumar para você encontrar Jesús. Ele vai mandar sua filha ao Gabriel antes de te matar, soa bom?"

"E você vai deixar minha família em paz?"

"Claro." Uma risada sádica borbulhas pela linha. "Você tem a minha palavra. Meu pessoal vai te ligar."

Eu desligo o telefone, adrenalina correndo pelo meu corpo. O mais poderoso impulso humano é a vontade de sobreviver e eu tenho sido muito bom nisso nos meus trinta e dois anos de vida, mas não foi sobre mim desde o momento que segurei Cayla. Não há como sobreviver se eu perdê-la.

Marney olha para mim. Posso ver suas rodas girando, conforme preocupação vai marcando o seu rosto envelhecido. "Então é isso?" Ele pergunta.

"Eu não confio nele", digo e balanço a cabeça. "Mas que diabos mais eu deveria fazer?"

Marney se recosta na cadeira, esfregando as mãos nas pernas. "O gato comeu minha língua nessa, rapaz."

Meu telefone emite um sinal sonoro com uma mensagem que inclui um endereço e as instruções para ir até o Hanger 4. Acredito que Domingo estava pronto para isso. Esperando. Na esperança. O chuveiro desliga e, por um momento, fico paralizado com a ideia de deixar Tor. De lhe dizer. Eu olho para Marney conforme pego minha arma e carrego o clipe, guardando-a de volta. "Não se atreva a dizer a ela o que estou fazendo", digo, apontando para ele.

Ele lentamente levanta as mãos como se estivesse se rendendo. "Não se preocupe. Não quero lidar com esse colapso. Eu te disse, estou *velho demais* para esta merda."

Pego uma mochila e jogo-a na cama bamba, procurando alguns itens dentro para Tor não ficar desconfiada. A porta do banheiro range enquanto abre e Tor sai. Seu cabelo loiro úmido cai pelas costas e escorre no carpete encardido. Ela olha para mim, depois para a arma e a mala na cama.

"Onde estamos indo?" Ela pergunta.

"Vou para o México para me encontrar com Gabe." Enfio a arma na cintura da calça e olho para ela. Suas narinas dilatam. Posso ver tudo em seu rosto: ela acha que irá também. Bem, nem fodendo...

Ela franze a testa. "Nem sequer *pense* em me deixar aqui, Jude!"

Eu gemo. "Você não precisa ir comigo porra."

Enfio mais algumas coisas na mochila, e ela se move para mais perto de mim, apontando o dedo contra o meu peito. "Se você acha que vou simplesmente

sentar aqui esperando por você fazer... o que quer que seja, está redondamente enganado. Ela é minha filha. Eu mesma vou atrás dela se eu tiver que ir."

"Não há nenhuma razão para você ir para a porra do México. Não preciso me preocupar com você também." Fecho a mochila e jogo-a por cima do ombro enquanto olho para Marney. "Não deixe que ela saia." Viro para Tor e ela tem aquele olhar em seu rosto. Aponto para ela. "Estou falando sério, porra. *Não* saia." Eu me viro e aponto para Marney novamente. "Drogue-a se for preciso."

"Foda-se, Jude," Tor bufa enquanto olha para mim. Eu gemo e corro a mão pelo meu cabelo. Não posso deixá-la assim. Essas não podem ser as últimas palavras que ouvirei dela.

"Marney, dê-nos um minuto."

Resmungando, Marney se levanta, colocando um cigarro entre os lábios enquanto se dirige para a porta. Ela fecha atrás dele e eu olho para Tor. Há um mundo fodido de dor atrás dos seus olhos. Eu ando em direção a ela e esfrego suavemente a mão sobre seu braço. Ela, claro, afasta-se. "Boneca", passo meu dedo por seu ombro até o pescoço, "por favor, não quero deixá-la assim."

"Então me leve com você", ela implora.

"Preciso que você esteja segura. Por Cayla." Eu engulo porque, porra, odeio mentir para ela. "Preciso saber que você está segura no caso de algo acontecer comigo. Alguém tem que ser capaz de cuidar da nossa menina."

Seus olhos travam com os meus, estreitando-se ligeiramente. Vejo o momento em que ela entende. Ela engole em seco e concorda enquanto seu rosto suaviza. Ela dá um passo até mim e coloca os braços em volta da minha cintura, descansando sua bochecha contra o meu peito. "Eu fico", ela sussurra.

Passo uma mão sobre seu cabelo úmido. "Eu prometo, que vou fazer o que for preciso para tê-la de volta." Digo isso com tanta certeza quanto posso, porque sei muito bem que tudo isso é um tiro no escuro. É o cartel. Eu não sou idiota. As palavras deles – do Domingo – não significam nada, mas não tenho escolha a não ser esperar que uma vez elas possam valer. E esperança não é o devaneio de um tolo apenas prometendo me atormentar?

"Eu sei", diz ela, "e sinto muito. Não é culpa sua. Fui eu quem a deu a eles." Seus dedos cavam em minhas costas.

"Você não a deu a eles, Tor, eles a levaram." Segurando seu queixo, forço-a a olhar para mim. "Você é a melhor mãe para aquela menina, não duvide nunca dessa porra." Ela aperta os olhos e as lágrimas escorrem pelo seu rosto.

Eu tiro o cabelo do seu rosto e me inclino, colocando meus lábios nos dela. Esse beijo não é duro ou cruel. É manso e reverente - algo reservado para despedidas, e tenho medo que ela possa sentir isso. Meus lábios roçam suavemente contra os dela e seu aperto em meus braços aumenta quando ela solta um soluço. Eu não quero parar. Quero beijá-la para sempre, porque sei que nunca vou fazer isso de novo. *Cayla*. Um último toque nos lábios de Tor, uma última varredura de sua língua, e eu me arrasto para longe dela, olhando-a nos olhos azuis de aço.

"Eu te amo, Jude", ela sussurra.

"E eu também te amo pra caralho, boneca." Dou uma última olhada na minha Tor, absorvendo a maneira como seu cabelo loiro cai sobre os ombros, seus olhos, a porra do seu sorriso. Eu guardo este último olhar na minha memória, reprimindo as palavras que quero dizer. O adeus que quero dizer a ela: que ela mudou a minha vida. Que eu nunca mudaria ter tido ela e Cayla. Que ela é o que me fez ver a realidade e antes disso estava apenas perdido. Mas não posso, então sorrio para ela. "Deus, eu te amo pra caralho." E me viro, abrindo a porta e saindo para o sol brilhante e fechando a porta atrás de mim.

pausa

O avião de merda atinge a pequena pista de merda e minha água espirra no meu colo. Poucos minutos depois e estou descendo as escadas do jato particular. Um Hummer preto está estacionado ao lado da pista com o motor ligado. Um homem alto, de terno cinza, sai do lado do motorista. Tatuagens cobrem a lateral do seu pescoço. "Corredor de apostas", diz ele com uma risada enquanto se aproxima. "O apostador."

Eu olho para ele. Entregar-se à morte tão facilmente é um sentimento de merda, mas eu faria qualquer coisa pela minha filha. Tive dois anos de liberdade que eu nunca mereci. Por dois anos, fui capaz de segurá-la, amá-la, e Tor... A morte vem para todos nós, em algum momento, aceitei isso há muito tempo, mas ainda é uma merda.

"Braços para cima", diz ele conforme para na minha frente, o cheiro forte da sua colônia agredindo o meu nariz. Eu levanto os braços e ele me dá um tapinha, pegando a arma da minha cintura com um sorriso. "Isso mesmo?", pergunta ele, encolhendo os ombros.

Ele me agarra pelo braço e me puxa para a frente, e sigo-o em direção ao carro. Quando nos aproximamos posso ver um outro homem sentado no banco de trás. Quando estamos a poucos passos de distância, ele abre a porta e sai, e o cara me escoltando me empurra para dentro. Gemendo, inclino-me contra o assento de couro enquanto a porra do Neanderthal entra ao meu lado e bate a porta.

"Jesús vai ficar muito feliz, mi amigo", o motorista diz conforme coloca o carro em marcha e lentamente sai dirigindo. Ele aumenta o rádio e alguma música rap mexicana toca através dos altofalantes, sacudindo as janelas escuras. Vejo a pequena bandeira mexicana amarrada pelo espelho retrovisor balançar. Nós seguimos pela estrada de terra, ao longo de uma encosta, edifícios degradados cobertos de graffiti passam. Quando paramos num semáforo o motorista vira em seu assento e sorri.

"Que porra é essa, ese?" O cara ao meu lado geme.

Ele permanece em silêncio enquanto puxa uma Gloc do seu colo e mira para o banco traseiro. Meu coração bate, e antes que eu possa formar um pensamento racional-*Bam*.

19 TOR

Vinte e quatro horas. Faz vinte e quatro horas que Jude saiu. Ouvi Marney ao telefone ontem à noite falando com Gabriel, dizendo-lhe que Jude queria que ele fosse e recuperasse Cayla.

Há uma sensação de medo que se agarra a mim como uma capa, e não consigo arrancar. Eu estava no limite quando entrei em pânico e disse ao Jude para se entregar por Cayla, mas sei que é exatamente o que ele foi fazer. Vi isso em seus olhos. Ele estava dizendo adeus.

Meu coração já golpeado está desmoronando no meu peito, porque perdi as duas pessoas mais importantes no meu mundo, e não tenho ideia se qualquer um deles vai voltar para mim. O pensamento de que algo possa acontecer com ele é paralisante. A ideia de alguém ferindo Cayla é uma dor que não posso nem colocar em palavras. Eu sei que Jude sente o mesmo, então não posso perseguir suas ações. Se fosse possível, eu trocaria de lugar com Cayla num piscar de olhos, e sinceramente, trocaria Jude também. Eu o amo com todo o meu coração, mas pela minha filha - eu sacrificaria até ele. Sacrificaria tudo e qualquer coisa para mantê-la segura. E não ser capaz de fazer isso é uma tortura.

Toda vez que fecho os olhos, não posso evitar, só imagino a minha menina com medo e sozinha, sofrendo nas mãos de homens que odeiam seu pai. Meus piores temores constantemente se multiplicam na minha imaginação e não posso suportar isso. Eu mal posso respirar sabendo que ela está lá. A porta se abre e Marney volta de fora, uma nuvem de fumaça ainda agarrada a ele.

"Preciso usar um telefone", digo, roendo a unha do meu polegar.

Suspirando, ele olha para mim por um segundo antes de me entregar seu telefone. Disco o número de Jude e coloco o telefone no ouvido. Ele toca uma vez e vai para o correio de voz. Desligo, segurando o telefone na mão. *Merda.* Ele já saiu há muito tempo para não dar notícias. Deslizando o telefone de Marney,

paro quando vejo o nome de Gabriel. Meu dedo paira sobre o botão de ligar por um segundo antes de pressioná-lo. Depois de apenas dois toques ele atende.

"Si?"

"Gabriel."

Ele suspira e ouço o ranger de uma cadeira. "Tor."

"Eu... você está com Cayla?" Pergunto, meu coração batendo forte enquanto espero pela resposta.

"Sinto muito. Não."

Eu tiro o telefone do meu rosto, engolindo um soluço sufocado antes de trazê-lo ao meu ouvido novamente. "Sei que Jude fez um acordo. Sei que você deveria buscar Cayla. Onde ela está? Onde está Jude?"

"Você percebe que, se Jude for para Jesús, ele vai foder comigo?"

"Não dou a mínima se ele foder com você com tanta força que o pau dele saia na porra da sua boca!" Eu grito. Marney ri.

"Tentar me seduzir com essa linguagem chula não te levará a lugar nenhum." Gabriel ri.

"Isso não é engraçado. Eles têm a minha filha, Gabriel." Meu temperamento está aumentando perigosamente agora. Não tenho certeza de quanto mais eu posso aguentar.

"Não, não é. Mas você e Jude não entendem os caminhos do cartel. Isso não é a pequena besteira de apostador dele. O cartel é algo que nem o diabo fode com ele." Ele exala. "Domingo e Jesús não negociam, eles provocam medo." Há uma indiferença tão fria em sua voz que eu quase não o reconheço. "Confie em mim, já executei famílias inteiras para ensinar aos outros uma lição, e nós raramente trocamos uma vida por uma vida. Esse não é o tipo de mensagem que faz as pessoas terem medo de você. Essa é uma mensagem que dá esperança. Não há esperança neste mundo."

Engulo de volta a bile subindo na minha garganta. Não sei o que dizer a ele. Não tenho palavras. "Onde está Jude?" Pergunto novamente.

"Estou lidando com Jude", diz ele, em seguida, desliga.

Aperto o telefone na mão, mas não choro, embora cada gota de esperança que eu tinha agora esteja esmagada. E no alto da minha negação está a aceitação. O cartel tem a minha filha e ninguém está trazendo-a de volta. Não posso simplesmente sentar aqui. Eu não vou. Não me importo se vou andar direto para a cova do leão, não vou deixar Cayla sozinha. Se ela está com os monstros, então quero estar também. Confiei em Jude sucessivamente para consertar as coisas, mas desta vez, Cayla está envolvida e isso muda tudo. Eu me inclino e deslizo a mão dentro da minha bolsa, espalmando a minha arma e, lentamente, puxando-a para fora.

Eu olho nervosamente para Marney, segurando a arma embaixo ao lado do colchão conforme limpo a garganta. "Marney, preciso de um favor."

"O que precisa?" Diz ele, completamente focado na TV.

"Preciso ir para o México", digo. Sei que ele tem ordens. Sei que Jude nunca permitiria isso, mas estou farta de dar chances a Jude. Vinte e quatro horas é tempo demais. Cayla precisa de mim.

"Ah, agora, minha querida, você sabe que não pode fazer isso..."

Eu aperto a ponta do meu nariz, lutando contra a dor de cabeça que está ameaçando. Puxo a minha arma, apontando-a para ele antes de lentamente levantar meu olhar. Marney afunda na cadeira, balançando a cabeça. Eu gosto de Marney, mas não consigo nem me sentir culpada por isso. Ninguém vai ficar entre mim e minha filha. Nem mesmo Marney. "Pegue suas chaves e comece a andar, Marney."

"Jude não vai ficar feliz com isso, Tor..."

"Jude nos levou a essa bagunça do caralho!" Eu grito, minha voz embargada com tensão. "Jude é a razão deles terem a minha filha, Marney."

Marney suspira e balança a cabeça. "Que inferno, Tor eu -"

"Não." Eu o interrompo. "Não tente me fazer mudar de ideia. Preciso estar com ela e não me importo o que me custe. Agora, me leve para o cartel ou juro por Deus que vou atirar em você."

"Calma aí", ele ri conforme levanta da cadeira, "você não tem que ir atirando em ninguém." Eu mantenho a arma apontada para ele quando abre a porta e

então coloco-a debaixo da minha camisa. Ele caminha até o carro e abre a porta. "Você percebe que isso é o cartel", Marney diz enquanto caminha no estacionamento. "Isto não é nenhum show de arma e pônei. Eles penduram caras nas ruas. Eles fazem Joe parecer um bastardo suave."

Lágrimas picam meus olhos. "Sim, e eles têm Cayla!" Minha voz está alcançando a histeria, mas luto contra ela.

"Que inferno, o que isso importa? Estamos todos prestes a morrer de qualquer maneira, pode muito bem ser Jude que coloque uma bala na minha cabeça..." ele murmura enquanto abre a porta do lado do motorista do carro. Ele respira fundo e acena com a cabeça uma vez antes de ligar o motor. A caminhonete ruge e nós nos afastamos.

Um quilômetro da estrada depois, pego o telefone de Marney do painel e jogo-o pela janela. Eu sei que no segundo que eu estiver fora deste carro ele vai encontrar um telefone e ligar para Jude, mas não preciso de Jude me parando antes de eu chegar lá. Sei que este não é um bom plano, mas é o que preciso fazer.

20 JUDE

Bam.

Sangue respinga na janela, na minha cara, na minha camisa e o cara ao meu lado despenca no banco. Ambas as portas de trás se abrem e alguém do lado de fora puxa o corpo do homem morto para a rua. Dois homens entram, sentando dos meus lados. As portas ainda nem estão fechadas e o Hummer está acelerando, o motor rugindo enquanto ele voa sobre a estrada irregular. Sento em silêncio, me perguntando o que diabos realmente está acontecendo quando ouço os cliques distintos de armas sendo destravadas. Eu olho para cada lado e vejo armas puxadas e miradas na minha cabeça. *Que porra acabou de acontecer?*

"Gabriel", o motorista me diz, "não está feliz com isso."

***pausa**

Nós paramos em um grande portão de ferro com dois homens em pé de guarda. O motorista desce o vidro, grita algo em espanhol e o portão se abre lentamente. Nós seguimos um longo cominho que acaba em frente a uma casa de estuque branca coberta com argila mexicana, e ali, na entrada, com os braços cruzados está Gabriel.

"Ah, porra", eu gemo, batendo a cabeça contra o assento. O homem à minha direita abre a porta e me chama para fora. Eu o sigo, caminhando pela frente do Hummer em direção ao Gabriel. "Que porra é essa?" Pergunto. Ele olha para mim antes de virar para entrar. "Gabriel!" Grito.

"Eu não achei que você fosse tão estúpido."

Calor corre sobre mim e corro até ele. Ele nem sequer hesita, apenas sorri para mim como um maldito bastardo escorregadio. Eu puxo meu braço para trás e bato meu punho direito na lateral da sua mandíbula. Sua cabeça bate para o lado e ele segura o rosto com um gemido. Ouço armas prontas atrás de mim e Gabriel levanta a mão livre, balançando a cabeça.

"Não atirem nele", diz ele, aborrecimento escorrendo pelo seu tom. Ele respira fundo antes de virar para olhar para mim. "Nunca mais faça isso de novo." E ele vai embora, fazendo sinal para eu segui-lo.

"Droga, Gabe," grito conforme nós caminhamos através de uma garagem.

"Você é impaciente demais." Ele para na frente de uma porta e vira para me encarar. "Ele teria matado sua filha bem na sua frente. Ele teria a amarrado no poste da rua pelos intestinos e, em seguida, alimentado os cães com ela. Ele teria encontrado Tor e levado-a, fodido com ela, em seguida, cortado-a do estômago até a garganta, derramando seu sangue pelas ruas para o Sinaloa dançar em cima. Então, e só então, ele teria matado você."

Meu estômago dá um nó, minha cabeça nadando porque sei muito bem que nunca vi nada assim antes. Eu nunca estive em tal situação de merda e isso está dizendo muito.

Gabriel olha para mim conforme alcança a maçaneta da porta. "Você é corredor de apostas. O fantasma. Você trabalha comigo e é um maldito informante. Você é um aviso para todos os outros. E não se preocupe", ele abre a porta, "Miguel está no caminho de volta para dizer a Jesús que eu te sequestrei. Ele vai acreditar nisso porque você é um ativo e isso é negócio, afinal de contas."

"Incrível pra caralho, Gabe. Apenas sensacional pra caralho."

Ele ri. "Mas olha, temos uma vantagem", diz ele conforme entra na sala. Sigo-o para dentro e vejo Andrea amarrado a uma cama com fita adesiva sobre a boca e soro em seu braço. Seu rosto está machucado, olhos inchados. O símbolo do cartel de Sinaloa está esculpido em sua bochecha. "O merdinha sobreviveu", diz Gabriel. "Raramente eles trocam uma vida por uma vida, mas neste caso, eles podem."

Gabe arranca a fita adesiva conforme puxa um telefone do bolso.

"Meu pai vai te matar", Andrea rosna, resistindo contra as amarrações.

"Eu sei, eu sei..." Gabriel suspira, acenando com a mão no ar como se já ouviu isso mil vezes e está entediado.

"Jesús", Gabriel ronrona ao telefone. "Como você está?" Há uma pausa. "Adivinha quem ainda está vivo na porra de uma garagem? Andrea Garcia." Vejo

um sorriso lentamente se formando no rosto de Gabriel. "Claro, contanto que você me mostre uma prova de vida também." Seus olhos vão para os meus. "Tengo ese pedazo de meirda!" Gabriel grita no telefone antes de segurá-lo para Andre. "Di algo."

"Matarlos de tolo", Andrea grita. "Matarlos de tolo!"

Gabriel afasta o telefone. "Aí está a porra da sua prova. Agora, onde está a nossa?" Ele coloca o telefone no viva-voz e ouço sussurros, homens gritando.

"Gabriel," o sotaque forte espanhol de uma mulher vem na linha.

"Camilla", diz Gabriel.

"A criança está bem. Diga oi, Ángel bonito. Diga oi para o seu papai."

"Papai", Cayla choraminga e meu peito fica apertado.

"Ei, boneca," engasgo.

Um soluço suave quebra a linha. "Papai", ela chora. Tudo dentro de mim quebra, meu coração bate violentamente contra o peito e tudo em que posso pensar é como vou matar todas as pessoas do caralho que a levaram de mim. "Papai..."

A linha estala. "Viu, bastardo," um homem diz, "ela ainda está viva. Nós faremos uma troca. A filha do seu amigo por Andrea." O telefone fica mudo e Gabe olha para mim.

"Ele vai matar você e sua filha e foder sua esposa", diz Andrea. "E vou ajudá-lo."

Gabriel coloca um pedaço de fita adesiva cobrindo a boca de Andrea. Ele murmura contra ela, seus olhos arregalando, as narinas dilatadas. Puxo meu braço para trás e soco-o no rosto, arrebatando seu nariz. Eu arrasto meu braço para trás para acertá-lo novamente, mas Gabriel segura, rindo. "Vou deixá-lo com esse idiota mais tarde, mas agora, ese, temos uma tonelada de merda para resolver. Vamos para a minha casa."

21 TOR

Nós estamos dirigindo há vinte e oito horas seguidas. Estou exausta, mas levada pelo fato de que estou realmente fazendo alguma coisa - estou caminhando para o meu bebê.

A paisagem do Texas passa pela janela, o deserto é aparentemente interminável conforme nós seguimos a estrada deserta que o atravessa. Marney canta uma música country conforme joga um cigarro pela janela apenas para acender imediatamente outro.

Meu telefone toca. Olho para ele no console, meu coração pulando para minha garganta quando vejo o nome de Jude piscar na tela. Eu o pego. "Jude?" Respondo.

"Ei boneca," a voz dele lava meus nervos tensos como um bálsamo.

"Onde está Cayla?" Pergunto lentamente e ele exala. "Jude?"

"Estou trabalhando nisso."

Eu puxo uma respiração profunda, lutando contra a decepção. Talvez Gabriel esteja certo. E se eles tivessem matado nós duas? Talvez eles não terem Jude seja a única coisa mantendo Cayla viva agora. "Falei com Gabriel," digo em voz baixa, as palavras do colombiano girando na minha mente como um pesadelo.

"Eu juro por Deus", suspira Jude. "Quero matá-lo." Há uma pausa. "Mas, que diabos eu sei? Talvez ele esteja certo. Inferno, sei que ele está certo..."

Concordo, embora saiba que ele não pode me ver. "Está tudo bem, Jude, você fez o que podia."

Ele fica em silêncio por um minuto e tenho certeza que ele acha que estou aceitando muito fácil tudo isso. "Você está ... em um carro?" Ele pergunta.

"Nós estamos indo para a loja."

"Marney está com você?"

"Sim." Olho para Marney.

"Deixe-me falar com ele um segundo."

"Certo." Afasto o telefone da minha orelha e olho para Marney. "Jude quer falar com você." Marney pega o telefone e aponto a arma para ele.

Ele revira os olhos e balança a cabeça. "Sim?" Ele pega um cigarro e acende. "Uh-huh." Ele sopra a fumaça. "Sim, com certeza." Ele corta os olhos para mim. "Não. Está tudo bem... sim, tão rápido quanto uma galinha em um bug de junho."

Deus, ele é tão caipira. Pego o telefone de volta. "Feliz?" Grito com Jude.

"Tor, conheço você, porra. Se você colocou Marney na sua merda, terei que machucá-lo e eu gosto do velho." Ele suspira. "Não me faça fazer isso, Tor."

"Você não vai machucar Marney," digo em um acesso de raiva. "Você está cheio de merda." Marney resmunga ao meu lado, fumando seu cigarro.

"Não ponha os pés na porra do México, está me ouvindo, Tor? Juro por Deus. Por que diabos você não pode me ouvir e confiar em mim para consertar a merda. Por que você tem que ir e tentar lidar com a merda sozinha. Jesus, você é irritante e teimosa pra cacete, mulher!"

"Você não está consertando a merda!" Inalo. *Não morda. Não morda.*

"*Não* venha para o México." E ele desliga. Eu ligo de volta, mas vai direto para a caixa postal.

Essa pode ser a última vez que falo com ele. Posso nunca mais ver Jude novamente. Se eu entrar no cartel estou bastante certa que vou morrer, ou que Jude vai para podermos ganhar a nossa liberdade. Não quero entrar lá e deixá-lo em condições ruins, então mando uma mensagem: *Eu te amo.*

22 JUDE

Eu sento no sofá de couro de Gabriel, meu joelho balançando enquanto ouço-o gritar pelo telefone. "Jesús, amanhã à noite não é bom o suficiente." Há uma pausa. "Chihuahua", ele bufa. "Está bem."

Observo o fluxo de fumaça que rodopia na frente do meu rosto. Fecho os olhos. O telefone emite um som com uma mensagem de texto e olho para baixo para ele. *Eu te amo*. Escrevo em resposta: *Eu também te amo*.

Fecho os olhos e penso na minha Tor. Na última vez que a vi. *Deus, aquela mulher*. Meu peito fica apertado com o pensamento dela. Ela é, sem dúvida, a porra da minha fraqueza. Eu dou uma tragada no cigarro para dentro dos meus pulmões. O som de Cayla chorando por mim, aquele soluço lamentável que rompeu no telefone foi gravado na minha memória e quanto mais eu penso sobre como ela deve estar com medo, sobre o que podem estar fazendo com ela, minha raiva começa a borbulhar. Tudo o que vejo é vermelho e, de repente, estou mergulhado nesta escuridão terrível, porque não posso fazer porra nenhuma sobre isso. Sou o pai dela. Seu protetor e não posso fazer nada. Eu me levanto do sofá e ando, lutando contra o enxame de emoções que ameaçam me afogar. Raiva e fúria e pesar circulam através de mim na velocidade da luz. Eu ando e fumo. Ando e fumo, tentando acalmar a raiva me rasgando como a porra de um tornado F-5.

"Ese..." A voz de Gabriel vem da porta e me viro para encará-lo. "Amanhã de manhã nós os encontraremos em Chihuahua para trocar Andrea por Cayla."

Eu passo a mão pelo cabelo, minha mandíbula apertando. "Amanhã?"

"Si. É o melhor que Jesús fará." Seus olhos estreitam. "Acho que ele vai tentar alguma merda sorrateira, tentar encontrar Andrea para que não tenha que

cumprir com sua parte do negócio. Precisamos tirar Andrea daquela casa para outra."

"Nós?"

Ele se dirige para a porta e eu o sigo. "Não confio em ninguém, será só nós dois com o filho de Domingo."

pausa

Observo alguns dos homens de Gabe amontoarem um Andrea drogado no banco de trás do Hummer, suas mãos atadas atrás dele.

"Até amanhã, vai acabar," Gabriel diz, batendo a mão sobre meu ombro. "Você vai ter sua filha de volta." Mas posso ver a dúvida em seus olhos. A linha que se instala em sua testa. Nada é certo com pessoas como essas. Não há honra. Nenhuma lealdade. Palavras não significam nada.

Eu concordo com a cabeça e caminho para o lado do passageiro, abrindo a porta e entrando. Gabriel sobe ao volante e liga o motor. Música clássica toca através do sistema de som.

"Jesus, que..."

"Eu gosto de ter essa maravilha refinada comigo na condução dos negócios", diz ele conforme destrava o console e puxa uma arma, apertando-a na palma da mão enquanto dirige com a mão livre.

Suor marca sua testa enquanto ele dirige ao longo da estrada. O fato dele estar no limite me deixa nervoso. Eu seguro a minha arma com o dedo no gatilho conforme nós seguimos nosso caminho através da encosta e para a cidade. Este lugar é nojento como merda. Edifícios degradados, cães vadios em toda parte.

"Ah, olhe aquele cholita, ese", Gabe ri enquanto aponta pela janela do lado do passageiro. Há uma mulher em um top e uma saia jeans azul até os joelhos, chupando um homem na rua enquanto pessoas caminham.

Nós descemos uma colina em direção a um viaduto. O sol está alto no céu e posso apenas distinguir três sombras debaixo da ponte. Quanto mais nos aproximamos noto que essas sombras são corpos balançando na brisa. "O que..." murmuro e abaixo para ter uma visão melhor conforme dirigimos. Uma gota de sangue pinga no pára-brisas. "Porra, em plena luz do dia?" Pergunto.

Gabriel dá de ombros. "É a terra de cartel, ese. A capital de assassinatos do mundo."

Andrea se mexe no banco de trás, murmurando pela mordança. "A bela adormecida acordou", ri Gabe. "Não se preocupe, Andrea, vou voltar e matá-lo em seu sono uma vez que tudo isso acabar", ele sussurra. Andrea murmura mais alto e Gabriel se estica, aumentando o rádio.

A música retumba no alto-falante e então. *Bang!* Vidro estilhaça, minúsculos cubos caem no meu colo. Olho para o banco de trás e Andrea está caído no assento, sangue escorrendo de um buraco de bala em seu crânio.

"Porra!" Eu grito, ao mesmo tempo que Gabriel puxa para o lado da estrada, freios guinchando.

"Que porra é essa?" Ele bate os punhos no volante. "Você deve estar brincando comigo." Ele alcança o banco traseiro e balança o corpo sem vida de Andrea. "Porra, ese!"

Eu vejo o fio de sangue sobre a borda do assento e a poça no piso. Que diabos aconteceu. Reações surgem e levanto a arma, virando e apontando para fora da janela enquanto procuro alguém. As pessoas estão andando na rua como se nada acabou de acontecer. "Quem diabos atirou em nós?"

Gabriel olha para fora da janela, a mão na arma. "Eu não sei. Isso é ruim. Isso é ruim, ese. Muito, muito ruim." Ele olha de volta para Andrea. "Ah, esse é o filho morto de Domingo Garcia na porra do meu banco de trás, e eu nem sequer tive o prazer de matá-lo." Ele olha para mim. "Nós não falaremos isso."

"O que?"

Balançando a cabeça, ele volta para a estrada, pisando no acelerador. "Não, nós temos que manter isso entre nós o quanto pudermos - até que possamos pensar em algum outro plano, porque no segundo que Domingo descobrir que Andrea está morto..." ele não termina a frase, mas sei para onde vai. No minuto em que descobrirem que ele está morto, Cayla está morta. Meu coração afunda no meu estômago como uma pedra e medo corre através de mim.

"Como vamos esconder essa merda, porra?" Pergunto, descansando minha cabeça contra a janela.

“Livre-se das evidências.” Ele dá de ombros, desviando para uma estrada de terra deserta.

23 TOR

Nós paramos em um engarrafamento na fronteira, indo devagarinho para o pequeno pedágio com uma placa que diz: México. Há uma cerca de metal marrom de um lado, montanhas escuras à distância. Os agentes mexicanos estão nos pontos de verificação, vestidos de verde e usando máscaras pretas. Eu engulo, lembrando dos homens que levaram Cayla.

“Por que eles usam máscaras?” Pergunto a Marney, meus nervos torcendo no meu abdômen.

Ele olha para fora da janela. “Não querem que os cartéis saibam quem eles são. É para a segurança deles.” Um raio de medo dispara através de mim. O cartel é temido por todos e eles têm a minha bebê... Nós paramos em um posto de controle, os freios guinchando quando paramos. Eu abaixo a minha janela conforme o homem mascarado se aproxima da minha janela. Meu coração fica louco e tento acalmá-lo, mas não consigo.

“Preciso ver o seu registro do veículo e um cartão de crédito com o mesmo nome, señora”, diz o homem. Eu engulo porque não tenho nenhum deles.

“Eu... uh, não tenho -”

“Qual o seu nome?”

“Victoria...” eu me atrapalho, tentando recordar um dos, algum dos pseudônimos que Jude me deu. “Perry.” Ele vira a cabeça em direção a um walkie-talkie em seu ombro e diz o meu nome enquanto olha para Marney.

“Você pode encostar mais por favor? Abra o porta-malas.”

Faço como ele pediu, ansiedade rolando através de mim. Quando abro o porta-malas, ele anda para trás e ouço-o remexendo. Ele volta para a janela, seus olhos escuros é a única coisa visível debaixo da máscara. “Você tem armas que está tentando levar para o México?”, ele pergunta.

“Não.” Eu engulo. Posso sentir a arma debaixo do meu assento literalmente queimando um buraco na minha bunda. Seu walkie-talkie crepita e alguém diz alguma coisa em espanhol. Seus olhos levantam para os meus enquanto ele fala de volta no alto-falante. “Vou precisar que vocês saiam.” Ele olha para Marney. “Ambos.” Olho para Marney e abro a porta, cautelosamente saindo. “Siga-me”, diz ele conforme segura meu braço.

Outro agente vem e segura Marney. Eu quero perguntar por que eles estão nos detendo, mas não faço isso. Às vezes é melhor não fazer perguntas. Eles nos levam a um edifício e quando entro, o ar condicionado gelado faz minha pele ficar vermelha de arrepios. Talvez eu devesse estar preocupada, mas não estou. Se Jesús Lopez souber que estou aqui, então certamente ele vai me querer, o que significa que ele virá e me levará para Cayla.

Somos levados por um longo corredor antes do homem parar em frente a uma porta de metal. Ele abre e dá um passo para trás, acenando para entrarmos. Dentro, a temperatura cai vários graus. As pessoas estão sentadas em bancos, amontoadas e olhando nervosas para nós. Marney tropeça nas minhas costas quando a porta se fecha pesadamente. Eu viro e ouço a tranca. “Que diabos?” Pergunto.

Ele dá de ombros. “O cartel tem ouvidos em toda parte.”

Ok, isso é bom. É o que eu queria, não é? Engulo os nervos me roendo. Cayla. Eu preciso chegar a Cayla. E esta é a única maneira. Há um lugar vazio em um dos bancos e eu me aproximo. A mulher sentada ao lado dele se afasta um pouco mais quando vou sentar.

“Está frio pra cacete,” Marney diz, sentando ao meu lado.

Concordo com a cabeça, olhando para os rostos ao nosso redor. Mulheres e crianças, famílias que acho que estão tentando construir uma vida melhor. Uma menina com cabelo comprido, escuro, senta-se amontoadada contra o peito de uma mulher na minha frente. A mulher envolve tanta roupa quanto possível em volta da criança, esfregando as mãos sobre os braços dela. Parece tão errado que alguém tão jovem e inocente esteja trancada aqui. E então eu penso em Cayla trancada em algum lugar assim, fria e completamente sozinha. Pelo menos essa

criança tem a sua mãe. Uma dor oca irradia através do meu peito, me lembrando que algo vital está faltando, que uma parte de mim se foi.

Limpo as minhas lágrimas e viro para Marney. Ele abre um sorriso solidário e coloca o braço em volta de mim, puxando-me para o seu lado gorducho. "Vai ficar tudo bem, querida."

Balanço a cabeça, descansando minha bochecha contra seu ombro. "Como *pode* ficar, Marney? Nada nunca vai ficar certo novamente." Eu sei, ele sabe disso e Jude sabe também. Nós estamos agarrados a essa esperança, mas como Gabriel disse, não há esperança neste mundo em que estamos a contragosto imersos agora. Tudo o que temos é ação. Tudo o que temos é sacrifício e não há nenhum conto de fadas em que todos nós saímos dessa. Essa é a realidade fria.

"Você se esquece que está lidando com Jude Pearson," ele ri antes de entrar numa tosse seca.

"Ele não é deus, Marney."

"Não, aquele garoto é o diabo."

24 JUDE

O corpo de Andrea cai no chão com um baque e uma nuvem de poeira voa para o ar. Um bode corre passando e Gabe o chuta. "Saia do caminho, seu bastardo."

Olho para o meu relógio. Já é uma hora. O tempo está se esgotando. Nós deveríamos levar Andrea lá às oito da manhã de amanhã. E não temos Andrea. O pânico toca conta de mim, minha mente fica em um impasse com o que diabos eu posso fazer agora? Gabriel se curva, tirando a roupa de Andrea do seu corpo.

"Eu posso usar isso", diz ele.

Balanço a cabeça e ando na frente de uma cerca de madeira conforme tento chegar a algum tipo de solução para essa merda em que caímos. Quando me viro, Gabriel está em pé sobre o corpo de Andrea, um rio dourado de mijo chovendo no rosto ensanguentado dele. "Sim, ese, qual é o gosto do meu mijo?"

"Que *porra* você está fazendo?"

"Dando uma mijada. Sempre quis mijar no rosto dele." Gabe ri.

Raiva corre através de mim. "Temos menos de vinte e quatro horas para descobrir que diabos vamos fazer com essa merda e você está mijando em cima dele?"

Gabriel empurra seu pau de volta em sua calça e fecha o zíper com um encolher de ombros. "Estamos fodidos, ese. O que mais vou fazer?"

"Fodido - estamos *mortos* Gabe. Cayla, eu, você, Tor. Estamos todos mortos, porra." Eu aponto para o corpo de Andrea. "Isso não pode piorar."

Gabriel bate o dedo sobre seu queixo e concorda com a cabeça. "Nós só precisamos comprar algum tempo."

Eu puxo meu telefone. "Vou ligar para a porra do russo."

"Sim, ligue para o diabo branco." Ele geme conforme se inclina e agarra os braços de Andrea, arrastando-o pelo gramado.

Eu me afasto de Gabriel porque ele não vai gostar dessa merda, mas foda-se, não pedi para ele interceptar minha bunda no aeroporto. O telefone mal toca uma vez antes que alguém atenda.

"Zdravstvuj."

"Cole", digo conforme acendo um cigarro.

"Ah, Americano..."

"Temos a porra de um acordo."

"Nós temos?"

"Sim", dou uma tragada funda no cigarro e seguro a fumaça nos meus pulmões. "Gabe está dentro. Toda a porra do pó que você quiser. Vou limpar o seu dinheiro, mas temos um problema."

"Há sempre um problema quando se trata do mexicano", ele ri.

"Domingo Garcia -"

"O homem que você delatou? Sim, eu sei quem é."

Meu pulso pula. O russo sabe que entreguei Domingo. Puta que pariu.

"Ventanas estão em toda parte. Eu sei de tudo e me pergunto o quanto o Sinaloa sabe?" Ele suspira. "Você deveria ter ficado morto. Eles estão muito bravos com você, Americano."

"Você vai me ajudar?"

"Por quem me toma?"

Eu gemo. Não vou acariciar seu pau agora. "Você poderia arrumar seu pó em qualquer lugar. Gabe pode pensar que você quer a cocaína dele, mas sei o que é, uma declaração. Você quer a porra de um cavalo nesta corrida e é por isso que você quer um acordo com ele." Meu pulso ressoa no meu ouvido. "Bem, se eu não tiver a minha filha de volta de Jesús, o seu cavalo vai levar a porra de uma bala. Então, você vai me ajudar?"

Há uma pausa e ouço-o soltar um longo suspiro. "Sempre gostei de Juárez City. Eu sou, afinal de contas, meio que atraído pela neve." Que diabos ele está falando? "Você não riu?" Diz ele.

"Não, não foi nada engraçado."

“Ah, americano, há tanto pó lá que poderia fazer a paisagem do deserto pareder a caverna do papai noel.” Ele suspira. “Minhas piadas são perdidas com você.” Ele grita algo em russo. “Estou com os meus amigos a caminho da sua pequena casa mexicana. Descubra uma maneira de comprar algum tempo para sua filha.” E ele desliga.

Enfio o telefone no bolso e viro bem a tempo de ver Gabe arrastando o corpo nu de Andrea em um curral. Vejo quando ele o empurra para dentro de uma calha seca e limpa suas mãos.

"Agora..." ele caminha para a lateral e levanta um portão.

Centenas de suínos vêm desembestados, grunhindo conforme vão direto para a calha. Gabriel pula a cerca e vem para ficar em pé ao meu lado. E aqui ficamos na beirada da calha, quase em transe enquanto vemos os porcos rasgarem a carne de Andrea. A sensação de mal estar de vermes corre através de mim.

"Bem, eles não vão encontrá-lo", diz ele. "O que o porra do russo disse?"

"Que eles estão a caminho da sua casa."

Gabriel levanta uma sobrancelha. "Não vou deixar o russo entrar na minha casa."

"Bem", bato minha mão sobre seu ombro, "você está trabalhando com o russo agora," digo e Gabriel se vira para olhar para mim.

"Não vou trabalhar com a porra do russo."

"Sim, você vai." Eu levanto ambas as sobrancelhas. “Fiz um acordo com ele então,” exalo, “você precisa começar a enviar sua cocaína para a porra de Narnia.”

O queixo de Gabriel cai e seu olho contrai conforme ele anda, cerrando os punhos. O barulho dos suínos sumindo no fundo. "Dios, dame la fuerza para no matar a este maldito gringo. Jodido culo mudo. Debería xxxderramar su sangre en la calle y -"

"Gabel!" Grito e ele para de andar. "Você não vai derramar a porra do meu sangue em lugar nenhu... você odeia o Sinaloa. Use o russo como um aliado e acabe com eles."

Gabriel olha para mim, suas bochechas bronzeadas vermelhas de raiva. "Você não tinha o direito -"

Eu voo em direção a ele e aponto no seu peito com o dedo. "Eu tinha toda a porra de direito. Tanto quanto sei, você é metade da razão pela qual estou com merda até o joelho agora. A razão pela qual minha família foi quase morta", digo com um rosnado.

"Sua briga com Domingo é sua própria criação", diz ele com os dentes cerrados.

"Estava tudo muito bem até você matar o cara de Jesús no meu quintal e, em seguida, toda a porra desandou. Foi trabalhar com você que os trouxe atrás de mim!"

Ele tem um olhar em seus olhos que me faz lembrar exatamente quem ele é. Ele pode ser meu amigo, mas ele é implacável. Frio e calculista. Ele deixa escapar um suspiro agravado e deixa cair o queixo no peito. "A porra do russo!" Gabriel corre a mão pelo rosto e balança a cabeça. "Juro por Deus, se eu não gostasse de você, iria te matar."

"Sim, sim. O sentimento é mútuo, confie em mim."

Gabriel geme. "Então, o porra do russo disse o que faremos com essa merda?" Ele aponta para o corpo de Andrea.

"Compramos tempo."

"Compramos..." Gabriel joga a cabeça para trás e segura ambos os lados de sua cabeça. "Ai, ai, ai. Por que nós simplesmente não matamos os homens que devemos encontrar?"

Eu fico olhando para ele, um pequeno sorriso trabalhando lentamente seu caminho no meu rosto, porque isso é exatamente o que vamos fazer. "Por que não?"

"Você perdeu a cabeça? Seu gringo louco do caralho. Nós os matamos, Jesús mata todos antes de você deixar Ciudad Juárez."

"Então não deixe ele saber que fomos nós."

"Que diabos você está pensando? Você encontrou algum peyote² e comeu?" Ele enfia as mãos nos bolsos e caminha, murmurando em espanhol.

"Há maneiras de matá-los sem nem tocá-los," digo e Gabriel para de andar, olhando para mim com um lampejo de curiosidade. "Veneno."

"Veneno?" Ele revira os olhos. "É uma maneira maricas. Arma de mulher."

"Gabel!" Eu grito.

"Você está tentando me deixar mole, ese."

Passo a mão pelo rosto. "Eles estão com a minha filha, Gabriel. Eles têm Cayla!"

Fechando os olhos, ele suspira. "Tudo bem. E como você sugere *envenená-los*?"

"Apenas me dê um minuto para pensar sobre isso."

"Tempo é algo que temos muito pouco."

"Eu sei." Porra, eu sei... Começamos a ir em direção ao carro de Gabriel e meu telefone toca com uma ligação de Marney.

"Sim?" Respondo conforme caminho ao redor da traseira do Hummer.

"Então, uh..." Marney solta uma respiração lenta. "Estamos na fronteira. Detidos."

"Que porra é essa, Marney? Eu lhe disse para olhar ela, caralho."

"Sim, sim e ela é tão teimosa quanto o seu rabo. Você vai nos deixar aqui para apodrecer ou o quê, porque ela disse que não vai embora?"

"Puta que pariu. Só..." gemo, passando a mão sobre meu rosto. "Espere aí." Eu desligo.

Entro no SUV e jogo o telefone no chão. "Qual a distância até a fronteira?" Pergunto.

"Vinte e cinco quilômetros, por que?" Gabriel ri. "Deixe-me adivinhar, sua mulher apareceu?"

"Claro que ela fez porque, você sabe," lanço minhas mãos no ar, "ela vai enfrentar o cartel." Suspiro. "Tenho que ir buscá-la."

² Tipo de cacto com efeito alucinógeno.

Nós saímos da fazenda e viramos para a estrada. "Por mais que eu adoraria ver Tor brava com você", Gabriel ri, "tento ficar longe da fronteira, tanto quanto possível, então vou ficar na minha casa e deixá-lo com o carro para ir buscá-la."

Jogo minha cabeça contra o encosto de cabeça, vendo as pequenas casas de merda passarem, quebrando meu cérebro para pensar em como envenenar um punhado de membros do cartel.

25 JUDE

Eu espero ansiosamente no corredor da frente enquanto eles vão pegar Marney e Tor. Um dos policiais fica olhando para mim e está me fazendo querer socá-lo. Marney sai primeiro, balançando a cabeça. "Ela segurou a porra de uma arma na minha cabeça", ele murmura quando passa por mim. "Ela está louca."

Momentos depois, Tor vem explodindo para fora da cela. Agarro-a pelo braço conforme ando pelo corredor. Ela puxa o braço de mim, mas continuo arrastando-a. "Solte-me", diz ela, agarrando minha mão. Tudo que faço é apertar mais.

"Fale baixo até sairmos daqui, pelo amor de Deus."

Marney empurra para abrir a porta e sai para o sol da tarde. Eu pego a porta antes de fechar e nós saímos, a umidade se agarrando a mim como um pano úmido. "Marney." Eu aponto para o Hummer e clico no alarme, ele apita. "Aquele."

Marney murmura enquanto entra na parte de trás. Eu arrasto Tor para o lado do passageiro. Ela sai do meu aperto com aquele olhar em seu rosto, de quem tem um grande problema. Eu fico mais perto dela, deixando cair o meu rosto no seu pescoço. "Nem pense nisso," digo, enquanto abro a porta, empurro-a para dentro e fecho a porta. Ela vai abrir novamente e bato de volta, apontando o dedo para ela. "Não faça essa porra!" Eu olho para ela enquanto dou a volta na frente do carro e entro, dando partida no motor.

"Ah, inferno", resmunga Marney. Eu olho no espelho retrovisor e vejo-o segurando uma palma encharcada de sangue. "Bem-vindo ao México..."

"Sim, nós tivemos um pequeno problema."

"Oh, brilhante. Mais assassinato, Jude?"

Rangendo os dentes, enfio o dedo na cara dela. "Não diga a porra de outra palavra para mim, Tor." Eu olho para ela. "Estou falando sério, porra. Apenas sente aí e fique quieta antes que eu perca minha cabeça com você."

Meu pulso bate nas minhas têmporas enquanto coloco o carro em marcha ré e sigo na direção dos portões. Um oficial me acena para ir direto. Tor olha pela janela, seu joelho balançando ansiosamente.

"Onde estamos indo?" Ela pergunta, aborrecimento marcando sua voz quando olha para mim.

Ergo um dedo. "Eu lhe disse para não dizer uma palavra, não foi?" Balanço minha cabeça. "Mulheres da porra..."

"Ele está no limite, querida," Marney bate a mão no meu ombro e bato-o fora.

"Cale-se também, Marney."

"Isto não é com o Marney", Tor grita, "é com você!"

"Não", aperto a mão no volante, "isso é com você, Tor. Você que segurou uma arma na cabeça de Marney e saiu quando lhe disse para só ficar parada!" Ela me dá um soco no peito e eu pressiono o meu pé sobre o freio, o carro derrapando através da estrada de merda deserta.

"Toda essa violência é necessária?" Marney pergunta do banco traseiro. Tor e eu viramos e gritamos com ele para calar a boca.

Eu redireciono minha atenção para Tor. "Bata em mim novamente e eu -" Um tapa forte no rosto me para no meio da frase. "Ê isso!" Eu grito, mudando a engrenagem para parado. Abro a porta, meu rosto ardendo conforme marchoo através da areia e ao redor do lado do SUV, abro a porta e agarro-lhe pelo braço, puxando-a para fora. "Quantas vezes eu tenho que lhe dizer para não me bater, mulher?" Bato a porta fechada e empurro-a para trás alguns metros. "Que porra é o seu problema aqui? Quero dizer, que diabos você ia fazer? Pelo menos me diga que tinha um fodido plano." Eu ando. "Merda!"

"Não posso simplesmente sentar e não fazer nada. Ela está sozinha. Ela provavelmente está com medo." Sua voz trava.

"Tor", passo minhas mãos sobre meu rosto enquanto o sol bate nas minhas costas, o suor encharcando a minha camisa, "você não pode simplesmente ir até

a porra do cartel e pedir para ficar com sua filha que eles tomaram como refém. Merda, não é assim que isso funciona." Ela deveria saber disso; ela já foi a porra de uma refém uma vez.

"Por que não? É apenas mais garantia para prender você, não é?" Ela encara, mas há desespero por trás de seus olhos.

"Você é impossível." Eu começo a ir em direção ao SUV. "Volte para o carro."

"Ela não estaria com o cartel se não fosse por seu maldito pescoço nessa merda! Que diabos você fez, Jude? Por que o cartel está assim atrás de você?" Ela aponta no meu peito. "Você não pode me dizer que apenas trabalhar com Gabriel causou essa merda."

Minha pressão arterial explode. "Que porra eu fiz?" Sorrio conforme fecho os punhos. Dou um passo ameaçador em direção a ela. "Culpe o grande apostador mau por tudo, certo?"

Ela dá um passo em direção a mim, pressionando seu peito contra o meu abdômen. "Não é o que você *faz*, é o que você *é*, Jude! Você tem uma criança – uma família e você ainda está envolvido nessa merda."

Eu enterro meu rosto nas mãos, porque não posso com essa mulher. Olho para ela. "Você não tem ideia do que diabos está falando, então por que não," espeto um dedo no meio do peito dela, "apenas cala a boca!"

Ela afasta minha mão para longe e vai para me dar um tapa... *de novo*. Pego seu pulso e a empurro contra o carro. Meu pau involuntariamente incha e eu rolo meus olhos. Isso é inadequado em todos os níveis, mas quando ela está assim... não posso controlar essa necessidade de possuí-la.

"Sou a mãe dela, Jude! *Não* me diga para calar a boca. Não me diga que não sei o que estou falando!" Ela está empurrando contra mim, rosnando na minha cara.

"Você não sabe, Tor. Como diabos você acha que consegui sair da *porra da prisão*, huh?" Gemo. "Você acha que o FBI simplesmente me deixou valsar fora de lá, porque eles tinham uma consciência ou alguma merda? Eu era um maldito assassino..." jogo minhas mãos no ar. "Isso está fora do meu controle e estou

fazendo o melhor que posso." Meu peito fica apertado com o pensamento de Cayla, o pensamento do que eu - o que *nós* - podemos perder.

Seus olhos travam com os meus, procurando, sondando. "O que você *fez*?" Ela pergunta em voz baixa.

Balançando a cabeça, puxo um cigarro do meu bolso. Eu acendo e dou uma tragada profunda antes de soprar a fumaça. "Eles queriam três nomes. Três homens com quem eu tinha lidado, lavado o dinheiro. Extorsão. Ajudei-os a conseguir merda suficiente para prendê-los. Domingo Garcia foi um deles... e ele era o chefe do cartel de Sinaloa."

"Meu Deus." Ela deixa a cabeça cair, correndo as mãos pelo cabelo antes de deslizar para baixo ao lado do carro, ficando agachada. "Oh meu Deus, eles vão matá-la", ela sussurra, envolvendo os braços em volta dos ombros. "Eles vão matá-la." Sua voz vacila e os ombros tremem enquanto ela chora.

Meu sangue corre frio, toda a raiva some do meu corpo e é substituída por uma sensação de pânico e impotência. Suspirando, eu ando até Tor e me ajoelho ao lado dela, afastando seu cabelo loiro da frente do seu rosto. Duas horas atrás, eu teria lhe assegurado que não iriam, porque tínhamos Andrea, mas agora... não sei o que vamos fazer, mas tenho que tranquilizá-la.

"Eles não vão. Eles querem a mim não ela." Meu estômago revira. "Estou trabalhando nisso. Eu juro por Deus que estou." Olho para ela. Sei que ela deve ver isso, deve ver a porra da preocupação e medo, o sentido absoluto de desamparo em que estou me afogando neste momento.

Ela cobre a boca com a mão e lentamente concorda.

"Confie em mim", digo. Pego a sua mão e a puxo em pé, trazendo-a para perto de mim. Eu olho em seus olhos enquanto coloco seu cabelo atrás da orelha e acaricio sua bochecha. "Entre no carro, Tor. Por favor." Abro a porta e ajudo-a a entrar no carro.

Marney tem uma carranca profunda na cara. "Você está bem, querida?" Ele pergunta a Tor. Ela não lhe responde, apenas senta no banco, olhando pela janela.

Engato a marcha do carro e saio, seguindo a estrada irregular para dentro da cidade degradada de Juárez.

26

TOR

Jude dirige pelos arredores de Juárez. As ruas estão sujas. Na maioria dos edifícios tem janelas quebradas. O lugar inteiro grita pobreza e desolação. Eu assisto a um par de meninos mais novos correrem por um beco sem sapatos. Esta é a forma como o cartel prospera: a cidade é muito atingida pela pobreza e eles podem prometer dinheiro. Podem prometer uma saída. Podem oferecer proteção.

Nós chegamos ao fim da estrada que sobe para as montanhas e paramos em frente a portões de metal, vigiados por dois guardas armados. Os portões se abrem e nós dirigimos até a frente da casa, estacionando entre a fila de SUVs.

Jude sai do carro e dá a volta por trás. Eu abro a porta e olho para a enorme casa de campo na nossa frente. Estuque branco com janelas fechadas e um telhado de telhas vermelhas com pequenas vinhas de flores subindo pelas paredes. Uma fonte de água numa pedra no meio da calçada de paralelepípedos, dois cavalos de raça jorrando água de suas bocas. E, além da entrada, o terreno desaparece, revelando uma bela vista das montanhas. É uma casa de campo e uma fortaleza, porque ninguém poderia fazer um ataque surpresa sem ser visto a quilômetros de distância.

Jude lidera o caminho e eu o sigo através das portas duplas em arco na frente da casa. Entro no piso de terracota. As paredes são cobertas de obras de arte; o mobiliário antigo e luxuoso. A coisa mais notável, porém, é o grande número de homens. Eles se escondem em cada corredor armados até os dentes com rifles e revólveres. Eu sei que são para proteção, mas a visão deles me faz sentir estranhamente insegura.

"Esta é a casa de Gabriel?" Pergunto, sabendo que é.

"Sim", ele responde sem virar para olhar para mim.

Ouço a voz de Gabriel vindo de um cômodo distante, gritando, xingando em espanhol, conforme nós caminhamos pela casa. Passamos por um guarda, seus olhos escuros me estudam conforme Jude me leva a uma enorme cozinha. Ele segura minha cintura, me levanta e me coloca na lateral da cozinha. Suas mãos abraçam cada lado das minhas coxas e ele se abaixa para encontrar o meu olhar. "Quanto tempo faz desde que você comeu?"

Eu pisco para ele. "Eu não sei."

Afastando-se do balcão, Jude suspira. Ele caminha até os armários, abrindo e fechando antes de voltar com uma frigideira e coloca-la sobre o fogão. Eu franzo a testa para ele. "O que você está fazendo?"

"Fazendo comida para você." Ele pega ovos da geladeira e pega uma garrafa de tequila no balcão no seu caminho de volta para o fogão. Ele desenrosca a parte superior e me entrega a garrafa inteira. "Beba isso", ele diz, enquanto volta para a frigideira. Eu fico olhando para a garrafa por um segundo. "Beba, Tor. Você precisa acalmar seus nervos."

Eu olho para ele conforme inclino a garrafa para trás, observando pequenas bolhas fazerem seu caminho até o pescoço. Eu gosto da maneira que queima enquanto passa pela minha garganta. Jude quebra alguns ovos na frigideira e uma pequena nuvem de fumaça sobe. Eu olho em volta para o espaço impressionante, granito caro e azulejos.

"O que *exatamente* Gabriel faz para o cartel?" Pergunto, mas ele não me responde. "Jude. *O que* Gabe faz para o cartel?" Eu tomo outro gole da tequila quente, porque os meus nervos estão subindo pela minha garganta.

Quando ele suspira, sei que isso vai ser ruim. "Gabriel é o chefe do cartel de Juárez", diz ele.

"O chefe?" Claro que ele é. *Claro* que é, porra. Eu tive o chefe do cartel de Juárez no jantar. Deixei-o passar a noite na minha casa... "Que cartel tem a Cayla, então?", Pergunto e ele permanece em silêncio. "Pelo menos você tem amigos poderosos", sussurro. Nós dois sabemos que amigos poderosos podem tanto ajudar como atrapalhar, mas neste caso, espero que Gabriel possa nos

ajudar. Jude vira os ovos antes de abrir um armário e pegar um prato. "Isso é... isso é bom. Gabe pode nos ajudar."

Eu não tenho certeza de quem diabos estou tentando convencer, ele ou eu mesma porque, sinceramente, é tarde demais. Não há caminho de volta - não há "se", "e" ou "mas". Cayla se foi e vou aceitar qualquer ajuda que possa conseguir para resgatá-la.

Ele despeja ovos mexidos em um prato e entrega para mim. Balançando a cabeça, empurro o prato para o lado. "Não consigo comer nada agora."

Ele se inclina sobre o balcão, colocando os cotovelos sobre a bancada enquanto passa as mãos pelos cabelos. Nós sentamos em silêncio por alguns minutos antes dele olhar para mim, sua expressão suave conforme se afasta do balcão e fecha o espaço entre nós. Ele segura meus braços e bate os lábios sobre os meus. O beijo é duro, violento, bravo - todo Jude. Eu fecho meus olhos, permitindo que o toque dos lábios dele me acalme por um momento antes dele se afastar de mim.

"Venha", diz ele.

Nós saímos da cozinha e ele me conduz através de várias salas até uma escada em caracol. Aqui em cima, há menos guardas. Sou grata por estar longe deles. Seguimos um longo corredor até um quarto no final. Jude me leva para dentro e fecha a porta. Uma cama de dossel está no meio do quarto, cortinas estão penduradas elegantemente da armação de madeira e caindo até o chão de terracota. No canto há portas francesas que eu suponho se abrem para uma varanda.

Jude me leva até a cama e eu me sento. Ele se ajoelha na minha frente, esfregando as mãos quentes e ásperas sobre os meus braços. "Eu tenho que ir", diz ele em voz baixa. "Estarei de volta em breve. Não saia, Tor. Por favor, por uma vez, me escute."

Seus dedos trilham meu braço, meu pescoço e ele suavemente acaricia minha bochecha, tirando uma respiração instável de mim. "OK."

Ele concorda com a cabeça e pressiona os lábios na minha testa antes de se afastar. Uma sensação desconfortável se instala no meu peito enquanto o vejo

fechar a porta do quarto atrás dele. O silêncio me rodeia no quarto enorme. É agora, quando estou sozinha, que sinto mais a perda de Cayla. Deito-me sobre a cama, virando de lado e me curvando em posição fetal. Sinto tanta falta da minha menina. Estou no México. Estou tão perto e tão longe e sentar aqui sem fazer nada é a pior sensação do mundo, mas devo confiar em Jude. Eu tenho que confiar que ele saiba o que está fazendo e que vai trazê-la de volta.

27

JUDE

“Porra, Miguel”, Gabriel geme no telefone. “Basta pegar a Roberta, ela é a prostituta favorita de Escavar. Você não pode me dizer que não pode convencê-los a ter uma buceta.” Ele faz uma pausa, deslizando o dedo sobre as garrafas de bebida na prateleira desta pequena loja suja. ‘Si, só precisamos deles parados.’”

Eu verifico o meu relógio: 09:27. Estresse toma conta do meu peito. O calor aqui é quase insuportável, o ar carregado com humidade. Há um cão sarnento que fica andando para frente e para trás ao lado do balcão, de vez em quando parando para rosnar para Gabe.

“Leve-a para chupar o pau dele, porra”, diz ele. “Inferno, você chupa o pau dele, para mim tanto faz.” Gabe desliga e vai para o balcão. Ele bate a bebida no balcão e empurra o telefone dentro do bolso.

O velho atrás do balcão demora ensacando a garrafa enquanto me olha. “Ese Gringo?”

Gabriel olha por cima do ombro. “Es mi amigo. Corredor de apuestas.”

O homem sorri e concorda com a cabeça antes de entregar o saco marrom para Gabriel. Nós caminhamos para fora da loja degradada para a noite escura. Gabriel geme. “Se isso funcionar, vou começar a rezar para você.” Ele empurra o saco nas minhas mãos e abre a porta do carro.

Nós dirigimos em silêncio para o hospital. Gabriel dá a volta no edifício laranja, estacionando onde é a vaga da ambulância. Em minutos a porta desliza aberta e um homem baixo de jaleco sai. Ele vem até a janela, entrega ao Gabriel uma sacola e Gabriel lhe entrega um maço de dinheiro. Nenhuma palavra é trocada e logo que o homem vira as costas, estamos saindo. Gabriel joga a sacola de plástico para mim. “Como diabos você sabe sobre essa merda afinal de contas, ese? Você não é um assassino em série, né?”

"Não", sorrio, "Google é o seu melhor amigo às vezes." Eu rapidamente tiro a garrafa de bebida do saco, olhando para o rótulo: Domecq Brandy. "Conhaque?" Pergunto.

Gabriel dá de ombros. "Oh, o que, você esperava, tequila?" Ele geme. "Mierda, todo mundo acha que bebemos a porra da tequila. Mexicanos gostam de conhaque."

"Tudo bem", digo conforme abro a tampa e tomo um grande gole. O líquido quente queima seu caminho na minha garganta antes de se estabelecer no meu estômago instável.

"Eh, ese, que porra você está fazendo?"

"Eu tenho que me livrar de um pouco dele."

Gabriel tira a garrafa da minha mão e toma alguns goles. "Tem gosto de merda quando está tão quente", diz ele conforme a empurra de volta na minha direção. Eu coloco a garrafa entre as pernas e pego uma faca do console, abrindo um buraco no saco de succinilcolina³. Cuidadosamente, despejo mais da metade da droga dentro da garrafa, em seguida, abro a janela e atiro o resto na lateral da estrada. Tampo o conhaque, certificando-me que está certo e apertado antes de agitar a garrafa.

"Você tem certeza que isso irá matá-los?" Gabriel pergunta conforme nós encostamos em um estacionamento de hotel.

"Sim, isso vai matá-los em questão de minutos. Eles usam essa merda para cirurgias. Paralisa você e sem uma máquina de respiração, porra, você está morto." Entrego-lhe a garrafa e ele alcança a parte de trás para pegar uma mochila.

"Eles vão sentir o gosto da porra e então..."

"Eles não vão. Tem gosto de açúcar."

Ele coloca a garrafa dentro e olha para mim, batendo o dedo sobre o volante enquanto espreita para fora da janela. Uma mulher cheia de curvas em uma saia

³ Anestésico usado em intubações.

curta e uma regata vermelha justa se mexe em frente ao estacionamento. "Você pode confiar nela?" Pergunto.

"Você nunca pode confiar em uma prostituta", diz ele com uma sobrancelha arqueada. "Mas vou matá-la e ela sabe disso. Ela vai entregá-lo para Roberta, no caso de alguém ver."

Concordo com a cabeça quando ele desce o vidro. A mulher se inclina no carro, seu cabelo encaracolado caindo sobre a parte interna da porta. Gabriel sussurra algo para ela em espanhol e ela assente. Ela lhe entrega um saco de papel marrom e ele empurra a mochila pela janela. Ela a pega, coloca sobre o ombro, e o beija na face.

Esta mulher é a nossa última esperança agora. Ela deve dar aquela garrafa de bebida para Roberta com quem Miguel acertou para fazer uma visitinha aos nossos amigos esta noite.

"Diga a ela, que cada um deles tem que beber essa merda nem que ela tenha que derramar na buceta dela para faze-los beber."

A mulher revira os olhos. "Si, si. Ese loco. Este es jodidamente xxxloco."

"Lembre-se, Alessandra", Gabriel agarra seu cabelo comprido, segurando firme e puxando-a mais para dentro da caminhonete, "Eu vou te matar se você foder essa merda", ele cospe. "Não diga a ela o que é. Não conte para a porra de ninguém."

Medo passa pelo seu rosto, seus olhos lacrimejando enquanto ela lentamente concorda com a cabeça. "Si. Si, Gabriel." Ele a empurra para fora da cabine e ela desaparece ao virar da esquina do motel. Suspirando, Gabriel deixa cair o queixo. "Envenenando pessoas, a próxima coisa será eu vestido com uma roupa de palhaço na porra de festas de aniversário infantis. Veneno do caralho..."

"Ah, vamos." Dou um tapinha no ombro dele. "É a merda de uma saída. Eles vão ficar paralisados por alguns minutos, enquanto seus corpos apagam. Apenas pense: incapaz de chorar ou gritar ou piscar a porra dos olhos." Sorrio. "Pura agonia, Gabe. É pura agonia."

"Isso faz com que seja menos maricas." Ele suspira. "Então agora esperamos, hein, ese?"

Eu concordo. Esperamos e oramos porque não teremos nenhuma maneira de saber se funcionou até aparecermos - sem o fodido do Andrea.

"Ah, merda", geme Gabriel. "Merda do caralho. Precisamos de um substituto para Andrea." Ele sai do estacionamento do hotel, pneus cantando. Uma série de palavrões espanhóis giram pela frente do carro e Gabriel bate o punho sobre o volante antes de aumentar o volume da música clássica até explodir ao máximo. Ele balança a cabeça, ainda resmungando em espanhol enquanto rasgamos através da cidade.

Ele para em um sinal vermelho e um cara jovem anda na frente do carro, os faróis saltando em sua camisa branca. "Bom o suficiente", Gabriel diz conforme abre a porta e pula fora do carro. A música clássica continua tocando enquanto assisto Gabriel correr até o cara, apontar a arma para sua cabeça e agarrá-lo pelo braço, puxando-o pela rua para o carro. Gabriel abre a porta de trás, mantendo a arma apontada para ele enquanto ele pula no banco da frente. "Droga, ese." Ele joga uma mão para cima. "Aponte sua arma para ele."

Observando Gabriel, lentamente levanto a minha arma e aponto-a para o cara tremendo no banco de trás. "Por favor no mates", o cara implora.

Gabriel ri. "Eu não vou matá-lo. Bem-vindo ao cartel de Juárez."

Olho para trás e noto uma mancha escura crescendo na calça jeans do cara. "Gabe", digo, balançando a cabeça. "Você acabou de fazer ele mijar nas calças. Isso é fodido, mesmo para os meus padrões."

"Ah, todo mundo quer estar no cartel," Gabriel grita, pegando um retorno e acelerando.

28

JUDE

Nós paramos na frente de uma casa de concreto. Galinhas correm pelo quintal e há um menino perto da porta andando de triciclo em volta de um pedaço de terra. Gabriel e eu olhamos para a casa. Observando. O cara que Gabriel sequestrou na noite passada está sentado no banco de trás vestindo as roupas ensanguentadas de Andrea e tremendo. Suas mãos estão amarradas e um saco de estopa cobre sua cabeça. Ele é o nosso manequim apenas no caso de alguém nos ver.

Começo a abrir a porta do carro, porque caramba, se Cayla *estiver* lá dentro, ela está sozinha, mas Gabriel agarra meu braço, me parando. "Espere, nós temos que fazer isso crível. Temos de ser surpreendidos. Chocados..." Ele pega o telefone e bate na tela antes de leva-lo ao ouvido. "Jesús, estamos aqui. Se seus homens atirarem em nós, Andrea será morto. Está me ouvindo? Ligue para eles e diga para não nos tocarem." Eu posso ouvir um homem gritando do outro lado da linha. "Nós pegaremos Cayla primeiro." Mais gritos. "Vou colocar uma bala na cabeça dele agora e então você vai ter que explicar essa porra para o Domingo."

Eu agarro o braço de Gabe, olhando para ele. Gabe olha para mim e concorda com a cabeça antes de fechar os olhos e morder os lábios. "Bueno." E ele desliga.

"Pronto?" Pergunto, inclinando minha arma.

"Eu acho que sim, ese." Ele suspira quando empurra a porta para abrir.

O ar quente me envolve quando saio do Hummer. Gabriel arrasta o cara no banco de trás, apontando a arma na parte de trás de sua cabeça e forçando-o a andar. Música alta vem da casa – o que é um bom sinal porque espero que esteja tocando desde a noite passada.

A cada passo que nos aproximamos, meu coração acelera. Estou a apenas alguns metros de distância da casa onde minha filha está. Sozinha e espero que entre corpos mortos. Meus estômago dá um nó, conforme penso em quão aterrorizada ela deve estar. Chorando. Suas bochechas vermelhas. Eu aperto meu punho, fechando os dedos mais forte em torno do metal frio da minha arma. Gabe vira o trinco do portão e ele range aberto. Assim que colocamos os pés no quintal, um cachorro vem saltando através das ervas altas, latindo e rosnando.

"Ah, merda." Gabe move a arma para longe da cabeça do cara, mira no cão e atira. O cara pula e grita ao mesmo tempo que o cão uiva. Gabriel olha de volta para mim. "É um bom sinal, não? Está quieto." Ele não espera uma resposta, só continua forçando o cara a marchar junto com a gente até a porta da frente.

A música pulsa através da porta de madeira, sacudindo-a com cada batida.

Eu uso a coronha da minha arma para bater na porta. A música está tocando tão alto que mal posso ouvir Gabriel me dizendo para esperar. Gabe já está no telefone novamente, usando a mão que está segurando a arma para colocar em seu ouvido. Esta é a parte vital do plano. Se os caras dentro daquela casa beberam o veneno, estão mortos e temos que fingir fomos surpreendidos. Nós temos que fingir que eles não nos deixaram entrar. Temos que fingir que estamos ultrajados. Derrubar a porta... "Jesús", Gabriel diz "Diga a seus hombres para abrir la puerta. Eles não estão respondendo a porta." Gabriel bate abre a porta. "Abram a porta coños." Há uma pausa. Pode ser apenas segundos, mas demora. "Que porra é essa?" Diz ele ao telefone. "Você armou para mim, Jesús?" Ele olha para mim, um sorriso profundo se espalhando em seus lábios.

"Que merda," grito - tudo parte do script. Cada porra de coisa sobre isso deve parecer real. "Que porra é essa, Gabe?"

"Ese, que diabos está acontecendo?" Ele grita no telefone. "Vou colocar uma bala na cabeça estúpida de Andrea."

Meu coração bate nos ouvidos. "Que porra está acontecendo, Gabe?"

"Jesús!"

"Abra a porta do caralho," bato sobre a madeira. "Onde está a minha filha?"

"Jesús, onde estão seus caras? Vou matar o Andrea..."

Eu posso ouvir Jesús gritando, xingando. E não dou a mínima, dou alguns passos para trás e corro em direção a porta, batendo todo o meu peso contra ela.

"Ese!" Diz Gabriel. Eu apenas volto para cima novamente e bato meu ombro contra a porta mais e mais até as dobradiças começarem a ceder. Sem fôlego, dou um passo para trás e chuto a porta. Ela desaba, aquela música de merda tocando para fora no ar da manhã.

"Oh, Jesús, seus caras estão todos mortos", Gabe diz, deixando cair o telefone do seu lado.

A poeira baixa e tudo o que vejo são corpos. Dez homens estão deitados no chão. Dois deles nus. A garrafa vazia de conhaque está sobre uma mesa. Roberta está no sofá, sem calças, as pernas bem abertas com dois homens caídos entre elas no chão. Eu passo por cima da soleira, a porta quebrada triturando debaixo dos meus sapatos.

"Cayla?" Grito, procurando freneticamente ao redor. Estou com muita raiva que ela esteja no meio dessa merda aqui. "Cayla?"

Gabriel empurra o cara pela porta derrubada e força o cano da arma contra o saco de estopa perto da testa do cara. "Se sair deste lugar, eu te mato. Entendeu?"

O cara balança a cabeça e Gabriel começa a andar pelo corredor com a arma na mão.

"Cayla...bonequinha?" Grito. A cada segundo que passa, medo se enraíza no meu peito. Caminho até o aparelho de som e abaixo o volume, o súb

ito silêncio é quase ensurdecedor. Portas batem abertas conforme Gabriel abre cada quarto. Eu empurro cadáveres para fora do caminho, puxo o sofá da parede, abro todos os armários da porra desta casa de merda, e ela não está em lugar nenhum.

Eu me sinto desconfortável. Perdido. Estou na porra de uma terra estrangeira de propriedade do cartel, talvez seja por isso.

"Jesús", grita Gabriel. "Mentiroso filho da puta." Eu afundo na cadeira ao lado de um dos homens mortos e enterro meu rosto em minhas mãos. Ele pega o

nosso refém e o empurra de volta para fora da porta. "Vou ligar para esse fodido e..." Sua voz diminui.

Eu não consigo pensar. Não consigo processar uma maldita coisa. Raiva e perda - a maior porra de perda que já experimentei - instala-se em mim como um nevoeiro lento, porque eles nunca tiveram a intenção de entregar Cayla. Ela não está aqui. Ela nunca esteve aqui e se a vida do próprio filho de Domingo não vai levá-los a liberá-la, não sei o que vai. Lágrimas borram minha visão e abaixo minha cabeça no peito. Eu quero arrancar as cabeças de todos os caras de Jesús. Quero estripá-los e afogá-los em seu próprio sangue, mas isso não é nada, só a porra de um sonho. Se eles a machucarem no entanto, vou matar o maior número deles que puder antes de me matar. Pelo menos poderei morrer sabendo que fiz algum tipo de justiça para a minha bonequinha. Eu engasgo com as lágrimas, limpando-as com raiva conforme permito que a raiva me consuma. Com a raiva eu posso lidar, porque a fodida tristeza, ela me afoga. Não posso me afogar no momento. Respiro fundo e passo as duas mãos pelo meu rosto antes de me levantar do sofá imundo.

Quando saio, Gabriel está encostado no Hummer com a cabeça pendurada.

"Ela nunca esteve aqui, não é?" Pergunto conforme atravesso o pátio, passando por cima do cão morto no meu caminho para a entrada de automóveis.

"Não." Ele exala. "Eu não sei onde Jesús está mantendo-a." Lentamente, ele se afasta do carro. 'Sinto muito, meu amigo.' Ele abre a porta e entra, dando partida no motor. Minha última esperança agora é Ronan e não sei como me sinto sobre isso.

29 TOR

Eu caminho pelos jardins do Gabriel, a grama bem cuidada, macia e úmida debaixo dos meus pés descalços. O aroma de jasmim gira em torno de mim conforme vago pela escuridão. Quanto mais me afasto da casa, menos luz existe e eu gosto disso.

Encontro um banco de pedra ao lado de um enorme lago, cheio de peixes. Sento-me, observando os peixes brancos e dourados nadarem sem rumo em círculos enquanto permito que o ar da noite corra sobre mim. Leva pouco tempo para acalmar a turbulência que está constantemente rodando em volta de mim, como ondas batendo contra falésias. Eu não quero ver ninguém. Não quero falar com ninguém. Sento-me aqui por um longo tempo, submersa nos meus pensamentos, minha preocupação e então ouço Jude chamando meu nome, uma pitada de pânico em sua voz.

O contorno sombrio do seu grande corpo vem à vista e ele faz uma pausa no meio do caminho. "Tor?"

O medo toma conta de mim. "Onde ela está?" Pergunto, mas já sei que se ele a tivesse ela estaria em seus braços. Duvido que ele a soltaria novamente. Sei que eu não faria isso.

"Ela não estava lá", diz ele em voz baixa.

A pior coisa é, tão chateada como estou de que ela não esteja aqui, o fato de que ela não estava lá, pelo menos, significa que ela ainda possa estar viva. A esperança pode se tornar uma coisa tão tênue quando a tragédia absoluta permanece tão perto. Jude se senta ao meu lado, passando o braço em volta de mim e esfregando sua mão quente sobre o meu ombro. Nós sentamos em silêncio, porque, honestamente, o que qualquer um de nós pode dizer? Não há

nada que vá deixar isso melhor, nada que possa consertar isso além de tê-la de volta.

Eu enrolo meus braços em torno dele e me pressiono contra o calor do seu peito. Ele é a única coisa que me impede de perder a cabeça agora. Sei que ele vai trazê-la de volta. *Ele vai...*

Sua mão acaricia o meu cabelo. "Eu nunca vou esquecer a primeira vez que a vi", diz ele. "Deus, levei dias para chegar até vocês duas e quando entrei naquela sala e a vi deitada naquela berço..." Um sorriso abre seu caminho sobre seus lábios e isso parte meu coração em um milhão de pedaços minúsculos. Ele a ama tanto. "Eu a peguei e ela era tão pequena nos meus braços. A maneira como senti isso, Tor..." Ele beija minha testa. "Vocês duas são meu mundo."

Puxo-o mais perto, querendo me agarrar a ele tão firme quanto possível. Ele se levanta e pega a minha mão, puxando-me em pé conforme seu braço vem ao meu redor. Eu sinto como se ele me protegesse de tudo com a sua presença maciça. Levando-me ao seu lado, caminhamos.

Ele me leva pela casa, até o quarto e direto para o banheiro enorme. Ele abre a água e despe-se. Então, sem uma palavra, ele tira as minhas roupas antes de me puxar para o chuveiro. Eu posso ver a dor agarrada a ele, girando através de seus olhos. Isto dói em cada pedaço dele, tanto quanto dói em mim e ainda assim, ele empurra isso de lado. Ele tenta ser forte por mim.

Expirando, ele coloca shampoo em sua mão e lava meu cabelo, as mãos puxando os fios enquanto seus dedos massageiam meu couro cabeludo. Eu fecho meus olhos. A água quente corre sobre meu corpo enquanto suas mãos trabalham em tirar a espuma com a água. Quando o sinto dar um leve beijo no meu ombro, abro meus olhos.

"Sinto muito", ele sussurra. Eu não consigo dizer nada. Ele pega o sabonete e ensaboia as mãos, deslizando-as lentamente sobre a minha pele nua. Suas mãos deslizam sobre minhas pernas, braços e costas, meu pescoço. Meu peito fica apertado a cada carícia amorosa, cada toque suave. Ele beija minha bochecha, seu hálito quente atingindo minha pele.

“Vou arrumar isso, prometo...”, diz ele tão baixinho que eu nem tenho certeza se está falando para mim ou para si mesmo. “Você precisa descansar, Tor”, diz ele conforme reúne meu cabelo em suas mãos e torce-o fora da água. Jude me move em direção a porta e vai para baixo do chuveiro.

Abro a porta, pego a toalha grossa do gancho e envolvo-a em torno de mim conforme vou para o quarto e rastejo sobre a cama. Apenas me sento, dormente. Incapaz de pensar em qualquer coisa que não seja Cayla.

Quando Jude entra no quarto, ele dá uma olhada em mim e suspira. Ele veste uma cueca e atravessa o quarto, rastejando sobre a cama e sentando atrás de mim. Ele pega o meu cabelo e o coloca na toalha, secando-o. Depois de alguns minutos, ele puxa o edredom e deita, arrastando-me para baixo contra seu peito.

"Experimente tentar dormir, Tor", ele sussurra, dando um beijo carinhoso na minha cabeça.

Nós dois deitamos aqui em silêncio, mas a respiração do Jude nunca fica calma. Nenhum de nós vai conseguir dormir esta noite.

30 TOR

Cayla. Ela está bem na minha frente, nos braços de um estranho de quem não posso ver a cara. Meu bebê sorri largo e estende a mão para mim, mas o estranho vira e vai embora. Eu tento seguir, mas meus pés estão pesados, como se estivessem presos no cimento. O sorriso de Cayla desaparece e um olhar de pânico atravessa suas feições suaves.

"Cayla!" Eu grito, observando enquanto ela continua tentando me alcançar por cima do ombro do estranho, seu pequeno rosto se quebra de angústia conforme lágrimas correm por suas bochechas.

"Por favor," imploro fracamente conforme caio de joelhos. Eu observo quando o estranho leva meu bebê de mim e não há nada que eu possa fazer. Nem uma única coisa.

Um estrondo me tira do meu sono e sento-me ereta, puxando várias respirações profundas. A luz da tarde quente derrama através das portas abertas da varanda. *Quanto tempo estive dormindo?*

Outro estrondo me assusta e percebo que é alguém batendo na porta. Eu saio da cama, limpando as lágrimas do meu rosto enquanto abro a porta. Bem na porta está um homem vestido em um terno imaculado. Sua pele é pálida, o cabelo tão loiro que é quase branco. Ele parece que acabou de sair de um escritório em Nova York, em vez das ruas empoeiradas do México. Vagamente o reconheço como o homem que eu peguei se encontrando com Jude e Gabriel naquele café.

"Victoria", diz ele com um sotaque russo.

"Quem é você?"

"Boris", diz ele. É isso.

"Ok." Eu olho para ele com cautela. "O que você quer?" Não tenho nenhuma ideia de onde Jude ou Gabriel estão, mas não gosto desse homem aqui.

"Meu chefe gostaria de falar com você." Boris simplesmente me entrega um telefone e pego-o hesitante. "Vou esperar aqui", ele diz e eu aceno, fechando a porta antes de levar o telefone ao meu ouvido.

"A..Alô?"

"Ah, Victoria, como você está, minha querida?" O sotaque é russo. Articulado, quase sedutor.

"Já estive melhor. Quem é você?"

"Sou Ronan Cole e vou ajudá-la."

"Você é o chefe da máfia", digo.

"Isso me faz soar tão sinistro." Ele ri. "Pense em mim como um amigo na sua situação. Como eu disse, posso ajudá-la a ter sua filha de volta." Aperto o telefone por um momento em silêncio. Este é o russo, o homem que deixou até mesmo Jude preocupado. Isso significa que eu deva temê-lo, mas isso também significa que ele é poderoso... e o cartel é poderoso. Às vezes, você deve combater fogo com fogo, certo?

"Como?" É uma palavra - um convite, e sei que no fundo estou vendendo minha alma ao diabo, mas por Cayla, eu a daria num piscar de olhos.

"É simples", diz Ronan. "Muito, muito simples ..."

Horas mais tarde, estou meio dormindo novamente quando ouço a porta do quarto ranger aberta. A arma debaixo do travesseiro está na minha mão antes de um pensamento passar pela minha cabeça. Sento-me, apontando para a figura obscura na porta.

"Sou eu, Tor." Jude estica as mãos na frente dele e pisco, abaixando lentamente a arma.

Entre guardas armados em todos os lugares e os russos assustadores aparentemente aparecendo do nada, este lugar me deixa no limite. Eu deslizo a arma debaixo do travesseiro e deito de volta. Sei que Gabriel é amigo de Jude - seu aliado nesta luta - mas isso ainda é o cartel. Perdi Cayla porque confiei em

alguém com ela e essa experiência me ensinou que qualquer pessoa pode ser um espião. Qualquer um pode ser um inimigo. Esta é uma luta suja onde as regras não se aplicam e táticas dissimuladas mandam. Jude é a única pessoa que me permito confiar.

Eu observo Jude se movimentar pelo quarto, despir-se conforme faz o seu caminho para a cama. O colchão afunda com seu peso e, em seguida, o seu braço quente envolve minha cintura, me puxando contra seu corpo duro. Seus lábios roçam a parte de trás do meu pescoço e fecho os olhos, relaxando, por um momento, com sua capacidade de me fazer sentir completa. O vazio que passou a residir no meu peito ligeiramente se enrosca nos seus braços, porque, apesar de tudo o que aconteceu, Jude ainda é a outra metade de mim. E ele é a única pessoa que pode entender o que estou sentindo agora. Estou brava com ele, muito, mas estou cansada. Estou cansada de estar com raiva. Estou cansada desta turbulência. E agora tenho um plano. Vou segui-lo embora eu saiba que vai machucar Jude da mesma forma que vai me machucar, mas é necessário. Pela Cayla. Então por agora, não quero lutar com ele. Eu viro e ele me segura perto, acariciando seus dedos suavemente na minha bochecha.

Deslizo a palma da mão sobre seu peito, permitindo que o calor de sua pele se infiltre em mim. Ele pega a minha mão e enlaça seus dedos nos meus. Inclinando meu queixo de volta, procuro sua boca e suavemente passo meus lábios nos dele. Ele me beija suavemente, cobrindo meu rosto e correndo seu polegar ao longo da minha mandíbula. "Sinto muito, boneca", ele respira contra a minha boca.

Balanço a cabeça e pressiono meus lábios mais forte sobre os dele. Eu só quero me sentir conectada a ele uma última vez, porque nós dois sabemos que algum de nós pode não sobreviver a isso. As paredes estão pressionando sobre nós. Jude tem uma arma apontada para sua cabeça e ele está apenas esperando para ver quem vai puxar o gatilho. Eu me movimento na cama até que estou montando seu corpo. Minha língua dança sobre seus lábios e suas mãos enterram em meu quadril enquanto ele se senta, nos ficamos face a face conforme ele fica sobre mim.

"Tor..." ele geme contra meus lábios, suas mãos encontrando seu caminho para o meu cabelo.

"Apenas..." seguro seu rosto com as duas mãos, "faça-me sentir inteira de novo, Jude. Apenas por um momento."

Isso é tudo o que vou conseguir. Um momento. Uma memória. Eu quero ele - tudo dele - impresso no meu corpo e alma.

31 JUDE

"Faça-me sentir inteira de novo, Jude. Apenas por um momento", ela respira contra a minha boca, seu hálito quente sobre mim.

Porra. Enfio meus dedos em seu cabelo macio e beijo-a. Eu quero impedi-la, porque isso parece errado. Parece errado amá-la assim, quando a parte mais preciosa de nós se foi. Perdida.

Sua língua desliza entre meus lábios. Há uma sensação de desamparo e derrota, um desejo que sangra através deste beijo. E eu busco por ela. Como sempre fiz - mesmo nas situações mais erradas - busco por ela. Empunho seus cabelos, puxando sua cabeça para trás. "Porra, Tor."

"Eu só preciso..."

Seus dedos deslizam sobre meus braços, suas longas unhas cavando na minha pele como se ela precisasse disso para ficar firme. Aprofundo o beijo, deixando a raiva e violência carnificina rodopia através de mim como uma onda violenta até que me consome. Até que ela leva tudo embora. Minhas mãos rastejam debaixo de sua camisa, sua pele morna, lisa, tão perfeita contra a palma da minha mão. Seguro seu seio e gemo em sua boca enquanto ela lentamente se enrosca sobre mim.

Tor segura meu zíper e abre antes de puxar minha calça para baixo pelas pernas e jogá-la no chão. Sento-me e agarro-a, deslizando minhas mãos ao longo de sua espinha, lentamente, fazendo meu caminho para o seu pescoço. Seguro a parte de trás da sua cabeça, forçando seus lábios contra os meus em outro beijo. Profundo. Duro. Violento. Pego a cintura do seu short de pijama e arranco-o para baixo de suas pernas com sua calcinha. Assim que ela os chuta para fora, já está motando em mim de novo, agarrando meu pau duro e empurrando-o

dentro da sua buceta. Eu aperto minha mandíbula com um gemido porque essa mulher é boa pra caralho. Ela é tudo que eu poderia querer ou precisar. Ela me faz uma pessoa melhor só porque é louca o suficiente para me amar, e são em momentos como este que me pergunto que porra que eu fiz para merecê-la.

Eu aumento meu aperto sobre ela, forçando-a contra meu peito enquanto ela monta em mim. "Eu te amo pra caralho", respiro contra seu pescoço, beijando sua garganta antes de mordê-la. Ela joga a cabeça para trás e geme enquanto move suas mãos ao longo da minha lateral, meus braços, descansando-as no meu ombro. Sua cabeça ainda está jogada para trás, e aproveito este momento para observá-la, admirar a maneira como ela se move, então pego seu queixo e inclino sua cabeça para baixo. Cada empurrão é duro e lento, determinado. "Olhe para mim, Tor," digo e suas narinas abrem. "Tor..." Ela se move em cima de mim com mais força, seu aperto sobre meus ombros aumenta. Há algo aqui que parece tão desesperado, tão bravo e perdido. "Olhe para mim", digo novamente.

Quando ela finalmente abre os olhos, várias lágrimas rolam pelo seu rosto e ela cai para a frente, enterrando o rosto na curva do meu pescoço. Seus movimentos diminuem e seguro-a pela cintura, tentando tira-la de cima de mim, mas ela bloqueia as coxas em torno de mim. "Não", ela diz.

"Tor -"

Ela continua se mexendo em cima de mim, seu ritmo acelerando. "Foda-me, Jude, por favor", ela sussurra.

Respirando, eu a seguro e a jogo de costas, estabelecendo-me rapidamente entre suas coxas abertas e afundando nela lenta e profundamente. Ela olha para mim, com as mãos no meu rosto, seus olhos procurando os meus. Movo-me firmemente dentro dela, meus olhos se encontram com os dela. "Eu te amo", digo e ela engasga com um soluço.

"E eu te amo." Lágrimas caem pelo seu rosto. "Eu vou sempre amar, não importa o que aconteça. Saiba disso." Ela me puxa, beijando-me profundamente.

Não posso evitar e, honestamente, sob as circunstâncias me sinto muito culpado, mas meu pau reage a ela sem a minha permissão. Um raio de prazer

me rasga quente e rápido e eu gozo, gemendo contra seus lábios enquanto ela se agarra a mim. Seus dedos correm suavemente ao longo da minha mandíbula conforme descanso minha testa contra a dela e recupero o fôlego, então eu deito, puxando Tor no meu peito. Eu passo os dedos pelos seus cabelos. "Durma, boneca. Tente dormir", sussurro.

Seus dedos tecem um rastro sobre meus braços, traçando minhas tatuagens enquanto dá um profundo suspiro. Ela está caindo aos pedaços. Eu sinto e odeio isso, mas a verdade é: eu também estou. Cada momento que passa e Cayla não está aqui, rasga um pedaço do meu coração. Mas não posso deixar Tor ver isso. Eu tenho que ser forte por ela. Devo dar-lhe esperança, embora eu temo que não haja nenhuma. As coisas ficaram fora de controle e Ronan...não confio nele. Eu deveria, mas é difícil confiar em alguém neste mundo torcido de jogos de poder e armadilhas mortais. Só os tolos dão completamente a sua confiança a alguém. Só a porra de tolos.

32

TOR

Eu espero até as respirações de Jude acalmarem e ficarem pesadas de sono, então eu me sento, silenciosamente saindo da cama e vestindo algumas roupas. Eu me sinto mal por fazer isso, é claro que sim, mas o que mais posso fazer? O que estou fazendo pode parecer imprudente e desesperado, mas *estou* desesperada. Fico em pé à beira da cama e observo Jude dormir por um segundo. Seus cílios escuros sobre suas maçãs do rosto e as linhas duras e furiosas do seu rosto parecem muito mais pacíficas no sono. Eu me inclino e muito gentilmente roço meus lábios contra os dele.

"Tor", ele murmura em seu sono antes de ficar novamente em silêncio.

"Eu te amo", sussurro. "Mais do que você imagina." Sorrio com tristeza. Meu homem quebrado lindo, tão forte e feroz, tão leal. Eu me afasto, colocando meu celular no bolso de trás antes de caminhar até a porta. Calmamente, abro-a e deslizo para fora do quarto, pulando quando viro e encontro Boris encostado na parede.

"Jesus." Pressiono minha mão no peito. "Você tem que ficar parado aqui como uma trepadeira?"

Ele faz uma expressão vazia, antes de se virar e caminhar pelo corredor. Meu pulso bate erráticamente em meus ouvidos conforme eu o sigo. Os corredores estão escuros. Estou ansiosa, nervosa que a qualquer momento os guardas vão cair sobre nós. Quando chegamos o fim da escada, duas figuras emergem das sombras. Eu salto para longe, mas eles simplesmente aparecem atrás de nós e nos seguem silenciosamente. Presumo que devem ser russos.

Não é até que estamos perto da frente da casa que nos deparamos com alguns dos homens de Gabriel. Dois deles dão um passo à frente. "¿A dónde vas?", um deles diz, puxando a arma.

Boris já tem sua arma na mão e atira em ambos na cabeça, o pequeno *pop* do silenciador é o único ruído antes de seus corpos caírem no chão.

Eu ofego, pisando em volta dos dois homens e o sangue agora se espalhando rapidamente em todo o tapete. Dúvida começa a aparecer. Estes são homens do Gabriel, e Gabriel não está tentando nos ajudar? "Você tem que matá-los?" pergunto.

Boris olha por cima do ombro, seus olhos azuis arrepiantes encontrando os meus. "Eles não vão deixar a mulher do agiota escapar. De que outra forma você vai sair?" Solto uma respiração estável. Estou fazendo isso porque tenho que fazer, digo a mim mesma. Isto é por Cayla. E realmente, a vida de quem eu não sacrificaria pela de Cayla?

Quando piso fora da porta da frente, mais dois homens de Gabriel nos cumprimentam. Um leva um tiro, o outro tem um pescoço quebrado. Nós corremos pela entrada de carros onde um está esperando por nós. Sou enfiada dentro, os dois russos estranhos sentando de cada lado meu enquanto Boris enfia a cabeça dentro e me dá um sorriso de tubarão. "Adeus, Victoria Pearson," ele diz e bate a porta do carro.

O veículo anda. É isso. Minha escolha está feita. Não há como voltar atrás agora. No momento em que chegamos ao portão da frente os guardas já estão no chão, mortos. O portão está aberto e nós passamos sem um problema. Eu não tenho certeza se deveria estar apavorada ou admirada de como são organizados. Eles apenas fizeram sair de uma propriedade do cartel parecer um passeio no parque. E agora, eles sentam aqui, perfeitamente estóicos como se tivessem feito exatamente isso. Eu julguei Jude por ir para a cama com o cartel, mas *o que* eu fiz? Quem são essas pessoas com quem acabei de fazer um acordo? Eles podem ser piores do que os que têm a minha filha, mas tenho que arriscar.

Uma hora depois, estamos girando pelas colinas empoeiradas fora da cidade. A caminhonete sobe uma encosta íngreme salpicada de pequenas árvores e então eu vejo o portão aparecer na frente dos faróis. À primeira vista, parece abandonado, mas dentro de alguns segundos vários homens mascarados e armados aparecem, preenchendo a frente do portão de entrada. Meu coração

bate forte no meu peito conforme um medo muito real toma conta de mim. Eu não quero fazer isso. Estou com medo, mas não vou deixar Cayla e minha necessidade de estar com ela é mais forte do que qualquer medo que eu possa ter por mim.

"Estamos aqui," um dos homens diz antes de abrir a porta, sair, e esperar ao lado do carro por mim.

Eu respiro fundo e deslizo pelo assento para sair do carro. O chão é irregular debaixo dos meus sapatos, mas sinto como se estivesse tremendo. No segundo que a porta se fecha atrás de mim; várias armas são apontadas para mim. Ouço o motor do carro roncar, uma vez que se afasta. Pneus cantando quando os russos saem. Estou sozinha agora. Absolutamente, completamente sozinha.

Levanto minhas mãos em sinal de rendição enquanto cautelosamente caminho em direção ao portão. "Eu preciso falar com Lopez," digo. Os guardas não se mexem. Suas armas permanecem levantadas. "Eles estão com a minha filha."

Um dos homens, finalmente dá um passo para a frente e se move atrás de mim. "Andale", ele grita, apontando o cano da arma nas minhas costas. "Ande."

Os portões de ferro maciço abrem e sou escoltada até uma casa e um destino desconhecido. Luzes claras brilham ao longo do caminho e toda a área ao redor da casa é iluminada como o quatro de julho. Oliveiras pontilham o caminho que leva à grande porta de madeira da frente e uma série de carros velozes decoram o caminho de cascalho branco. O telhado é revestido de pedra e homens armados patrulham ao longo dele, parecendo mortais e vigilantes. Talvez eu devesse estar com medo, mas não estou. Tudo em que posso pensar é que Cayla está aqui. Estou tão perto da minha bebê.

A porta da frente range aberta e mais homens armados se apresentam, ficando de cada lado da porta enquanto sou empurrada para dentro. Logo depois da porta há um saguão de entrada com piso em mármore e lustres pendurados no teto. É bonito, como um palácio mexicano – coisas bonitas compradas com ações feias. Sou levada pela casa, por um corredor para uma porta. Um dos guardas a abre e o cara atrás de mim força a arma nas minhas costas enquanto

me empurra para dentro. Eu caio de joelhos. Antes que eu possa levantar, a porta é fechada, a tranca clicando atrás de mim. Ficando em pé, olho ao redor do grande quarto. Há uma cama no meio, uma cômoda e um armário aberto, cheio de longos vestidos brancos. Viro-me e testo a maçaneta da porta, suspirando quando a encontro trancada. *Um quarto ou uma cela de prisão?*

"Olá?" Grito. "Eu quero ver Lopez." Silêncio. "Preciso ver a minha filha." Sem resposta. Eu fecho meus olhos e inalo.

Ok, preciso apenas me acalmar. Eu vim aqui para Cayla, mas este é um território inimigo. Tenho que ser paciente e esperar. Devo jogar pelas suas regras e os seus métodos, porque, honestamente, que outra opção eu tenho? Isso não é o mesmo de quando fui capturada por Jude. Eu podia ver que Jude realmente não iria me machucar, ou talvez fosse Caleb... sempre soube que ele tinha Caleb como sua bússola moral. Mas isso é diferente. Esses homens não têm moral. Eles sequestram crianças, pelo amor de Deus e não tenho dúvida de que matariam Cayla se isso servisse às suas necessidades.

Sento-me na beirada da cama, apoiando a cabeça em minhas mãos. A sensação de mal estar no meu estômago me diz que eu cometi um erro grave vindo aqui, mas como isso pode estar errado? Cayla está aqui e viva ou morta, perigoso ou não, vou estar com ela. Nunca irei abandoná-la.

As palavras de Ronan tocam nos meus ouvidos quando penso sobre o que preciso fazer. Meu coração aperta dolorosamente, mas afasto a dor para longe. Estou fazendo o que devo – é a única coisa que posso fazer pela minha filha. Eu não sou estúpida, isso é o cartel. Você não sobrevive ao cartel, então tenho que comprar nossa liberdade com a única coisa que tenho para oferecer.

33

JUDE

O sol quente entra pela janela e eu rolo para o meu lado para escapar dele. Eu estico o braço para Tor, mas sinto apenas lençóis frios. Abro os olhos e vejo o espaço vazio enquanto sento grogue e balanço minhas pernas sobre a borda da cama. Vou cambaleando para o banheiro, apoiando uma mão contra a parede para me equilibrar conforme minha ereção matinal diminui para eu urinar.

"Besteira do caralho!" Ouço Gabriel gritando no corredor. "Besteira do caralho."

Eu termino de mijar e corro para fora do quarto, através da casa para a sala de estar. Daqui posso ver Gabriel e Marney em pé sobre dois homens. Seus corpos jazem esparramados no chão ao lado da porta e há uma poça de sangue seco no tapete. "Onde está Tor?" Digo com um rosnado profundo, minha pressão arterial subindo com cada respiração. Gabriel olha para mim e vejo em seu rosto. "Ela..." passo minha mão pelo queixo antes de apontar para os homens mortos. "Ela fez essa porra?"

Por que diabos ela teria feito isso? Por que ela... Inalando, cerro os punhos e caminho através da cozinha para o fundo. "Tor!" Grito. "Tor?"

Abro as portas francesas para o pátio, a agitação repentina fazendo os pássaros voarem. "Tor!" Eu grito, mas encontro apenas um silêncio ensurdecedor. "Merda." Bato meu punho contra a parede de estuque, dor correndo através dos meus dedos. Ela foi embora. Foi sobre essa merda a noite passada. "Droga," respiro conforme viro e corro de volta para a casa. "Gabe!" Eu grito enquanto sigo pelo corredor. "Sei que ela foi para a porra do cartel para tentar pegar a Cayla."

Gabriel sai para o corredor, geme e joga a cabeça para trás. Marney vem rastejando pelo corredor. "Deveria saber que ela iria fazer algo assim", diz ele. "Ela está determinada a conseguir a bebê de volta."

"Ela vai conseguir as duas mortas, porra" grito assim que Boris aparece na porta com dois homens de cada lado dele. Ele tem um sorriso malicioso no rosto. *Foi ele.* "Seu filho da -" corro até ele, empurrando as palmas das mãos contra seu peito e ele contra a parede antes de socar meu punho na lateral do seu rosto. Seu lábio se divide. Sangue escorre da ferida fresca pelo queixo pálido. Eu puxo minha arma da cintura da calça e levanto-a conforme miro na cabeça redonda de Boris.

Os homens do Boris levantam as armas em mim. Meu dedo coça sobre o gatilho. "Diga-me porque," exijo.

Ele olha friamente para mim. Ouço o clique de outra arma. Agora Gabriel tem uma apontada para ele, também. "Você matou meus malditos homens." O olhar de Gabriel balança entre Boris e eu conforme ele aponta um dedo. "Eu te disse que não queria trabalhar com o russo e é por isso. Traição pelas costas é foda." Gabriel dá um passo à frente, empurrando a arma contra a têmpora de Boris.

"Não seria sensato atirar em mim." Boris suspira. "É tudo parte do plano."

"Parte do..." levanto minhas mãos e seguro minha cabeça, o metal frio da arma que estou segurando queimando através da minha pele. "Que porra de plano, Boris?" Olho para seus homens que ainda têm as armas levantadas.

"O plano de Ronan", diz Boris. Eu fico olhando para ele, Gabriel amaldiçoa baixinho, chutando a parede conforme abaixa sua arma. Os homens de Boris ainda não abaixaram as deles. "Ele sabia que você não iria concordar com isso."

"Sério?" Resmungo. "Que gênio ele perceber que não estaria disposto a deixar a minha mulher entrar no cartel." Eu viro para enfrentar Gabriel. "Leve-me para Jesús."

"O caralho que não, você perdeu a cabeça, ese."

Aponto a arma novamente, desta vez para Gabriel. "*Leve-me* para a porra do Jesús." Meus dentes rangem quando a raiva se afasta, rasgando de mim

qualquer mínimo pensamento racional que me resta. Eu colocaria rapidamente uma bala na cabeça de cada filho da puta que está nesta sala agora.

"Jude..." A voz de Marney vem atrás de mim. Eu pulo quando sinto sua mão fria, carnuda, no meu braço, baixando lentamente a arma. "Isso não vai te fazer nenhum bem."

Boris limpa a garganta e se afasta assim que outro dos russos entra na sala com um laptop aberto. Boris o pega com um aceno de gratidão e coloca-o em seu braço. Lá, na tela, está a porra do Ronan.

"Ah, americano... e o mexicano", diz Ronan. "Todo mundo está aqui." Ele sorri, colocando um charuto entre os lábios.

"Foda-se!" Eu grito, cuspe voando da minha boca. É tudo que posso dizer para a porra do viado sentado lá na Rússia.

"Eu sinto muito." Ele suspira. "Mas fiz o que nenhum de vocês poderia fazer. Fiz um plano. Victoria entende que sacrifícios devem ser feitos."

"Você vai nos dizer essa porra de plano?" Pergunto. Tudo o que posso ouvir é o sangue pulsando em meus ouvidos enquanto um calor selvagem me consome.

"É simples, Victoria levará Jesus para você em um local acordado. Montamos uma armadilha e matamos todos eles." Ele dá de ombros. "Tudo que você tem a fazer é esperar a ligação dela."

Minhas narinas dilatam. "Por que diabos você iria mandar *ela*? De todos daqui você manda a minha mulher, seu doente do caralho. Juro por Deus que se eu vê-lo novamente vou cortar sua garganta, filho da puta."

"O americano está muito irritado." Ele sorri. "Mande ela porque tem a razão mais convincente de todas: amor de mãe."

Engolindo em seco, olho para a tela.

"Seu idiota da porra", murmura Gabriel. "O cartel não dá a mínima para o amor de uma mãe."

Ronan ri. "Ah, meu amigo. Talvez não, mas eles vão comprar o fato de que Victoria está disposta a pendurar seu amado para secar em troca da sua doce filha." Ele sorri como o bastardo doente ele é. "Você sabe que eles vão matar

todos vocês a menos que os matem. Esta é a única maneira." Seus olhos piscam com um tipo de loucura que nunca vi antes. "Cilada", ele ri.

"Ele está louco, ese", sussurra Gabriel. Há uma pausa. Eu não tenho nenhuma dúvida de que Tor iria cooperar com este plano, e não tenho dúvida de que ela será convincente. Eu a vi fazer isso antes, mas... "E se eles enxergarem através disso?" Pergunto.

"Eles iriam enxergar através disso se fosse uma *mentira*..." Essa palavra paira no ar. "Mas sua mulher não acha que é uma mentira. Ela realmente vai fazer *qualquer coisa* pela filha de vocês, americanos. Até mesmo vender seu único e verdadeiro amor." Ele levanta a sobancelha e sopra fumaça através de seus lábios.

Eu luto com a sensação de asfixia fazendo seu caminho até minha garganta. Eu luto com a dor ameaçando me consumir. Eu quero matá-los todos - Ronan, Boris, Jesús... o meu aperto sobre a arma aumenta. Meu dedo brinca com o gatilho. Parte de mim está destruída com o fato que Tor iria me entregar, mas a parte maior de mim está orgulhosa pra caralho. As únicas coisas que importam para mim são ela e Cayla. Eu sei que ela fez isso para salvar Cayla, só queria que ela tivesse me contado. Meu coração bate violentamente contra o peito, suor corre sobre a minha testa, e exalo uma respiração profunda.

"Não fique chateado meu amigo", diz Ronan. "Ela é uma boa mulher."

Rosnando, pego o laptop das mãos de Boris e lanço-o contra a parede. A tela racha e divide, pedaços de plástico voam por toda parte. Boris bufa e balança a cabeça antes de se virar e caminhar pelo corredor.

"Isso é a porra de uma besteira," grito, olhando para Marney e Gabriel.

Gabriel caminha para o meu lado, batendo a mão sobre meu ombro. "Ele tem essa teia tecida com tanta força, de qualquer lado que vire você está fodido."

34 TOR

Eu sento na janela e vejo o sol rastejar lentamente para o céu. Eles me deixaram aqui a noite toda. O que eu esperava realmente? Peguei meu colar, segurando o pequeno pingente de beija-flor que instantaneamente me faz pensar em Jude. Eu olho para o pátio abaixo, observando conforme homens passam como um relógio, armas jogadas sobre as costas e cães de guarda em seus calcanhares.

Finalmente, a porta do meu quarto se abre. Um homem com uma arma aparece na porta e balança a cabeça em um gesto para eu segui-lo. Seguro meu vestido nas mãos enquanto lentamente sigo até a porta. No momento em que passo ao lado dele, sua mão envolve meu braço em um aperto forte. Ele me conduz através da casa até chegar a uma porta que leva para fora.

O sol da manhã me cega conforme nós caminhamos ao redor da lateral da casa para um grande terraço. Entre os raios brilhantes, eu mal posso distinguir a silhueta de um homem sentado na beira do terraço. O cara com a arma me solta, me empurrando para frente com força suficiente para eu cambalear. Eu me arrumo conforme tropeço para a sombra do caramanchão coberto de flores e me aproximo do homem sentado calmamente em uma cadeira de vime com um jornal no colo. Seu cabelo grisalho está úmido e escovado para longe do seu rosto. Ele se parece com qualquer empresário normal em sua camisa e calças de linho branco. Quando me aproximo, ele olha para cima do jornal e olha para o homem atrás de mim.

“La Esposa del corredor de apuestas,” o homem ri por cima do meu ombro.

O homem na cadeira sorri enquanto acena para o outro cara distante. Eu fico nervosa, meu coração batendo forte conforme seus olhos escuros e inteligentes correm sobre mim. Apoiando o cotovelo no braço da cadeira, ele bate o dedo

indicador sobre os lábios. "Victoria Devaux, em carne e osso", ele fala arrastado, seu sotaque quase imperceptível. "Ou é Pearson?"

"Jesús Lopez, eu presumo?" Digo, tentando parecer calma, embora não esteja nem um pouco.

Ele fica em pé e lentamente se aproxima de mim, seu sorriso alargando a cada passo. Ele para na minha frente e olho para ele. Ele é alto, mas não tão alto ou largo como Jude. O forte cheiro do seu perfume domina meus sentidos quando ele pega uma mecha do meu cabelo, enrolando o fio em torno de seu dedo. "Jude Pearson e Gabriel Estrada revelaram-se um grande incômodo nestas últimas semanas. Perdi meu irmão e um dos meus homens em suas mãos, e o chefe - bem, Domingo quer seu filho de volta e suas cabeças em estacas. Andrea é a única razão deles ainda estarem vivos. Você entrou no meio de uma guerra señorita. Quão *desesperado* Pearson deve estar para enviar sua mulher."

Dou um passo cauteloso para trás, meu cabelo caindo de suas mãos. "Ele não sabe que estou aqui", minha voz treme.

"Então", ele levanta uma sobrancelha, "por que você *está* aqui?"

Meu temperamento borbulha perigosamente. "Porque você pegou minha filha!"

Ele ri, o sorriso nunca deixando seu rosto. Ele aponta para uma das cadeiras. "Por favor, sente-se."

Eu sento em uma cadeira de vime conforme Jesús senta ao meu lado. Daqui eu posso ver um único homem na soleira das portas duplas francesas que levam de volta para a casa. Por alguma razão, sinto um pequeno conforto em sua presença. Jesús se inclina para trás, cruzando lentamente uma perna sobre a outra. "Eu realmente peguei sua filha, señorita. Não é pessoal. Apenas negócios."

Aperto os braços da cadeira com tanta força que posso sentir minhas unhas dobrando e gritando em protesto. "Ela é minha filha. Não há como ser mais pessoal", digo com os dentes cerrados.

"Pearson fez alguns amigos perigosos." Ele levanta um ombro antes de levantar uma xícara de café da pequena mesa ao lado dele. "Gabriel Estrada",

ele suspira e inclina a cabeça para o lado. "Esse é um problema. É um problema para mim, o que significa que é um problema para o seu homem e agora... você."

"O que você quer?"

"Ah, chiquita", ele sorri. "Nunca pergunte a um homem poderoso o que ele quer." Ele toma um gole do seu café. "A resposta é sempre mais poder."

"E como pegar minha filha dá isso?"

Ele coloca o café de volta na mesa e pega um charuto. Ele o coloca entre os lábios e acende. Espero enquanto ele inala uma fumaça, fechando o isqueiro. "Não é da sua conta. Você está aqui agora." Um sorriso curva seus lábios. "Seu erro vai jogar a meu favor." Ele se inclina sobre o braço da cadeira e segura meu queixo. Seu polegar passa em meus lábios e bÍlis sobe na minha garganta. "Espero que Pearson venha por você, chiquita", ele sussurra. "Seria uma vergonha se eu tivesse que ... *motivá-lo*."

Meus pulmões vacilam por um segundo enquanto uma onda de memórias de Joe inundam minha mente. Esta não será a primeira vez que eu sofro coisas horrÍveis nas mãos de um dos inimigos de Jude. Mas isso não é por Jude, é por Cayla.

"Eu quero ver minha filha", sussurro através da minha garganta apertada. Jesús olha para mim por um momento antes do seu olhar cair para meus lábios. Eu engulo em seco. Sei que é tudo tática de intimidação, mas não posso evitar, fecho os olhos e começo a rezar. Entrei aqui por Cayla. Eu sei o que precisa ser feito para tirá-la daqui, mas tudo isso é um jogo para homens como Jesús. Se eu mostrar minha mão muito cedo, perco antes mesmo de começar. Depois de um momento, Jesús bufa uma risada e me solta. Seus dedos estalam. Abro os olhos, meu estômago revira conforme assisto o homem em pé nas portas francesas virar e ir embora.

"Você é tola em vir aqui, chiquita, tola, mas valente", diz ele, inalando o charuto. "Eu posso apreciar ambas as qualidades em uma mulher."

"Sou mãe."

Fechando os olhos, ele inclina a cabeça para trás antes de soltar uma longa fumaça. Quando baixa o queixo, seus olhos estão abertos. "Crianças são apenas

uma lâmina no coração, não são? Uma fraqueza incapacitante. Tão inocentes, tão preciosas."

Uma sensação horrível corre sobre mim e sinto como se existissem milhares de pequenas aranhas com pernas espinhosas rastejando sobre mim. Jesús ainda está sorrindo para mim quando detecto o movimento na minha periferia. Viro-me na cadeira assim que uma mulher põe os pés no terraço, o vestido branco comprido - igual ao meu - soprando em torno de suas pernas. E nos seus braços, está Cayla. Meu coração ameaça pular do meu peito enquanto pulo, derrubando a cadeira conforme corro para ela.

"Mamãe! Mamãe!" O rosto de Cayla acende quando ela me alcança e no segundo que ela está em meus braços, meu coração pode bater corretamente de novo. Ela envolve seus braços no meu pescoço e eu inalo o cheiro do seu cabelo.

"Está tudo bem, baby. Sinto muito que deixei você", digo. Ela descansa a bochecha no meu ombro e luto contra as lágrimas com o alívio de senti-la em meus braços novamente quando nunca pensei que iria.

"Milla", diz ela, levantando a cabeça e apontando para a mulher que estava a segurando.

Os longos cabelos de ébano da mulher, caem em seu rosto e por cima do ombro em ondas grossas. Seus olhos estão focados no terraço e as mãos suavemente atrás das costas como se houvesse uma tristeza presa a ela.

"Obrigada", digo em voz baixa. "Por cuidar dela."

Ela levanta a cabeça e seus olhos turquesas encontram meu olhar. "Por nada", diz ela, sorrindo suavemente para Cayla enquanto se vira para sair.

Jesús caminha atrás de mim e limpa a garganta. "Você será uma convidada na minha casa."

Viro-me para encará-lo, agarrando Cayla com mais força. "Uma convidada?"
Uma prisioneira.

"Chame do que quiser, então." Seus olhos vão para Cayla e um sorriso torcido puxa seus lábios. Ele ri, acenando com a mão no ar. "Uma gaiola sem barras - pelo menos até seu homem fazer seu movimento." Ele passa a mão sobre a

cabeça de Cayla e afasto-a para dele. "Uma criança tão bonita", diz ele. "Seria uma pena machucá-la."

Um arrepio corre através do meu corpo. Ele dá um último sorriso antes de se virar e ir embora, há muita fumaça ao redor dele enquanto desaparece através das portas francesas. Eu fico no terraço, sem saber o que fazer. Sento na cadeira, segurando Cayla, olhando-a para me tranquilizar de que ela está bem.

Ela se contorce no meu colo. "Papai...", ela lamenta.

Eu seguro as lágrimas. "Oh, baby. Papai não está aqui." Ela parece tão de coração partido e isso acaba comigo. "Ele está... está com o tio Marney." Quero dizer a ela que vai vê-lo em breve, que não vai demorar muito, mas não posso mentir para ela. Eu beijo sua testa e seguro suas bochechas. Ela é tão jovem, tão alheia aos perigos que a rodeiam. Eu queria que tivesse apenas um toque de sua inocência feliz. Tudo o que posso fazer agora é sentar e esperar para jogar a minha mão, esperando que seja boa o suficiente para apostar neste jogo de vida ou morte.

35

JUDE

Gabriel está no telefone gritando sobre armas e cocaína. Um de seus caras está sentado na mesa da cozinha comigo, arma sobre a mesa. Isso é besteira. Gabriel me tem basicamente refém. Este troglodita sentado à minha frente observa cada movimento meu, porque Gabriel tem medo que eu vá ter um rompante e começar uma guerra de cartel... embora, eu sinta que a guerra já começou. Marney sai da cozinha e vai até a mesa com uma xícara de café e jornal. Ele senta e abre o jornal enquanto toma um gole lento.

"Marney, que porra você está fazendo?" Pergunto. "Você não sabe falar espanhol e muito menos ler?"

Ele espreita pelo lado do jornal e levanta uma sobrancelha enquanto toma outro gole de sua caneca. "Eu tenho que ler o jornal com meu café. É ritual, além do que, há imagens-" ele dobra o jornal para trás e aponta para uma foto de sacos de cadáveres ao longo das ruas. "Um lugar violento se me perguntar. Mmm-mmm-mmm." Ele balança a cabeça e retoma - qualquer merda que ele esteja fazendo com esse jornal.

Gabriel invade a cozinha, com o rosto vermelho-sangue. Ele para perto da mesa e bate os dedos sobre ela antes de travar seus olhos comigo. "Lançadores de foguetes do caralho?" Gabriel balança a cabeça. "Eu acho que o russo vai explodir Juárez City."

"Tem sido um dia e tanto, Gabe," eu digo. "Um dia inteiro do caralho." Tudo o que ele faz é concordar. "Eu não gosto de simplesmente sentar minha bunda aqui enquanto a minha mulher e filha estão com a porra do cartel."

Gabriel esfrega a mão sobre sua mandíbula. Marney resmunga algo baixinho. Boris entra na sala sussurrando no telefone em russo. Eu olho para ele, meu temperamento aumentando perigosamente. Não confio nele. Não confio em Ronan. Porra, às vezes eu nem confio em Gabriel. Boris desliga a ligação e olha para mim.

"Que porra vocês estão fazendo sobre essa merda?" Pergunto, meus músculos tensos.

"Nós estamos trabalhando nisso."

"Tem sido um dia da porra e a merda não aconteceu." Eu levanto e vou em sua direção. Ele olha friamente para mim. "Que diabos está acontecendo? Como vocês sabem que ela está segura?"

"Nós não sabemos."

Sangue pulsa nas minhas veias enviando uma onda de raiva sobre mim. Minha visão mancha. Minha garganta apertada. Cada um dos meus sentidos está no limite. Eu olho para ele, para a porra do seu sorriso presunçoso. Ele é um vendedor ambulante do Ronan e é sua culpa que Tor está desaparecida. É culpa dele que eu posso perder minhas duas meninas. É a porra da sua culpa que estou sentado aqui com o meu polegar enfiado na minha maldita bunda incapaz de fazer a porra de alguma coisa para encontrar minha família. Sem hesitar, puxo a minha arma, destravo-a e antes que o saco de merda possa piscar um olho, eu puxo o gatilho. Sangue se espalha na mesa. Uma sensação de alívio eufórico corre sobre mim conforme eu vejo Boris cair no chão, seu sangue derramando sobre o azulejo e manchando a argamassa.

"Você..." Gabriel geme e joga a cabeça para trás. "Ai, ai, ai caralho, ese." Ele balança a cabeça enquanto fica em pé sobre o corpo de Boris. Gabriel olha para mim, suspira e sai murmurando baixinho.

Marney olha sobre o jornal assistindo Boris sangrar. "Eu não gostava muito dele de qualquer maneira", diz ele antes de virar o jornal de volta para cima e tomar seu café.

Gabriel grita para um de seus homens conforme volta para a cozinha. "Tinha que atirar nele, huh, ese?", ele diz, enquanto coloca a mão no meu ombro.

Eu me viro para encará-lo e sinto uma pitada aguda no meu pescoço. O gosto amargo de metal enche minha boca conforme uma sensação de formigamento quente desce pelo meu pescoço e através do meu braço antes de tudo ficar preto.

36 TOR

Eu estou sentada na cama no mesmo quarto que estive hospedada durante as últimas vinte e quatro horas. Não estou trancada, mas não quero sair deste quarto. Cayla está começando a ficar inquieta, mas não vou começar a andar ao redor do complexo. Há uma batida leve na porta antes dela se abrir e a mulher bonita que vi naquele primeiro dia desliza através da abertura na porta.

"Milla, Milla", grita Cayla.

A menina sorri grande para ela, um sorriso perfeito, ofuscante. "Ángel bonito", ela murmura antes de olhar para mim. "Eu sou Camilla", diz ela.

"Tor." Ela é uma das pessoas de Jesús. E não importa o quão boa ela possa parecer, isso significa que eu não confio nela.

Camilla inclina a cabeça para o lado e, em seguida olha por cima do ombro em direção à porta. Ela balança a cabeça para o lado do quarto antes de entrar no banheiro e esperar perto da porta. Eu pego Cayla e sigo-a. Ela suavemente fecha a porta atrás de nós antes de ir para o chuveiro e abrir a água.

"Há olhos e ouvidos em todos os lugares", diz ela calmamente. Eu estreito meus olhos, observando-a com cautela. "Você é a mulher do xxxagenciador?"

"Sim."

Ela inclina a cabeça ligeiramente. Há um momento de silêncio, onde o único som ecoando ao redor do banheiro é o ruído da água pulverizando o chão do chuveiro. "Gabriel não lhe disse sobre mim?"

"Gabriel?" Estou tão confusa.

Ela revira os olhos. "Es un idiota", ela suspira. "Gabriel é o meu irmão."

"O que?" Meus olhos arregalam. Eu não percebi antes, mas agora que olho para ela, Camilla é apenas uma versão mais bonita do seu irmão. Olhos azul-

turquesas. Nariz definido. Eu ainda estou cautelosa, no entanto. Isto tudo pode ser apenas uma armadilha para me desviar.

"Quando Domingo pegou Juárez City de Gabriel," sua voz cai para abaixo de um sussurro, "Sinaloa me levou como refém. É um truque para manter o meu irmão na linha." Seus olhos pulam nervosamente para a porta do banheiro. "Eu posso falar com Gabriel." Fico olhando fixamente para ela. "É por isso que eles lhe enviaram, não é?"

Eu passo uma mão entre os fios com nós do meu cabelo. Cayla se funde em meus braços e mudo-a para meu outro lado. "Eu...não exatamente." Ela franze a testa. "Jude nunca teria me deixado vir aqui", digo. "Ele acha que eles vão me matar, mas eu precisava estar com ela. E até agora, Jesús..."

Ela balança a cabeça. "Jesus é um homem cruel e Domingo ainda mais. Domingo administra o Sinaloa da prisão. Seu alcance é grande e ele não hesitará em pedir a sua morte, se lhe convir." Dou uma respiração instável conforme meu peito aperta. "Não os subestime, e não aceite qualquer bondade sem motivação", diz ela. "Você precisa escapar."

Escapar? Oh sim, com certeza. Vou simplesmente passar pelos guardas armados e, em seguida, atravessar o deserto com uma criança de dois anos de idade.

"Eu não posso", digo. "Vim aqui para - eu tenho um plano."

"Seja o que for, tenha cuidado." Ela dá um passo para perto de mim, acariciando os dedos sobre a bochecha de Cayla. Cayla olha para ela com adoração. "Vou ajudar a protegê-la a todo custo." Camilla beija a cabeça de Cayla antes de se afastar, abrir a porta e sair do quarto.

Cayla está dormindo no meio da cama. Ando na ponta dos pés até a porta e abro-a, deslizando para fora e fechando a porta atrás de mim. Coloco a chave no bolso e me aventuro pelo corredor. Estou aqui há dois dias e dois dias é tempo

suficiente. A cada hora que passa, a probabilidade de Cayla e eu sairmos daqui fica menor. O tempo não é nosso amigo.

Ronan disse para esperar alguns dias, que eu precisava esperar e fazer Jesús pensar que esta era uma manobra de desespero. É uma manobra de desespero, por isso não deve ser muito difícil convencer Jesús. Ando pela casa, cada guarda que eu passo olha para mim, sussurrando. Entro em um grande salão com uma lareira, finalmente tropeçando em um homem desarmado.

"Jesús?" Pergunto-lhe.

"Si." Seus olhos descaradamente correm sobre mim antes que ele se vire e me conduza através de um corredor.

Todos os homens aqui olham para mim como um pedaço de carne, e tão irritada quanto isso me deixa, não posso fazer nada sobre isso. Tudo o que faço aqui deve ser cauteloso, porque, honestamente, a única coisa mantendo Cayla e eu vivas é o fato de que eles querem Jude.

O homem para na frente de uma grande porta de madeira, batendo antes de empurrá-la aberta para Camilla sentada na mesa de Jesús. Seu vestido está agrupado em torno de sua cintura e as pernas em volta do quadril de Jesus. As mãos grandes dele vagueiam sobre o corpo dela conforme eles se beijam. Jesús olha por cima do ombro de Camilla e levo imediatamente os olhos para o chão. "Sinto muito. Eu...uh..." gaguejo sem jeito conforme saio de volta para fora da sala, esbarrando no guarda no corredor.

"Victoria", Jesús diz lentamente, "entre." Eu congelo por um momento. Um tremor de desgosto vem para cima de mim, enquanto me pergunto se é assim que ele trata todos os seus prisioneiros?

Eu entro na sala conforme Camilla puxa seu vestido de volta no lugar. Ela pula para baixo da mesa e dá a volta dela, seu quadril balançando a cada passo. Tudo nela é exótico e sensual. Eu não estou surpresa que Jesús a queira, mas não posso evitar, me pergunto se Gabriel sabe que sua irmã está dormindo com o inimigo. Talvez ela esteja fazendo isso para se aproximar, para dar informações a Gabe? Jesús agarra seu braço, impedindo-a no meio do caminho e colocando o braço em volta da cintura dela antes de beijar seu pescoço. Ela sorri para ele,

e parece tão genuíno. Ele dá um tapa em sua bunda e ela sai com seu olhar treinado no chão.

"Victoria", diz Jesús, dirigindo sua atenção para mim. Ele se reajusta e eu luto contra a bile subindo na minha garganta. "Por favor sente-se." Ele se move para trás da mesa e cai na cadeira, alisando a mão na frente da sua camisa branca.

Eu sento em frente a ele e cruzo as pernas. Meu vestido longo envolve meus tornozelos, mas a frente cai para baixo, expondo muito o decote. Não perco o jeito que ele olha - a apreciação em seus olhos. Eu me sinto como um cervo pego na mira de um predador, o que significa que tenho que fazer isso rápido. Sei muito bem que homens como ele tomam o que querem. Eu tenho uma fileira de marcas pelas minhas costas para mostrar isso.

"O que posso fazer por você, chiquita?" Sua voz é atada com implicação e o sorriso que puxa os cantos de seus lábios apóia essa teoria.

Eu limpo minha garganta. "Quero fazer um acordo com você", digo.

Jesús joga a cabeça para trás, uma risada profunda retumbando de seus lábios. "Você tem cojones, eu devo te dizer isso, chiquita. E você é uma coisinha muito bonita." Seus olhos encontram os meus, seu rosto fica sério. "Mas sugiro que você não me teste."

Meu coração bate forte enquanto tento e forço as próximas palavras pelos meus lábios. *Você não tem escolha. Você não tem escolha.* As palavras soam através de meus ouvidos mais e mais. "Você quer Jude," digo e seus olhos escuros estreitam com interesse. "Eu posso te coseguir Jude."

Seus lábios enrolam em um sorriso irônico novamente e ele se inclina para frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa. "Interessante", ele brinca. "Você trairia seu próprio homem?" Ele pega um charuto de um cinzeiro de mármore em sua mesa, colocando-o entre os lábios. Eu observo quando ele acende um fósforo e o segura com cuidado, dando baforadas enquanto acende o charuto.

"Sim."

Ele balança a mão, apagando o fósforo enquanto dá um puxão profundo no charuto e me encara. "Agora, por que você faria isso?"

Eu me inclino na mesa. "Nós dois sabemos que eu e minha filha estamos ficando sem tempo. Não sou burra. Nós servimos a um propósito, somos a garantia agora, mas no momento que isso continuar por muito tempo, vamos servir como uma mensagem", digo. Ele inclina a cabeça para o lado e sorri. "Eu amo Jude, mas Cayla é minha filha. Não há nada que eu não sacrificaria por ela."

"Hmm." Seus olhos brilham enquanto seu olhar se arrasta sobre o meu corpo, "O que você propõe?"

"Posso levar você ao Jude. Você pode enviar homens para matá-lo, e, em troca, deixe eu e minha filha irmos."

"Você iria trair o homem que você ama?"

"Eu iria sacrificá-lo por ela," digo. Ronan estava certo, este é o *único* caminho.

Ele se senta, em silêncio, fumando seu charuto enquanto me estuda. "Não", ele diz. Uma palavra que faz meu coração galopar através do peito porque é isso. Este é o plano e é tudo o que tenho. "É muito arriscado, Victoria Pearson."

"Eu juro, nunca direi uma palavra sobre isso. Por que eu o faria quando você pode simplesmente me encontrar e me matar?"

Ele bate seu charuto na beira do cinzeiro. "Normalmente, eu diria que sim, mas você..." ele aponta para mim, "ainda é procurada pelo FBI. Eles estão procurando por você, e não gosto disso. É muito perigoso."

Tentando pensar rápido, esfrego minha mão sobre a testa. Alguma coisa. Qualquer coisa. "Então mande Cayla embora... a minha irmã. Minha irmã não sabe de nada deste mundo. Mande Cayla para ela. Eu levo você para Jude. Mate-me. Mate-o. Apenas deixe minha bebê ir." Eu travo os olhos com ele, esperando que haja apenas um traço de humanidade neste homem monstruoso. "Por favor," imploro, sabendo que ele pode ouvir o desespero na minha voz.

Meu coração pula, minha cabeça flutua em um calor estonteante. Ele respira fundo e se recosta na cadeira, juntando os dedos. "Vou considerar sua proposta. Seria uma pena matá-la, no entanto, chiquita", ele ronrona. Eu fecho meus olhos, respirando calmamente pelo nariz antes dos meus olhos piscarem abertos, o meu olhar batendo contra o dele.

"Desde que minha filha esteja a salvo..." Deixo as palavras suspensas no ar. O pensamento do que ele está me pedindo envia uma onda de repulsa rastejando através de mim. O simples fato é que eu posso sobreviver a qualquer coisa desde que eu saiba que Cayla está viva e segura.

Jesús levanta, escovando sua camisa conforme contorna a mesa. A cada passo que ele dá, meu pulso bate mais forte. Eu não quero ele perto de mim. Ele para na minha frente e fico em pé, não querendo estar inferior a ele e em desvantagem. Ele pega meu rosto e me leva para mais perto dele. Seus dedos apertam minha mandíbula com tanta força que não posso evitar, mas gemo. Eu fecho os punhos, permitindo que minhas unhas cortem minha mão em uma tentativa de evitar afastá-lo. *Por Cayla. Isto é por Cayla.* Sua respiração de charuto paira sobre meu rosto e de repente me sinto doente. Fechando os olhos, engulo fortemente conforme seus lábios roçam os meus. Eu não me movo, simplesmente fico parada. Submissa a ele, porque é isso que ele quer. Seus dedos cavam mais forte no meu rosto enquanto sua língua passa contra os meus lábios.

"Você pode fazer melhor do que isso, Victoria", ele ronrona. "Eu pensei que você quisesse que sua filha vivesse."

Lágrimas quentes picam meus olhos, mas eu as forço para baixo e abro meus lábios para permitir sua língua dentro da minha boca. Sinto-me suja e mutilada da pior maneira conforme a culpa pelo que estou fazendo com Jude corrói meu estômago. Jesús finalmente se afasta de mim, rindo, antes de levar os lábios na minha orelha.

"Posso ver por que seu xxxapostador gosta tanto. Posso simplesmente absorver você em sua oferta, talvez fazê-lo me ver tê-la antes de matá-lo." Ele morde minha orelha e eu me afasto.

No segundo que ele solta seu domínio sobre o meu queixo, eu volto para a porta. Ele cruza os braços sobre o peito, um sorriso satisfeito no rosto conforme ele me vê sair. "Eu espero ansiosamente pela nossa próxima conversinha, Victoria", diz ele.

Eu abro a porta com força e tropeço pelo corredor, lágrimas de vergonha caindo conforme volto através da sua casa para a minha filha. Se isso é o que devo fazer, então vou pagar o preço mil vezes porque o amor de uma mãe não conhece limites.

37

JUDE

Minha cabeça lateja a cada batida do meu coração. Estou queimando. Eu fico me debatendo, completamente ciente da minha camisa encharcada de suor grudada no meu peito. Depois de um momento de luta, lentamente abro os olhos e uma luz de halogéneo brilhante me leva a fecha-los novamente. Eu posso ouvir alguém assobiando a música tema do *The Andy Griffith Show*⁴, e só quero que eles se calem. Estou atordoado pra cacete.

Rolando para o meu lado, abro os olhos novamente e estou olhando diretamente para a porra de um conjunto de barras de ferro. Sento-me tão rápido que minha cabeça gira e seguro na beirada da cama surrada onde estou sentado para não cair no chão de concreto manchado de urina. O ar é pesado e estagnado com um calor intenso. Estou em uma fodida cela de prisão mexicana. "Que porra é essa?" Grito, minha voz ecoando em volta do pequeno espaço.

O assobio para e passos ecoam pelo corredor. "Hola, mi amigo", a voz diz, rindo. Um homem grande para em frente à minha cela. Seu uniforme marrom está encharcado de suor e seu rosto brilha. "Mi amigo..."

"Hablo Inglés." Eu me levanto e atravesso a cela, agarrando as barras.

"Si..." Ele limpa a garganta. "Você é o criador de problemas", ele ri, e juro por Deus, se pudesse alcançar através destas barras e sufocá-lo, eu o faria.

"Por que diabos estou aqui?"

"Gabriel, ele disse que você tem um temperamento ruim." Ele franze a testa. "Disse que teve que drogar você. Arrastou seu traseiro para cá como um cavalo morto." Eu aperto meu queixo e cerro os dentes. "Não se preocupe... você só vai ficar aqui por um ou dois dias. Gabriel disse que esta era a única maneira de

⁴ Programa de comédia americano da década de 60.

mantê-lo afastado da porra da merda dele." Ele dá de ombros. "Disse para lhe dizer que sente muito, ese." Um sorriso rápido dança sobre seus lábios.

Meu coração parece que vai bater para fora da porra do meu peito. Eu não posso acreditar Gabe me colocou aqui. Merda... Aperto as barras tão forte que as juntas dos meus dedos doem. Que diabos vou fazer? Afasto-me das barras e ando de um lado para o outro.

"Ei, você quer algo para comer?" O guarda pergunta. "Eu tenho queijo picante e peru, um pouco de presunto."

"Não, estou bem, obrigado." Enfio a mão no bolso para o meu celular, mas a porra não está lá. "Droga, Gabriel."

O guarda olha para mim. "Oh, você quer seu telefone celular? Está no carregador. Gabriel disse para garantir que fique carregado, disse que estava esperando um telefonema ou algo assim." Eu o encaro. "Não se preocupe. Se ele tocar, vou trazê-lo para você." Ele desaparece de vista.

Quando volta, está carregando um lancheira de metal do *Hulk*. Ele tira um saco plástico Ziploc, abre, e dá uma mordida em um sanduíche. "Então, Gabriel disse que você é corredor de apostas, cara, você é a razão pela qual a Sinaloa fez tanto dinheiro." Ele balança a cabeça. "Você é uma lenda." Ele dá uma mordida antes de estender a mão com o sanduíche. "Tem certeza que não quer um pouco? Queijo picante é o melhor." Sento na cama e olho para ele. "De qualquer forma", diz ele com a boca cheia de comida "Gabriel disse que você e ele são amigos. Gabriel é um cara legal, eu gosto dele. Ele me assusta pra caralho, mas gosto dele..."

Encosto de volta na cama e gemo, porque tenho a sensação que este cara nunca vai calar a boca e parece que estou preso aqui até que Gabriel decida tirar a cabeça fora da sua bunda.

38 TOR

Uma batida forte na minha porta me acorda de um sono profundo. Sento assim que a porta se abre e um homem com uma arma entra. Pânico rasga através de mim e eu mergulho mais sobre Cayla, protegendo-a com o meu corpo. Ela mal desperta do sono.

"Venha comigo," o homem diz, impaciente. Eu olho por cima do meu ombro e ele me encara.

Lentamente, rastejo para fora da cama, com cuidado para não perturbar Cayla. Eu não gosto de deixá-la, mas é melhor que ela permaneça aqui nesta cama do que ir comigo para o que quer que seja. Conforme ando pelo corredor, minha mente zumba através das possibilidades. É meio da noite. E se Jesús me chamou? Há apenas uma coisa para que um homem chama uma mulher no meio da noite. *Oh Deus*. Eu pressiono minha mão contra o meu estômago, tentando acalmá-lo. Ele me mostra a porta do escritório de Jesus e, em seguida, o homem dá um passo para atrás, fazendo um gesto para eu ir para dentro.

Quando abro a porta, os olhos de Jesús levantam para encontrar os meus momentaneamente antes dele olhar para baixo, para o laptop sobre a mesa na frente dele. "Ela está aqui", diz ele.

"Ah bom." Eu reconheço aquele sotaque russo, o sotaque arrogante. *Por que Ronan está ligando para Jesus?*

"Victoria venha aqui", diz Jesús.

Eu contorno a mesa e ele puxa sua cadeira para fora, batendo em sua coxa. Engolindo em seco, eu me abaixo para o seu colo. Sua mão pousa no meu quadril e fico tensa. A tela do computador é puxada para cima para uma chamada de vídeo pixelizada. O chamuscado na tela desaparece lentamente e estou olhando para a imagem de um homem vestindo um terno fino, a gravata vermelha

perfeitamente atada ao pescoço. Seu rosto é esculpido, sua mandíbula e bochecha com ossos proeminentes. O cabelo escuro está levemente penteado para trás, com um charme natural. Ele parece tão jovem, não muito mais velho do que Jude e eu. Por alguma razão, esperava que um homem com tanto poder fosse mais velho. Ronan sorri para mim através da tela e não posso evitar, mas acho que ele seria bonito se não fosse por sua dureza gelada. Seus olhos azuis são tão duros e calculistas, que me fazem tremer só de olhar para eles.

"Vejo que você está desfrutando de sua pequena convidada, Jesús", diz Ronan.

"Você conhece este homem?" Jesús pergunta, ignorando o comentário de Ronan. Eu hesito. Devo dizer que conheço?

"Está tudo bem, Victoria. Você pode dizer a ele," Ronan diz, inclinando-se para trás na cadeira.

"Eu falei com ele pelo telefone," digo.

"Veja, Jesús," Ronan bate as mãos juntas, um sorriso satisfeito no rosto, "eu a enviei para você."

Jesús exala um longo suspiro. "Seu alcance nunca deixa de me impressionar, Cole," ele murmura, sua mão esfregando lentamente sobre minha coxa. "Então, agora você pode me dizer o que quer."

"Eu liguei para lhe dar algumas informações."

"E por que você faria isso, russo?" Jesús pergunta, seu tom aborrecido.

"Eu quero algo que você tem e você quer algo que tenho. É assim que o mundo gira e-"

"O que você quer?"

"A cocaína. Quero a sua cocaína. Darei a você quinze por cento", diz Ronan. Jesús ri. "Vinte e cinco."

"Dezoito e nem um centavo a mais!" Ronan diz com firmeza.

"Vinte", diz ele lentamente, deslocando-se para a frente em sua cadeira.

"Acredite em mim", Ronan ri, "o que eu tenho para oferecer a você vale muito mais do que esses dois por cento..."

"Talón de quemar Rusoxxx." Ele murmura. "Dezenove. Oferta final."

"Feito."

"O que é que você tem que acha que é de tanto valor?"

"Oh, você vai gostar disso." Ronan sorri, puxando uma longa baforada do seu charuto. "Sei quem entregou Domingo. Sei quem é o seu traidor."

Meu coração aperta no peito e o pânico deve estar escrito em todo o meu rosto. "Quem?" Jesús rosna, seus dedos apertam no meu quadril. Há uma pausa, uma tensão que ondula através do ar como uma onda crescente acima da linha da água.

"Jude Pearson," Ronan diz e a onda cai, arrastando-me debaixo das frias profundezas escuras. Eu fecho meus olhos, meu corpo fica rígido enquanto espero Jesús reagir. Ouço a risada baixa de Ronan ecoando pelos alto-falantes. "Ah, e só para você saber, Andrea está morto. Eu *sinto* muito, Victoria. É apenas negócios", Ronan diz antes de desligar.

As respirações rápidas de Jesus sussurram em meu ouvido. Eu posso literalmente sentir seu coração batendo no seu peito e nas minhas costas. Seus dedos apertam dolorosamente no meu quadril antes dele me empurrar para fora do seu colo. Eu pulo e me viro conforme ele se lança da cadeira, prendendo-me contra a mesa. Seu corpo inteiro está coberto de tensão. Ele agarra meu cabelo, puxando minha cabeça para trás com tanta força que estremeço de dor.

"Você sabia disso?" Ele rosna como um cão raivoso, com raiva e pronto para atacar.

"Eu pensei..." engulo em seco. "Achei que você soubesse sobre Jude e Domingo", sussurro. "Pensei que fosse por isso que você pegou Cayla, por que você queria Jude morto."

Ele bufa. "Eu queria o seu apostador morto porque ele está deixando o cartel Juárez com muito dinheiro, dando-lhes poder demais. Domingo queria usar a sua filha, usar você para chantagear Jude para matar Gabriel Estrada. Mas agora..."

"Por que nos envolver?" Eu grito. "Porque não apenas matar Gabriel?"

Ele levanta uma sobrancelha, com uma expressão perigosa para mim. "Chefes de cartel não matam uns aos outros. Mas agora... *agora* eu posso fazer uma

exceção porque o Juárez está trabalhando com a porra de um traidor e vou matar cada um deles!" Seus olhos procuram os meus enquanto ele aproxima mais o seu rosto. Ele morde minha mandíbula, enviando um hálito quente sobre o meu pescoço. Eu me encolho com seu toque. "Você queria comprar a liberdade da sua filha", diz ele, balançando a cabeça. "Você tem um negócio, chiquita. A liberdade da sua filha pela vida de Jude Pearson."

Cayla por Jude. Não é isso o que ele queria de qualquer maneira? Por um momento, o pensamento de Jude me consome. Lembro-me do seu sorriso, seus beijos, do jeito que ele me toca, a forma como a sua voz suaviza apenas para mim ou Cayla. Meu homem endurecido, cruel, que age de um jeito diferente só comigo. O homem que me quebrou e me consertou, ao mesmo tempo. O homem que me fez mais forte do que jamais esperei ser. Mas sou forte o suficiente para sobreviver a sua perda? Eu tenho que ser, por nossa filha. "Feito", sussurro.

Ele se inclina, seus lábios escovando os meus enquanto ele fala. "Eu quero que ele saiba que você o vendeu. Quero que ele morra com o coração partido, sabendo que vou tê-la, chiquita." Seus lábios pressionam contra os meus e não posso evitar a lágrima que escapa e cai no meu rosto. Jesús segura minha mandíbula, virando bruscamente meu rosto para o lado. "Lágrimas não farão nada. Eu gosto quando você chora." Ele ri quando passa a língua sobre minha bochecha...

Sinto que vendi minha alma ao diabo, mas que mãe não o faria no meu lugar? Meu corpo não é nada. Isso não é nada. Cayla é tudo.

Jesús me entrega um telefone. "Ligue para a sua irmã. Diga a ela para encontrar meus homens na fronteira de El Paso dentro de vinte e quatro horas." Ele agarra minha cintura e me levanta, colocando-me em sua mesa antes de se sentar na minha frente.

Minhas pernas estão tremendo e meu coração está batendo tão rápido que sinto que vou vomitar. Eu levanto o telefone, digitando o número da minha irmã e rezando para que ela não tenha mudado. "Alô", ela responde.

"Lizzy", digo em voz baixa. O silêncio me cumprimenta. "Liz?"

"Ria?" Ela sussurra.

Quero perguntar como ela está, como sua vida está, mas não posso. "Eu preciso..." puxo uma respiração profunda. "Preciso de um favor seu."

"Ria, não ouvi de você por mais de dois anos e agora você me liga e quer um favor?"

"Eu preciso que você cuide da minha bebê. Estou com problemas. Preciso que ela fique segura..." Não há nada além do silêncio e meu coração cai para o meu estômago.

"Ria, venha para casa-"

"Eu não posso, Liz!" Exclamo. "Só me escute. Preciso que você vá para El Paso, para a fronteira. Lá você vai se encontrar com alguns homens. Eles vão te dar a minha filha. O nome dela é Cayla. Por favor, por favor, cuide dela. Prometa-me. Ela é tudo o que tenho, só... me prometa que vai cuidar dela." Eu luto com o soluço me sufocando, a dor torcendo no meu peito. Eu luto contra tudo. Gostaria de poder dizer a Lizzy quão desesperadora esta situação é, mas não posso. Só espero que ela faça isso por mim.

"Que diabos, Ria?"

"Por favor!" Peço desesperadamente.

"Ok. Eu vou... vou reservar um voo agora."

Jesus me entrega um pedaço de papel e leio para ela um conjunto de coordenadas e um horário. "Obrigada." Engulo o nó na minha garganta. "Obrigada..."

"Quando vou te ver?" Ela pergunta. "Você vai voltar para ela, certo?"

Deixo cair o queixo no meu peito. "Não, eu não posso. Prometa-me que ela nunca vai ficar um dia sem saber como ela é amada." Eu limpo as lágrimas escapando dos meus olhos.

"Ria..."

"Tenho que ir. Eu te amo." Desligo, olhando para o telefone na minha mão.

"Você está quebrando o meu coração", diz Jesús conforme fica em pé. Ele dá um passo entre as minhas coxas e trilha seus dedos sobre minha bochecha.

"Você tem um?" Digo como um insulto, mas ele apenas ri.

"Talvez. Agora... você vai ligar para Jude Pearson e dizer-lhe que você pegou a Cayla. Diga-lhe que a Camilla te ajudou. Ele vai acreditar." Ele pega um pedaço de papel e rabisca algo nele. "Diga a ele para encontrar Camilla aqui." Ele me entrega o papel. Deus, é realmente isso. Estou armando para Jude e a culpa, a traição está me comendo viva.

Meus dedos tremem enquanto digito o número de Jude e coloco o telefone no ouvido. Jesús pega uma mecha do meu cabelo, girando-a em torno do seu dedo, enquanto o telefone toca.

"Sim?" É preciso apenas aquela palavra para eu ouvir a agitação na voz de Jude.

"Jude", respiro.

Há uma longa pausa. "Onde diabos você está?"

"Estou com Cayla."

"Você está com ela? Ela está bem?"

Engulo em seco. "Não tenho muito tempo. Estou enviando-a para você." Eu nunca me odiei mais do que neste momento, quando uso a promessa da nossa filha para atraí-la para sua morte.

"Tor... o que você fez para pegá-la?"

"Camilla está me ajudando. Ela é irmã do Gabriel apenas... apenas encontre-a", forço as palavras para fora e meu estômago se agita violentamente. Dou a ele o endereço escrito no pedaço de papel, juntamente com um horário para a encontrar. "Só... Eu te amo."

"O que você-"

Eu não posso fazer mais. Desligo o telefone e no segundo que faço isso, choro. Jesús envolve seus braços em mim. Eu quero empurrá-lo para longe de mim, mas não. Eu não posso. Depois de tudo que suportei na minha vida, o meu espírito foi finalmente quebrado, porque acabei de levar o homem que amo a uma morte certa. "Isso tudo vai acabar logo, chiquita", diz ele.

Cayla estará segura. Eu não consigo pensar em mais nada.

39

JUDE

Ela desligou.

“Eu preciso sair daqui!” Grito, minha voz ecoando em torno da cela. Eu imediatamente tento o número de Gabriel, mas ele não atende e seu correio de voz está cheio. “Preciso sair daqui. Preciso ir buscar a minha filha. Você me ouviu, caralho?”

Ouçõ chaves tilintando, passos vindo pelo corredor. “Você está bem aí, amigo?” David, o guarda que nunca para de falar, grita do fundo do corredor.

“Eu preciso sair, porra.”

Ele vem balançando, parando em frente às barras para olhar no meu celular. “Gabriel disse que estará aqui para pegar você em breve.”

“Eu tentei ligar para o Gabriel inúmeras vezes ao longo dos últimos dois dias e ele não atende a porra.”

David dá de ombros. “Ele sabe que você está puto, amigo.” O pensamento de Gabe drogando minha bunda e me trazendo para esta merda me queima. Eu pego meu telefone, apertando furiosamente as teclas para discar o número novamente.

Ele toca e em vez de ir para a caixa postal alguém atende. “Ah, ese, tendo uma boa estadia no Holiday Inn?”, ele ri e tudo o que isso faz é me irritar ainda mais. “Eu disse a David para cuidar bem de você. Vejo que ele lhe deu seu telefone.”

“Tor me ligou e disse que ela está enviando sua irmã - a porra da sua irmã que está com a porra do cartel de Sinaloa – para me encontrar com Cayla.”

“Ah, Camilla, essa é uma longa história-”

“Gabriel,” rosno seu nome, sangue pulsando através da minha jugular, “Eu devo encontrá-las em duas horas. Que porra você está pensando?”

“Bem, você atirou em Boris. Eu te disse, você tem problemas de raiva. Eu não poderia confiar que você não iria ficar nuclear e matar metade dos meus homens que estão tentando encontrar a Tor. Estou na merda o suficiente como está, ese. Não preciso de você deixando isso mais bagunçado do que está com esses malditos *russos*”, ele grita a palavra tão alto que sua voz, falha, “por todo o lugar.”

“Tire-me daqui, porra.”

“Estou indo até você.” E ele desliga.

Balançando a cabeça, caio de volta na cama da prisão, as molas rangendo sob o meu peso conforme apoio meus cotovelos sobre os joelhos. O que Tor prometeu? Eu podia ouvir a porra do desespero em sua voz e o fato de que ela está tão atormentada me deixa irritado. Eu não me importo se ela me vender pela Cayla. Isso é bom, mas o fato de Ronan não deixá-la saber que é um plano - o fato de que ele simplesmente deixou ela acreditar que esta era a sua única opção, isso me enfurece. E a irmã do Gabriel - ele nunca me disse que a Camilla tinha sido tomada por Jesús, o que me faz desconfiar de tudo. “Merda,” gemo, enterrando meu rosto nas mãos, porque tudo o que posso fazer é esperar, pensando sobre o que pode acontecer. Sabendo muito bem que posso morrer sem nunca mais segurar a minha menina. Eu tenho paz com o pensamento de que Tor irá se certificar de que Cayla saiba o quanto eu a amava. Que vai dizer que ela era o meu tudo. Afinal, a morte é certa e tudo o que realmente importa é o legado que deixamos para trás. Até Tor minha vida não era nada além de caos manchado de sangue. Ela trouxe paz a uma forma terrena do inferno. Um anjo que me ensinou o que era amor. Que me deu uma filha, esperança, uma razão para minha existência de merda. Se eu morrer, será sabendo que vou deixar uma coisa para trás que não foi contaminado, e isso é Cayla.

40 TOR

Eu embrulho meus braços firmemente em volta de Cayla, pressionando minha bochecha contra sua cabeça macia. "Eu te amo, bebezinha."

"Mamo você", diz ela, brincando com o meu colar. A única coisa que quebra meu coração é que ela é muito jovem para entender tudo o que está acontecendo. Ela não sabe que nunca mais vai me ver. Ela não sabe o que eu tive que fazer para salvá-la. O pensamento de que ela vai ficar acordada à noite chorando por mim e Jude me arruína. Eu não quero que ela pense que a abandonamos, que não a amavamos, mas o que mais vai pensar uma criança de dois anos de idade? Eu luto contra o soluço, completa destruição fazendo seu caminho através da minha alma enquanto me agarro a minha filha nestes últimos momentos. Eu me pergunto o que ela pensaria de mim se um dia descobrir o que fiz? Será que ela me odiaria? Será que ela entenderia? Mas, novamente, até que ela seja uma mãe, nunca será capaz de compreender, porque o amor de mãe é algo inexplicável. Eu coloco meus lábios em sua testa e fecho os olhos, inalando o cheiro dela uma última vez. Luto contra as lágrimas, porque não quero aborrecê-la, mas é tão difícil. Esta é a última vez que vou vê-la.

Camilla se aproxima, seus olhos nadando em tristeza quando olha para mim. "Sinto muito, Tor", diz ela calmamente.

"Ela estará segura." Eu balanço a cabeça. "Isso é tudo que quero."

Nós tivemos um conto de fadas. Nós vivemos no paraíso com nossa família, mas contos de fadas não duram e logo os monstros voltam rastejando. Lizzy dará a Cayla uma vida normal. Ela vai viver em uma casa suburbana e irá à escola e terá amigos. Jude e eu nunca daríamos a ela isso, mesmo sem o cartel nos perseguindo. Eu passo Cayla para Camilla e sorrio através das minhas lágrimas.

Alcançando atrás do meu pescoço, solto o meu colar e coloco-o no pescoço de Cayla.

"Seu papai me deu isso", sussurro. "Mantenha-o seguro para mim, ok?"

Cayla agarra o pequeno beija-flor de prata em sua mão e concorda. Esse colar é mais do que apenas uma bugiganga. Foi da mãe de Jude. Ele me deu antes de me deixar ir. Foi sua maneira de me dizer que me amava quando ele ainda não podia falar as palavras. Esse colar era eu amo você e adeus, assim como é agora.

"Eu te amo, Cayla. Mais do que todas as estrelas no céu." Dou-lhe um último beijo na bochecha e me forço a me afastar, para deixá-la ir.

Camilla descansa a mão nas costas de Cayla e entra no carro. No segundo que a porta se fecha, eu desmorono. Meu coração se despedaça, desintegrando-se em pó. Nunca vou vê-la crescer, nunca vou vê-la se casar ou ter um filho e isso me mata. Mas ela vai fazer essas coisas agora. Ela vai fazê-las e apenas saber disso tem que ser suficiente para mim.

Jude e eu sacrificamos tudo para manter a nossa bebê segura. Só espero que ela não nos odeie por isso um dia.

Algumas horas mais tarde, há uma batida na porta do quarto. Camilla entra, afastando sua cortina de cabelo para trás da orelha. Sento-me ereta, limpando meu rosto molhado de lágrimas. "Lizzy a pegou?"

Ela balança a cabeça. "Sim, sua irmã pegou Cayla."

Um enorme peso sai dos meus ombros e respiro um pouco mais tranquila. "Bom. Isso é...bom."

Ela entra e senta-se na beira da cama ao meu lado. "Você fez a coisa certa. O que você está fazendo... é valente."

Puxo os joelhos no meu peito e descanso minha bochecha sobre eles. "Eu não me sinto valente, Camilla." Eu me sinto quebrada.

"Cayla tem sorte de ter uma mãe tão forte quanto você. Você me lembra da minha mãe." Ela gentilmente corre os dedos pelo meu cabelo. "Ela morreu

quando um dos inimigos do meu pai tentou matar Gabriel. Ela levou uma bala por ele."

"Como você faz isso?" Eu olho para ela por um momento. "Vive neste mundo de violência?"

Ela encolhe os ombros, um pequeno sorriso toca seus lábios. "É tudo que eu sei."

Eu concordo. "Obrigada por levá-la. Não queria que ela ficasse com os homens de Jesús e tivesse medo."

A porta irrompe aberta e Camilla pula da cama, movendo-se para ficar na minha frente. Espio ao seu redor e vejo Jesús aparecendo na soleira da porta, com os braços cruzados sobre o peito.

"O que é isso, pequena gatita?", diz ele. "Sentindo-se protetora?" Ele atravessa o quarto, parando na frente de Camilla e acariciando os nós dos seus dedos em sua bochecha. Ela se afasta do seu toque. "Perra estúpido", diz ele e ela lhe dá um tapa.

Para minha surpresa, ele ri. Eu olho com olhos arregalados enquanto ela passa por ele e vai para o corredor, batendo a porta conforme sai.

Ele limpa uma mancha de sangue em seu lábio. "Mulheres colombianas. Um pouco mal-humoradas, não é?" Ele caminha em direção a mim e eu me encolho para longe dele. Sorrindo, ele se inclina e coloca um dedo debaixo do meu queixo. Eu fico rígida quando ele aproxima o rosto, arrastando seu nariz até o lado da minha garganta e inalando. "Eu prefiro que minhas mulheres se encolham um pouco." Ele ri de novo e se endireita. "Venha, chiquita, tenho umxxx apostador para matar. Você não quer perder o show agora, não é?"

Ele quer que eu o veja matar Jude? Não posso. Ele enfia a mão no bolso e tira um pedaço de pano. "Vire-se", diz ele. Não tenho escolha a não ser obedecer, então eu viro. Ele desliza o pedaço macio de tecido sobre a minha boca, amarrando-o tão apertado em volta da parte de trás da minha cabeça que meus dentes cortam meus lábios e o gosto amargo de sangue enche minha boca. Murmuro contra a mordaca.

"Shhh, Victoria" ele suavemente acaricia o polegar sobre meu queixo. "Logo isso tudo vai acabar." E então ele se vira e se dirige para a porta. "Venha."

Quanto mais posso aguentar? Ele quer que eu perca Cayla e Jude no mesmo dia? Acho que ele imagina que é melhor acabar com tudo de uma só vez, mas me pergunto se há um ponto até onde alguém pode ser destroçado, um ponto sem volta. Se for assim, então certamente estou em rota de colisão com ele.

Eu o sigo pela casa e para a entrada de carros onde uma fila de SUVs pretas esperam. A segunda na fila tem as portas traseiras abertas. Jesús aponta para o carro e vou para ele, entrando na parte traseira. Jesús desliza ao meu lado, descansando um rifle em seu colo. Náuseas corre por mim e engulo forte. Cayla está segura e enquanto for esse o caso, posso fazer qualquer coisa. Vou pegar meu colar da mesma forma que sempre faço quando estou ansiosa, mas ele se foi. Eu fecho os olhos e imagino Cayla: mais velha, feliz e bonita com aquele beija-flor em volta do pescoço. Ela pode nunca realmente saber o que significa aquele colar, mas me traz conforto saber que ela o tem.

Jesús desliza os dedos pelo meu rosto e minha pele arrepia. Eu viro o meu olhar para fora da janela, observando o deserto estéril passar. Tudo parece o mesmo. Areia e céu. Finalmente, o carro fica mais lento uma vez que some na areia.

Jesús me empurra para a frente. "Só para ter certeza, chiquita", diz ele conforme agarra minhas mãos e puxa-as nas minhas costas.

Há o clique de um lacre sendo preso antes de eu sentir a mordida de plástico na minha pele. Endurecendo-me, olho para fora do pára-brisas. Um único Hummer está a cerca de cinquenta metros na frente do nosso comboio, e inclinando-se contra a frente dele está Jude parecendo sombrio e mortal. Pronto para fazer o mundo sangrar se preciso for. Gabriel está ao lado dele, uma arma em cada mão. Meu coração aperta dolorosamente. Ele veio. Eu realmente esperava que ele não viesse. E agora... agora vou ter que vê-lo morrer, porque nem mesmo Jude e Gabe são páreos para todos esses caras do Jesús.

41

JUDE

Eu ouço Gabriel falando com David e pego minha camisa no fim da cama e pulo em pé, andando em linha reta para as barras e agarrando-as. David sorri enquanto empurra as chaves na fechadura. A porta range conforme se abre e saio correndo, chegando até Gabriel e olhando para ele. "Eu não posso acreditar em você, porra", digo, apontando para ele antes de deslizar minha camisa sobre a cabeça.

Ele dá de ombros. "Eh, fiz o que tinha que fazer para me certificar que sua bunda louca não nos matasse. Eu te disse, ese, você tem um temperamento ruim." Ele ri. "Atirar na porra do russo." Ele balança a cabeça conforme dá um passo para o lado, permitindo-me sair da cela. "Eles me enviaram a porra do Boris número dois. Eu não gosto dele mais do que o outro."

Eu olho para ele conforme limpo o suor da minha testa e sigo-o através da pequena prisão de merda. Eu quero xinga-lo. Bater nele. Mas não há nenhum ponto, essa raiva precisa ser canalizada em direção a Jesús. "É melhor estarmos indo pegar as minhas meninas", digo enquanto caminhamos para fora para o sol brilhante de merda, a porta batendo fechada atrás de nós.

"Nós estamos." Gabriel se dirige para o Hummer estacionado ao lado do prédio. A janela traseira está meio aberta e vejo uma baforada de fumaça fluando fora dela antes de Marney abrir o resto da janela.

"O que é isso?", diz Marney. "Uma prisão do Alabama, uma prisão federal e agora cumpriu pena em uma cadeia mexicana", ele ri conforme dou a volta no carro. Abro a porta de trás e deslizo ao lado de Marney.

"Não estou na porra do humor, velho."

Ele ri de novo e dá uma tragada em seu cigarro. Eu olho para a frente e noto um cara pálido no banco do motorista. Gabriel abre a porta do passageiro e entra.

"Quem diabos é esse?" Aponto para o motorista.

"Boris número dois."

O homem vira em seu assento, veias aparecendo em sua testa. "Alex", diz ele antes de ligar o carro e sair do estacionamento. Marney segura um maço de cigarros e o isqueiro. Eu pego um e acendo-o enquanto olho pela janela, observando a paisagem desolada passar. Meu estômago revira e dá um nó. Nunca na minha vida as apostas foram tão altas. Minha vida toda girou em torno de apostas, mas agora a aposta é a morte daquelas que não posso viver sem.

pausa

O Hummer chacoalha pela estrada do deserto antes de desviar na areia e abrandar. Gabriel bate o punho sobre o painel. "Por que diabos você está dirigindo tão devagar, russo?"

Alex vira seus olhos frios e azuis em direção a Gabriel e sorri. "Confie em mim, este caminho é... *complicado*."

Gabriel geme e aumenta o rádio, música clássica preenchendo o interior do Hummer. Marney olha para mim, franzindo a testa enquanto sopra fumaça de seus lábios. "O que no ..."

"Flor Deut," Gabriel diz, acenando com uma mão no ar como se estivesse conduzindo uma orquestra. Um pequeno sorriso se espalha sobre seus lábios. "Isso me dá paz."

O carro para e olhamos para fora sobre o deserto, as montanhas ao nosso lado. Olho para o relógio. Dez minutos. Meu coração bate no peito. Minha camisa se agarra ao meu suor nas costas e no peito. Marney resmunga ao meu lado enquanto carrega sua arma, segurando o cigarro entre os lábios finos. "Nunca em um milhão de anos eu pensaria que estaria no deserto mexicano sendo fodido com um mexicano e um russo." Ele balança a cabeça. "Sempre pensei que fosse morrer em uma briga de bar. Hmph." Ele gargalha para si mesmo.

"Jesus, Marney..." gemo, segurando a minha arma na mão.

Gabriel vira no banco para olhar para mim. "Isso-", ele aponta para Alex, "isso é o que o Senhor Todo-Poderoso de Narnia nos dá? Uma porra de homem?" Ele relaxa no assento e resmunga. "Besteira do caralho."

"Há mais", Alex diz, enquanto olha para a frente.

"Sim, sim, isso é o que ele prometeu. Eu não os vejo." Gabriel aponta através do pára-brisa. "Quero vê-los com meus malditos olhos. Não gosto dessa besteira de esconde-esconde." Gemendo, ele aumenta o rádio e puxa uma respiração profunda.

"Ah, merda", Marney diz, inclinando-se no assento. "Aqui vamos nós."

Eu olho para a nuvem vermelha de poeira crescendo ao longe, meu estômago revira. Eles ainda estão muito longe, mas podemos vê-los chegando. Meu pulso acelera. É isso. Esta é a minha última chance para salvar minha família. Todos nós sentamos em silêncio, absorvendo o som calmo da reprodução da música. Eles estão perto o suficiente, agora que o sol estridente reflete na pintura dos veículos.

Alex se vira em seu assento e olha para mim. "Não ande mais de seis metros para longe deste carro." Ele olha para Marney, depois para Gabriel e puxa a arma do console, inclinando-a.

Eu empurro a porta aberta, o calor do deserto insuportável flutuando para dentro do carro. Gabriel me encontra na parte da frente do carro e Marney e Alex se abaixam por trás das portas abertas do Hummer, armas apontadas.

Eu vejo o comboio de carros se aproximar. O primeiro para, seguido pelo segundo. A porta de trás do segundo abre e Jesús sai carregando um fuzil por cima do ombro. Eu aponto minha arma, meu dedo tocando o gatilho conforme ele volta para dentro e arrasta alguém, amarrada e amordaçada. *Tor*. Sorrindo, ele agarra seu longo cabelo loiro e puxa-a na frente do seu corpo. Eu largo minha arma para o lado.

"Jude Pearson! Corredor de apostas", ele grita. "Eu trouxe sua mulher para assistir você morrer!" A testa de *Tor* enrruga de dor e ela se debate com o aperto dele.

Eu começo a ir em direção a eles. “Jude, não vá mais de seis metros!” Alex diz com um leve rosnado.

Outro carro dirige sobre o deserto – *boom* - uma enorme bola de fogo explode. Balões de fumaça negra no céu conforme pedaços de metal e borracha saem voando por toda parte.

Jesús se abaixa contra a lateral do carro, usando a porta aberta e o corpo de Tor para se proteger. Tor vira o rosto para o lado para se proteger do calor que visivelmente irradia da explosão.

"Putá merda, ese", Gabriel diz, abaixando-se atrás da porta aberta.

Um dos caras de Jesusxxx salta para fora do carro. Há um pequeno estouro longe e o cara cai no chão, areia voando em torno dele quando sangue escorre de sua cabeça. Jesús grita e os outros homens atiram em nós. Balas fazem um zunido fora dos carros, elas deslizam na areia. Eu miro e atiro em um dos homens e ele cai. Outra explosão sacode o chão seguida rapidamente por outra, fumaça soprando do chão. Vejo quando um homem atravessa a areia e, em seguida, *bam* o chão explode, o corpo do homem soprando em pedaços conforme pedaços de pele e ossos chovem em volta de nós.

Alex pega o telefone e rosna algo em russo no receptor conforme aponta sua arma para Jesús. "Não atire nele, porra!" Eu grito. "Não atira nele!"

Tor ainda está curvada contra a lateral do carro, dobrada entre as pernas de Jesus para servir como um escudo humano. De repente, seu corpo estremece e eu congelo. O tiroteio, as explosões, o ruído tudo cai ao fundo conforme uma mancha vermelha sangra em toda a frente do seu vestido branco. Sua cabeça cai para a frente e ela fica mole, Jesús a pega antes que ela desmorone completamente na areia.

"Não!" Eu grito, pânico envolvendo minha garganta. "Porra, não!"

Jesús está gritando com seus homens conforme fica em pé e arrasta Tor com ele. Dou passos rápidos em direção a eles e alguém me agarra, puxando-me para baixo. Eu caio no chão, areia quente picando a minha pele. Eu luto contra a pessoa. Gritando e berrando.

"Você vai morrer, ese", diz Gabriel. "Há merdas de minas terrestres."

Eu me viro para empurrá-lo de cima de mim e tropeço nos meus pés antes de sentir seu braço se deparar com o meu pescoço, apertando-me. Eu seguro-o, arranhando meus dedos conforme balanço violentamente em seu aperto. "O caralho, Gabel!" Dou uma cotovelada nas suas costelas. Balanço como a porra de um cavalo selvagem tentando tirá-lo.

"Pare com isso. Você não pode salvá-la."

Mas eu não posso sentar aqui e desistir. Eu continuo tentando soltar a mão dele, mas tudo que ele faz é apertar mais forte até que não posso respirar. Eu caio de joelhos, o braço de Gabriel ainda em torno da minha garganta como um torno. Tudo o que posso fazer é ver quando Jesús arrasta Tor para o carro, sangue deixando um rastro atrás dela.

Meu ouvido apita, minha visão estreita e o carro de Jesús vira, acelerando sobre o terreno deserto acidentado. Gabriel me solta e eu sento nas minhas pernas, olhando a nuvem de poeira conforme eles desaparecem. Meu peito arfa. Eu tento recuperar o fôlego. Tor está morta. E pelo que sei Cayla está morta, também. Acabou. Está tudo acabado...

EPÍLOGO

"Limpo senhor", Donovan diz através da janela do carro. Uma vez que o americano atirou em Boris, Donavan se tornou meu braço direito. Ele abre a porta e saio, passando minha mão na frente do terno. Eu não gosto deste país. É empoeirado, sujo e quente.

Passo pelos portões de metal pendurados em suas dobradiças. Homens mortos espalhados pelo chão como lixo espalhados em uma calçada. Eu passo por cima de um corpo, com cuidado para não ter sangue nos meus sapatos Versace. Meus homens se espalham em formação militar. Os homens de Jesus não viram isso acontecer. Afinal, você não pode lutar contra o que não pode ver e snipers são impossíveis de detectar a quase um quilômetro de distância. Ao ir para a guerra, é a discrição que ganha. E por que desperdiçar homens quando posso ganhar tão facilmente?

Abro a porta da frente da casa de Jesús e sou recebido por um dos meus homens. "Você pode querer ver isso, senhor."

Aceno a mão no ar e ele lidera o caminho por um corredor. Nós paramos em frente a uma porta aberta e olho dentro do escritório saqueado. No meio da sala, para meu deleite, senta-se uma mulher bonita com as mãos atadas atrás das costas e uma mordaça amarrada em volta da cabeça. Dou a volta em torno dela e ela vira a cabeça para me seguir, sua mandíbula apertando com raiva quando olha para mim. Cuidadosamente, solto a mordaça e jogo fora, no chão. Ela cospe para mim antes de soltar palavrões em espanhol.

Sorrio. "Eu amo uma mulher mal-humorada."

Sento-me atrás da mesa de Jesús e tiro um charuto do bolso, acendendo-o conforme me inclino para trás na cadeira e coloco meus sapatos em cima da

mesa. A mulher olha para mim. Eu sorrio em volta do charuto e permito que uma nuvem de fumaça levante.

"Por que tanta raiva, *krasivaya*?"

Suas narinas dilatam. Sua mandíbula aperta. "Você vai morrer, russo."

"Hmm. Duvido disso." Sorrio e dou uma tragada lenta no charuto. "Jesús deve estar morto agora. Diga-me, qual é o seu nome?"

"Qual é o seu?" Ela retruca.

"Ronan Cole."

Sua expressão muda um pouco e eu percebo. Ela sabe quem sou, o que significa que ela não é apenas uma puta. "Agora, qual é o seu nome?" Repito.

"Camilla."

Oh, isso é muito bom. "Camilla Estrada?"

Seus olhos encontram os meus e naquelas profundezas turquesas encontro uma consciência, não muito diferente da do chefe de cartel que a detém. "Sim."

Sorrio. "Bem, bem, não se trata de uma virada interessante? Eu não sabia que você estava dormindo com o inimigo. Seu irmão vai ficar desapontado."

"Foda-se."

Eu permito que o meu olhar vagueie sobre seu corpo - e que corpo ela tem. "Com prazer", digo conforme continuo a beber suas curvas pequenas e a pele dourada. Seu vestido branco longo baixa o suficiente na frente para que eu possa ver seu decote e meu pau incha com a visão. Ela se contorce na cadeira, o movimento fazendo seu longo cabelo cor de ébano cair por cima do ombro. "Eu posso ver porque você faria a ventana perfeita", digo. "Você seria uma fraqueza terrível para qualquer homem, *krasivaya*." Eu me mexo no meu lugar, porque ela está deixando o meu pau duro.

"Donovan," grito e ele vem correndo para o escritório. "Leve-a. Coloque-a no carro," digo.

Ela a solta e ela luta, resistindo e contorcendo-se como um gato selvagem. Eu calmamente ando até ela e seguro seu queixo enquanto a arrasto para perto de mim. "Continue lutando gatinha. Vou quebrar você." Ela endurece por um

momento, suas respirações duras fazendo os seios perfeitos subirem e descerem em ondas irregulares.

“Vieta a la meierda”, ela pragueja antes de Donovan arrasta-la dali lutando.

Eu verifico meu relógio antes de pegar o telefone e ligar para Alex. Eles devem ter terminado agora.

"Chefe," Alex responde.

"Está feito, sim?"

Ele suspira. "Jesús escapou."

Uma raiva lenta queima através de mim. "Você acabou de dizer que ele escapou?"

"Sim."

"Como diabos ele escapou? Eu te dei atiradores de elite, minas, mísseis se você quisesse!" Eu ferve. Se você quer um trabalho bem feito, tem que fazê-lo você mesmo.

"Ele usou a mulher do americano como escudo. Ela morreu."

Eu aperto em cima do meu nariz. "Merda."

Ele vai ficar completamente impossível agora e se Jesús ainda está vivo, ainda preciso do americano. Jude Pearson pode ser apenas um homem, mas é exatamente por isso que ele é tão perfeito. Um homem que faz um monte de dinheiro para as pessoas. Um homem com conexões leais e, possivelmente, o único homem que realmente teve uma chance de conseguir sua filha de volta do cartel. Ele é inteligente e pegou Andrea, o que realmente foi um jogo magistral, mas não um que se encaixou no meu jogo infelizmente ...

"Tragam-me o americano." Há uma pausa, um barulho e depois o silêncio. Eu sei que ele está ouvindo. "Sinto muito", digo. "Você deve se conter. Como Wilson Meizer disse uma vez: 'Para muitos um fio vivo estaria morto, exceto por suas conexões.' Sua filha pode ainda estar viva. Ela precisará de você, americano e uma guerra está chegando."

Fim

Wine